INQUÉRITO SOBRE A DOBRAGEM — LER NO SUPLEMENTO LITERÁRIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 785 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

NÃO HOUVE ACORDO EM LISBOA PARA A LISTA ÚNICA DE OPOSIÇÃO

mas a C.E.D. e a C.E.U.D. «estão dispostas a coordenar esforços na luta comum» — diz o comunicado conjunto

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.) e da Comissão Democrática Eleitoral (C. D. E.), o comunicado conjunto que a seguir publicamos:

«Reuniram-se durante os dias 8, 9 e 10 os representantes da Comissão Democrática Eleitoral e da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática de Lisboa, abaixo-assinados, para tentar estabelecer um acordo para a apresentação de uma lista única de candidatos que englobasse tanto quanto possível todas as correntes da oposição democrática.

Pela C. E. U. D. foi proposto verbalmente:

«Que os dois movimentos, embora continuando formalmente distintos, patrocinariam uma lista única, cujos candidatos seriam escolhidos em perfeita paridade (isto é, 6-6) pelas duas Comissões e fazendo-se a conjugação de esforços através de formas orgânicas a estabelecer por elas.

(Continua na página central)

UMA POLÍTICA PARA A PESCA

«Aumentar a produção de pescado e fomentar o seu consumo» é um dos objectivos do actual Plano de Fomento. Tudo depende, por agora, da realização das necessárias condições de base sobre as quais assentará a obra final e urgente — uma política da pesca. Ler na pág. 7 o segundo de uma série de artigos de Afonso Praça.

FUNERAL DE HO CHI MINH — Aspecto da tribuna de honra da praça Ba Dinh, na capital norte-vietnamiana, por ocasião do serviço funebre em honra de Ho Chi Minh. Cerca de um milhão de pessoas concentrou-se em Hanói, a fim de assistir ao funeral do presidente do Vietnam do Norte

Padre catalão acusado de «propaganda ilegal»

MADRID, 11 — (F. P.) — O procurador do tribunal da ordem publica pediu ontem uma pena de sete anos de prisão para o padre de Barcelona José Maria Juan Torres, acusado de «propaganda ilegal».

O eclesiástico em questão, tinha denunciado, diz-se nos meios bem informados, «a repressão policial no país basco e na Catalunha), durante uma homília pronunciada numa missa, em 8 de Março ultimo.

Nova «Conversa em Família» do Chefe do Governo

O Presidente do Conselho, sr. prof. dr. Marcello Caetano, pronunciará hoje, ás 21 e 30, nos estudios da Radiotelevisão Portuguesa, uma das suas habituais alocuções ao País.

A referida alocução será simultaneamente transmitida pelas estações de Rádio nacionais.

REPRESÁLIAS

ATAQUE EGÍPCIO

CAIRO, 11 — (R) — Caças-bombardeiros egípcios atacaram forças israelitas e posições de defesa anti-aérea no Sinai. O golpe foi hoje desferido como represália pelos repetidos ataques aéreos israelitas contra postos fronteiriços egípcios — afirmou um informador militar do Cairo.

O porta-voz militar do Cairo disse ainda que aviões israelitas tinham tentado pontos fulcrais em Zaafarana e Ras Shukair, no Golfo de Suez, mas que haviam sido interceptados pelos caças egípcios e pelo fogo da D. C. A. e forçados a fugir.

AVIÕES ABATIDOS

TEL-AVIV, 11 — (F. P.) — Foram abatidos dois aviões egípcios e danificado um terceiro durante um ataque aéreo desencadeado esta manhã pela aviação da R. A. U. contra posições israelitas no sector setentrional do Canal de Suez anunciou o informador israelita.

Um dos aviões egípcios foi abatido em combate aéreo, o outro caiu por ter sido atingido por um míssil Hawk e o terceiro foi danificado, pela D. C. A. israelita. Todos os aparelhos israelitas regressaram ás bases.

NO DOMINGO HÁ FUTEBOL COM EUSÉBIO

«Se o assunto se resolver a tempo, Eusébio lá estará no próximo domingo, na Luz, a defrontar o Vitória de Guimarães» — anunciara o treinador Otto Glória. Pois o assunto resolveu-se, isto é, o Benfica e o seu famoso jogador chegaram finalmente a um acordo quanto às condições para um novo contrato, válido por três anos. Contrato assinado — Eusébio de regresso ao futebol e à equipa do Benfica.

(Ler em DESPORTOS)

HOJE 28 PAGINAS

VISADO PELA CENSURA

«As doenças profissionais no trabalho agrícola»

— mesa-redonda de hoje nas Jornadas Médicas da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 11. — Prosseguiram hoje as VII Jornadas sobre Medicina do Trabalho, que decorrem nesta cidade. A primeira sessão de trabalho foi preenchida com uma comunicação da dr.ª Maria Alba de Castro sobre «O médico do trabalho e o meio rural». Nas duas outras sessões da manhã, falaram o dr. Afonso Botelho («Fenomenologia da prevenção rural») e eng.º Madeira Clemente («Prevenção técnica dos acidentes de trabalho agrícola»).

À tarde, realizou-se uma mesa-redonda sobre «Doenças profissionais no trabalho agrícola», com intervenções, entre outras, dos srs. dr. José Bessa («Doenças provocadas por pesticidas»); prof. dr. Ramos Lopes («Doenças infecto-contagiosas»); prof. dr. Poiares Baptista («Dermatoses»), e dr. J. Miguel Goulão («Higiene geral e especial»). Foi moderador o prof. dr. Mário Trincão.

Amanhã, as Jornadas continuam com uma mesa-redonda sobre «Alcoolismo e trabalho», sendo moderador o prof. dr. Roberto Gouveia.

Um raio fulminou 46 cabeças de gado

VILA REAL, 11. — Pairou sobre a zona poente da cidade uma violenta trovoada, caindo faíscas contínuas.

No lugar de Sirarelhos, freguesia de São Miguel da Pena, deste concelho, um raio carbonizou 46 cabeças de gado caprino.

O pastor nada sofreu, por estar, na altura em que a faísca caiu, um pouco desviado.

MATRÍCULAS NO CONSERVATÓRIO

Termina no dia 25 deste mês o prazo normal para a matrícula dos candidatos que pretendam frequentar o Conservatório Nacional.

Depois de 25 de Setembro e até 15 de Novembro, ainda se podem efectuar matrículas, mas já sujeitas a uma sobretaxa de 310$00.

Com vista aos novos alunos, esclarece-se que os cursos do Conservatório Nacional preparam para diversas actividades oficiais e particulares, tais como: professor dos Conservatórios e Academias de Música; professor de Música e Canto Coral dos Liceus, Escolas Técnicas e colégios particulares; concertista; executante de orquestras. Os diplomados do Conservatório podem ainda candidatar-se a bolsas de estudo no estrangeiro, periódicamente concedidas pelo Instituto de Alta Cultura e pela Fundação Gulbenkian.

O ECLIPSE DO SOL QUE NÃO SE VÊ

Ocorre hoje, como anunciámos, um eclipse (anular) do Sol, que não é visível de território português, e, assim, sem qualquer interesse para nós. Aliás, o céu em quase todo o território continental apresentou-se forrado de nuvens, chovendo em muitas zonas.

O fenómeno principiou ás 7 horas e 1 minuto (longitude, 169° 34' W; latitude, 36° 56' N); começo da fase anular, ás 18 e 7 (longitude, 173° 32' E; latitude, 41° 32' N); fim da fase anular, ás 21 e 50 (59° 39' W; latitude, 16° 8' S), fim do eclipse, ás 22 e 55 (longitude, 76° 18' W; latitude, 20° 45' S). Máxima duração da fase anular=3 m. e 10 s.

É o eclipse visível da parte oriental do Pacífico, da extremidade oriental da Ásia, do Alasca, da América do Norte, menos da parte nordeste, da parte ocidental do Atlântico Norte e da América do Sul, excepto da parte oriental e do extremo sul.

No dia 25, como também dissemos, ocorrerá o último dos eclipses deste ano: outro eclipse penumbral da Lua.

NOVOS PRESIDENTES DE MUNICÍPIOS

A Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior enviou para o «Diário do Governo» uma portaria do titular daquela pasta nomeando presidente da Câmara Municipal de Paredes o dr. Acácio José Alves Pereira, que preencherá a vaga deixada (por ter findado o respectivo mandato) pelo sr. Joaquim da Rocha Leal, a quem foi conferido louvor pela «competência, zelo e dedicação» com que o ocupou.

Uma outra portaria reconduziu, como vice-presidente do Município da Figueira da Foz, o sr. dr. Alfredo Antunes dos Santos.

Peniche e Ovar

O sr. Francisco de Jesus Salvador, proprietário e armador de pesca, é investido depois de amanhã (ás 16 horas, nos Paços do Concelho) no lugar de presidente do Município de Peniche. A posse ser-lhe-á conferida pelo governador civil de Leiria.

Idêntica cerimónia está marcada para o mesmo dia (18 horas) em Ovar, onde o chefe do distrito de Aveiro dá posse ao novo presidente do Município local, sr. Francisco José Correia de Almeida.

Feira de gados em Pombal

POMBAL, 11 — No lugar da freguesia do Carriço, deste concelho, procedeu-se, ontem, à inauguração da feira de gado bovino, suíno, muar e caballar; legumes, cereais, fruta e venda de diversos artigos (feirantes). A feira terá lugar nos terrenos frente á igreja matriz, situados na parte nascente da estrada nacional Figueira da Foz-Leiria.

DE ONTEM PARA HOJE

OS «TRANSPORTES DE AUTOMÓVEIS»

Chamam-lhes «ferry-cars» a esses navios onde os automóveis entram para ser levados sobre as águas e desembarcarem depois em terra firme, podendo prosseguir por seus meios na roda-viva do trânsito. O automóvel tornou-se um dos elementos essenciais da vida moderna e quem viaja precisa de o ter á mão. Sair de Portugal para Inglaterra, da Europa para a América, deixando o automóvel na nossa garagem, é como se fôssemos amputados da rapidez de movimentos. Daí esses navios-transportes de automóveis que levam os carros para onde vão os donos. Há semanas estabeleceu-se uma carreira entre Southampton e Lisboa; depois foi interrompida. Ontem, atracou á doca de Alcantara o «Dragon», da Compagnie Normandy Ferries. A A. G. P. L. remodelou o cais e poderão atracar navios de maior arqueação. Note-se que a pausa de dois meses e meio estava prevista no programa da própira companhia, já quando em 1966, o «Sunward» inaugurou as antigas instalações. A escada rolante então não suportava cargas superiores a 15 toneladas; além disso, concebido em angulo recto, o pontão dificultava os movimentos dos carros. Presentemente, aumentou o espaço e o cais assegura uma capacidade de 40 toneladas. Um porta-voz dos representantes da Compagnie Normandy Ferries em Portugal declarou que, dadas as actuais facilidades técnicas, Lisboa passará a ser visitada por um terceiro «car-ferry» com o dobro da tonelagem e das instalações para passageiros — e que, a partir de 1 de Dezembro, a linha de Southampton por Lisboa se estenderá a Casablanca.

SALVAS DE MORREREM AFOGADAS

Seis raparigas foram tomar banho na praia da Barra, em frente ao Lavradio. Foram Custódia Maria da Silva Viegas, de 18 anos, Mariana da Conceição Guerreiro, de 19, Teresa de Jesus Páscoa Esteves, de 15, Maria dos Anjos Lopes Caeiro, de 17, e Maria Emília Santos, de 16 anos, todas da Baixa da Banheira. Nenhuma sabia nadar. A Mariana sentiu-se aflita em dada altura, indo em seu auxílio a Maria José e a Maria dos Anjos, mas aquela, agarrando-se a ambas, mais dificultou a tarefa. Felizmente apareceu no local o barbeiro, sr. Carlos Augusto Palma, de 21 anos, de Cabeça Gorda. Atirou-se á água e conseguiu arrancar as três raparigas a morte certa.

A PASSAGEM DE NÍVEL

É uma praga do nosso País. Passagens de nível sem guarda aqui e além, á espera dos desprevenidos que nelas entrem para ser ceifados pela ceifeira de má morte. Ontem foi entre Bebedouro e Resgatados, nas terras úberes de Montemor, entre a Figueira e Pampilhosa. Entre taludes, essa passagem de nível esperou que um condutor, bem prudente por sinal, nela entrasse. Surgiu então a automotora e o choque foi inevitável. Não houve mortos nem feridos, mas só por milagre os dois ocupantes escaparam. São eles o condutor sr. José Alberto Figueiredo Grou, de 24 anos, e sr. Avelino Ferreira Barroca, de 37 anos, ajudante.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. eng.º Rui Sanches e dr. José Hermano Saraiva, ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional; dr. Santos Júnior, deputado e presidente do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação; eng.º Armando Telo da Gama; e António de Melo Meneses, antigo combatente da Grande Guerra e herói do Ultramar, há mais de meio século radicado em Quelimane, que se encontra de visita á Metrópole, na sequência de um convite que lhe dirigiu o sr. almirante Américo Thomaz por ocasião da viagem presidencial a Moçambique em 1964.

EMBAIXADOR DA COLÔMBIA

A convite do Ministério do Ultramar, seguiu para Luanda o embaixador da Colômbia em Lisboa. Visitará Angola e Moçambique, durante três semanas.

NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Ao Ministério da Educação foram ontem as gentes de Arganil, Gois, Soure e Vila Nova de Poiares, agradecer ao titular daquela pasta a criação de estabelecimentos de ensino naquelas vilas. Vieram representantes da região para directamente dizerem ao ministro quanto se sentiam satisfeitos.

NO CAIS DO SODRÉ

Foi um espectáculo o de ontem no Cais do Sodré. A praça tem o seu quê de circular, mas não foi projectada para praça de toiros, como o Campo Pequeno. Ontem, porém, um boi que ia ao matadouro, desembarcara do navio «Gorgulho». O boi, mal se apanhou em liberdade, teve um autêntico desvairo e desatou em correria e dos Olivais largou pela Avenida Infante D. Henrique, com gente atrás, como se fora uma espera. Passou em toda a beira-rio até o Cais do Sodré. Um estivador ainda tentou uma pega, mas foi parar ao hospital.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Externato Feminino Francês
Rua do Salitre, 62 — Tel. 43784 — LISBOA
ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO — PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL
CURSOS NOCTURNOS, 1.º e 2.º CICLOS
Nova Direcção, Novos métodos pedagógicos

JÚLIO VERNE
Nova colecção ilustrada
Na selva africana
AVENTURAS
DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES
Um grupo de exploradores a quem a África oferece os mais incríveis contratempos e empolgantes sucessos.
Desenhos da edição original francesa de FERAT, gravados por PANNEMAKER.
Volume de 216 páginas: 25$00.
LIVRARIA BERTRAND

MONUMENTAL DE CASCAIS
DOMINGO, 14 — ÀS 16.45 HORAS
M/ 6 ANOS
SENSACIONAL CORRIDA
CAVALEIROS
FREDERICO CUNHA
G. MORENO PIDAL
ESPADAS
MÁRIO COELHO
AGUSTIN CASTELLANO
EL PURI
FORCADOS AMADORES DO APOSENTO DO BARRETE VERDE DE ALCOCHETE
comandados por ANTÓNIO LUÍS PENETRA
4 — TOIROS DE LIMA MONTEIRO
4 — TOIROS DE JOÃO RAMALHO
BILHETES À VENDA: AGÊNCIA ASEP — RESTAURADORES E EM CASCAIS NOS LOCAIS DO COSTUME.
TELEF. 28 10 07

O suposto incendiário da Al Aksa parece sofrer de esquizofrenia

JERUSALÉM — O Conselho Muçulmano rejeitou a proposta dos extremistas, segundo a qual a Mesquita de Al Aksa deveria permanecer tal como agora se encontra, até ao fim da ocupação do sector oriental de Jerusalém pelos israelitas.

O Conselho, pelo contrário, deseja dar início ás reparações, a fim de proteger as outras partes da mesquita, que, na sua maioria, não sofreram nada com o incêndio.

Esta notícia veio a lume, na última semana de Agosto, ao mesmo tempo que as coisas se complicavam acerca do suposto incendiário, Michael Rohen. Fontes dignas de crédito indicam que a condição mental de Rohen impede a sua condenação.

Além disso, certas indicações fazem pressagiar que a questão religiosa possa intervir nos debates. Parece que Rohen não é afinal membro da Igreja de Deus, como foi anunciado pela Polícia israelita. É muito possível que ele proclame ser judeu. Duvida-se que ele alguma vez tenha sido baptizado.

A confusão que existe acerca da sua religião atiçaria os rumores que circulam já nos meios árabes de Jerusalém. Alguns muçulmanos sustentam que o verdadeiro nome de Rohen é Cohen e que ele foi incitado pelos israelitas a cometer o incêndio. Nenhuma prova abona esta hipótese. A confusão que a sua religião suscita parece derivar da sua própria condição mental, que o levou a prestar declarações confusas.

As convicções religiosas de Rohen fundam-se nos trabalhos de Herbert W. Armstrong, director do *Ambassador College*, de Pasadena (Califórnia), cujos programas religiosos são difundidos por todo o Mundo. Supõe-se que Rohen não teve qualsquer contactos com os responsáveis do colégio, para lá do pagamento das propinas e das lições.

Pura coincidência, no entanto: o *Ambassador College* é um dos promotores do programa de escavações empreendidas pela Universidade Hebraica, ao longo do muro ocidental do templo, situado imediatamente abaixo da Mesquita Al Aksa.

Os dirigentes muçulmanos, na altura do incêndio, citaram estas escavações como prova suplementar de que Israel administrava mal os lugares santos muçulmanos.

A polícia israelita comporta-se como se Rohen estivesse no pleno uso das suas faculdades mentais. Confessou ter deitado fogo e aparentemente de bom grado, reconstituiu todo o crime perante a polícia.

A sua pressa de colaborar seria devida ao facto de estar convicto de que agiu, neste caso, como instrumento de Deus. Parece que o motivo que o levou a recusar a escolha de um advogado se funda na sua convicção de que Deus o há-de defender. Segundo uma fonte digna de crédito, as suas declarações e as suas acções denotariam que está atacado de esquizofrenia.

Os funcionários israelitas declararam que a questão do estado mental do arguido só pode ser considerada quando a defesa a levantar, isto é depois da acusação formal.

Rohen teria declarado que se sujeitou a tratamento psiquiátrico, há 3 anos, na Austrália, nada indicando que ele tencione alegar alienação mental. Declarou que o seu acto foi de inspiração divina e que não constituia nem um crime nem um indício de alienação mental.

Os muçulmanos extremistas querem, como acima se disse, que a mesquita fique por reparar como um desafio lançado aos Estados árabes para que estes se disponham a reconquistar Jerusalém.

No entanto, com a chegada do Inverno, se a reparação se não efectuasse, a mesquita seria gravemente lesada pelas chuvas.

Por LOUIS B. FLEMING
«The Los Angeles Times»-«Diário de Lisboa»

A PAPELEIRA

A casa era a papeleira. Dona Susana revia-se nela, passava horas em frente. «É de estilo», habituara-se a dizer, durante anos, às visitas. De que estilo, talvez não soubesse, mas isso pouco importava. A papeleira fora da avó, exagerando um pouco, talvez tivesse sido da bisavó. Era coisa qua não deixaria por nada.

«Quando me tirarem a papeleira de casa, arrancam-me o coração. Morro nesse dia. Você já viu uma papeleira assim?», *dizia-me centenas de vezes. E eu acreditava, sinceramente, naquele amor. Para Dona Susana, a papeleira seria a vida, a respiração, qualquer coisa que estava, mesmo, antes dos gatos, que ela adorava.*

Sim, porque D.ª Susana era velha e não tinha filhos. O marido, há anos doente e de cama, era um objecto na casa. Só que tinha a reforma e havia que mantê-lo vivo, vivo a todo o custo. «Quando eu era nova (conheci o meu Alfredo era ele cadete) não reparava nesta papeleira. Sei lá, havia tantos móveis em casa, eram todos iguais. Mas agora não. Nunca hei-de desfazer-me da papeleira».

Anos após anos, sem outro assunto (a doença do seu Alfredo há muito que deixara de ser tema), a conversa de Dona Susana era a papeleira. Mais nada. Só que, um dia, Alfredo não acordou mais. Levou consigo a reforma, deixou-lhe a pensão. Pensão que dava a Dona Susana para tomar o pequeno almoço (e não todos os dias).

Os móveis foram escasseando na casa. Hoje uma cama, amanhã um guarda-fatos, depois as cadeiras, as salas iam ficando nuas, e, lá dentro, apenas Dona Susana, os gatos e a papeleira. «*Por que não vende a papeleira, Dona Susana?*», *dizia o ferro-velho.* «*A papeleira não. Sabe, senhor Sousa, a papeleira era da avó. Antes a morte*».

Não estranhei, por isso, que, no dia em que, finalmente, o Sousa lhe arrancou a papeleira, alguém tivesse visto Dona Susana, trôpega, encaminhar-se para os lados do rio, com seus gatos ao colo, para não mais ser vista.

TORQUATO DA LUZ

ECOS

A melhoria das relações russo-jugoslavas, que se haviam tornado extremamente tensas após a crise de Praga, evoluiu de forma espectacular depois da visita de Gromyko a Belgrado. Sem de modo algum capitular na importante questão da realização do socialismo segundo as peculiaridades de cada país e sem se dobrar, òbviamente, a aprovar a invasão da Checoslováquia, a Liga dos Comunistas da Jugoslávia entende que na hora actual o campo socialista tem de cerrar fileiras e considera que são bem maiores os pontos de acordo entre a sua pátria e a União Soviética do que as divergências, de que naturalmente não abdica. O jornal **Le Monde** publica a este respeito um editorial do qual extraímos o seguinte passo: «Tal como os soviéticos, o marechal Tito receou sempre a acção das forças anti-socialistas. Porém, contràriamente aos russos — e essa diferença é essencial — acredita que cada partido comunista é capaz de regular por si próprio os seus problemas e denega assim aos soviéticos e seus associados o direito de se imiscuírem no que não lhes respeita. Foi esse princípio que inspirou as declarações sovieto-jugoslavas de 1955 e 1956. Era possível agora perguntarmo-nos se Brejnev não estaria a desfazer o que Kruchtchev fizera. Mas o comunicado assinado por Gromyko é bem explícito no que se refere ao respeito pela soberania nacional, à igualdade dos países comunistas e à não ingerência nos assuntos alheios. Os dirigentes jugoslavos consideram que, obtendo dos russos, um ano após a ocupação da Jugoslávia, a reafirmação pública destes princípios, alcançavam um êxito.»

É claro que, por outro lado, Brejnev declarou ainda recentemente que a União Soviética nunca ficará indiferente ao destino do socialismo num país irmão. De toda a maneira, deu-se um passo em frente. E a história segue sempre o seu curso com avanços e retrocessos...

A alta dos preços em França processou-se num ritmo anual superior a 6 por cento. O que o Governo francês pretende no momento presente é obstar à continuação dessa inflação e conseguir que as exportações cubram de novo as importações. Pensa atingir esse resultado retirando da produção das empresas francesas uma mais valia disponível para essas exportações. É, todavia, muito falível, que esse capitalismo de Estado sinta efeito e, se tal não suceder, não só a desvalorização do franco terá fracassado como se põe o problema de nova desvalorização em 1970. A falência desta política acarretaria quase inevitàvelmente a falência do neo-capitalismo em França levando o país a buscar o seu destino e o seu desenvolvimento em soluções socialistas. Roger Priouret, escrevendo no **Express**, considera, de acordo com as suas posições ideológicas, verdadeiramente dramática esta perspectiva de malogro. Conclui: «Há que aguardar a segunda parte dos projectos governamentais para saber se estes concernem aos problemas de fundo.»

*

É possível estudar os fundamentos do comportamento humano por meio de investigações praticadas em cobaias. Todavia, a posse da linguagem estabelece uma diferença profunda entre a espécie humana e certas espécies sub-humanas, com meios de comunicação relativamente aperfeiçoados. Os processos experimentais utilizados na psicolinguística são muitas vezes os da aprendizagem verbal. Tem-se verificado, através de estudos baseados no uso de sílabas como materiais de aprendizagem, que algumas das sílabas «sem sentido» significam mais do que as outras. Fazendo convergir a poética e a psicolinguística, chega-se a conclusões rigorosamente científicas a que as teorias estéticas do naturalismo não podem resistir.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATO INFANTIL E PRIMÁRIO
A ÁRVORE
TRAV. DO OLEIRO, 11, 2.º
(a S. Bento) — LISBOA-2
TEL. 690586 DAS 15 AS 19.30 H.
PEDAGOGIA MODERNA
Actividades Artísticas — Matemática Moderna — Inglês diário — Iniciação ás Ciências e á Musica — Visitas de Estudo — Meios Audiovisuais — Ginástica e Jogos no Jardim

LOJA DAS MALHAS
Durante as obras continua a SALDAR a preços baixos:
CASACOS — GABARDINES — VESTIDOS — TAILLEURS — GILETS — BLUSAS — SAIAS, ETC.
Aproveite esta oportunidade, no interesse de V. Ex.ª.
Brevemente abertura da estação.

EXTERNATO DO AEROPORTO
ENSINO INFANTIL PRIMÁRIO
Moradia circundada por aprazível jardim, com recreio de Inverno.
AV. GAGO COUTINHO, 162 — TELEF 727071

SALÕES DE ARTE INFANTIL NO ESTORIL

Os salões de Arte Infantil organizados, desde 1966, pela Sociedade Estoril-Sol, com o fim de possibilitar aos jovens o trabalho criador e a sua educação pela arte, têm tido, todos os anos, elevado número de concorrentes, o que demonstra serem muitas as crianças com vocação nata para o desenho e pintura.

Esta realização entusiasma-as a prosseguir não só pela divulgação dos seus trabalhos como, ainda, pelo facto de serem atribuídos prémios e diplomas aos que evidenciem melhor a psicologia e a sensibilidade infantis. O juri é constituído por metodólogos especialistas no ensino da arte.

Os três primeiros prémios totalizam 3500 escudos e há, ainda, outro grupo de três prémios formado por livros. A entrega dos trabalhos pode ser feita, até 15 de Outubro próximo, na secção cultural daquela sociedade, no Casino Estoril.

Necrologia

FALECIMENTOS

José Augusto do Nascimento Branquinho

COVILHÃ, 10 — Faleceu o sr. José Augusto do Nascimento Branquinho. Contava 52 anos, era natural de Mirandela, casado com a sr.ª D. Maria de São José Abrunhosa e pai dos srs. Alberto Augusto e António Julio Abrunhosa Branquinho.

O sr. Nascimento Branquinho desempenhou nesta cidade os cargos de fiscal do Desemprego e de funcionário sindical.

Álvaro Alves da Costa

COVILHÃ, 11 — Faleceu o sr. Álvaro Alves da Costa («Parrana»), de 57 anos, solteiro, profissional de barbearia. Era irmão das sras D. Rosa Alves da Costa, D Ana A. Costa, D. Adelaide A Costa, D. Ana A. Costa. D. Albertina A. Costa e cunhado dos srs. António Rodrigues Peixoto e José Nunes Rico Marques.

D. Maria José de Jesus Horta

COVILHÃ, 11 — Faleceu no hospital a sr.ª D. Maria José de Jesus Horta. Contava 42 anos, era casada com o sr. David Lucas Marques, comerciante, e mãe da menina Maria de Jesus Horta Marques e de João e Manuel Horta Marques.

FUNERAIS

Capitão António Bandeira Peixoto

Saiu, esta manhã, com grande acompanhamento, do Hospital Militar Principal, para jazigo no cemitério dos Prazeres, o funeral do sr. capitão António Bandeira Peixoto, que desempenhou importantes missões e foi combatente da Grande Guerra de 1914 a 1918. Natural do Porto (Bonfim), contava 76 anos, era casado com a sr. D Fernanda Vieira de Sá Peixoto. Irmão da sr.ª D Maria Luisa Peixoto Vieira de Sá e dos srs. Jorge Bandeira Peixoto e Mário Bandeira Peixoto.

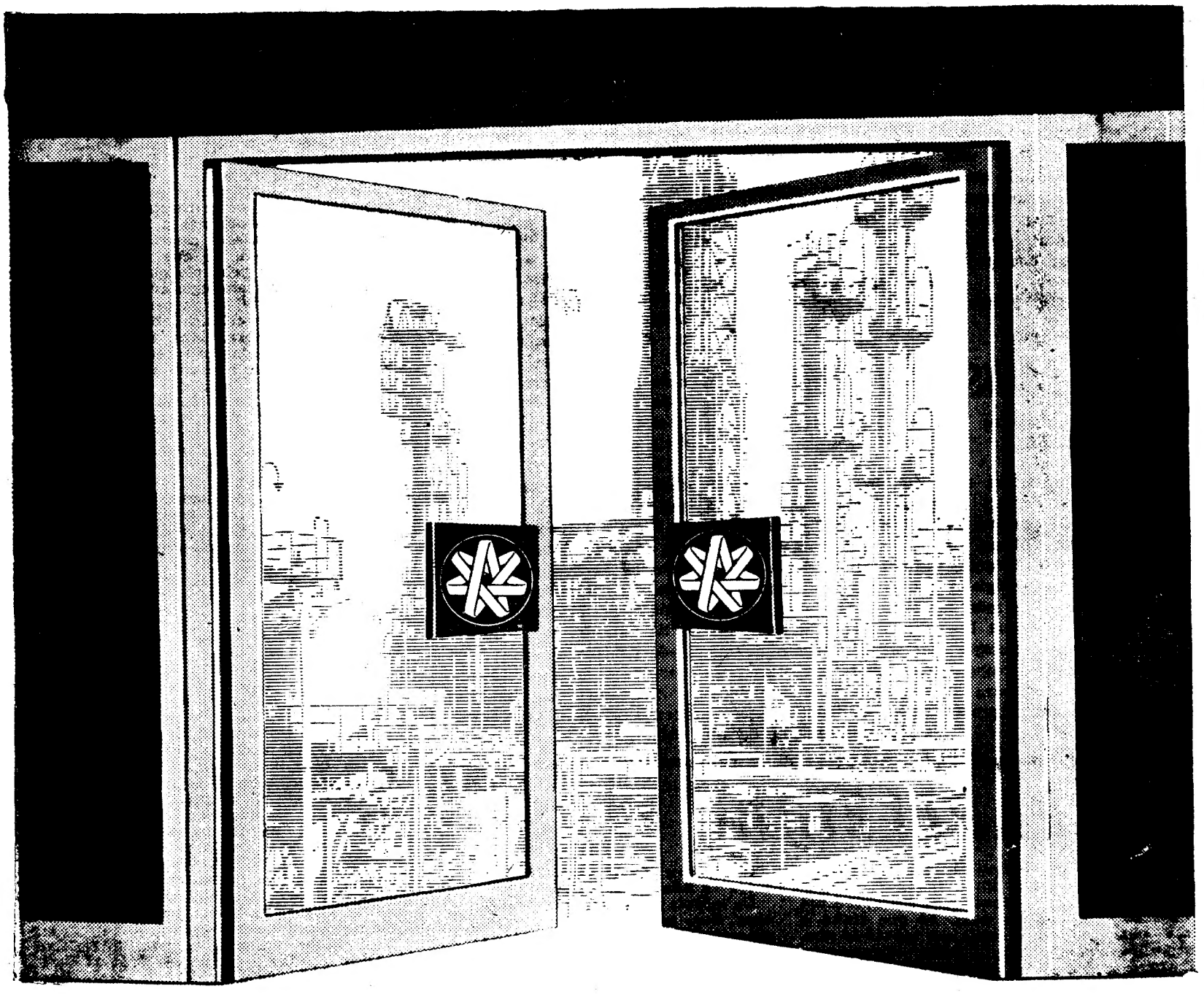
Eduardo Ferreira Ançã

ÍLHAVO, 11 — Realizou-se, com grande acompanhamento, vindo o ataúde da capela de Santo António em Aveiro, onde foi rezada missa de corpo presente, para o cemitério desta vila, onde ficou, temporàriamente, em jazigo particular, o funeral do sr. Eduardo Ferreira Ançã, natural desta vila. Era casado com a sr.ª D. Gracinda Correia Prego e pai das sr.as D. Maria Virgínia Prego Ferreira Ançã Regala e D. Maria Odete Prego Ferreira Ançã Belo e do sr. Fernando Miguel Prego Ferreira Ançã, funcionário bancário. Exerceu os cargos de aspirante, chefe e director de finanças e por fim o de chefe da Repartição do Tesouro. Prestou relevantes serviços a muitos seus conterraneos pois gozava de grande prestígio e de gerais simpatias.

Exames de aptidão à Escola de Enfermagem Artur Ravara

Na Escola de Enfermagem Artur Ravara, os exames de aptidão para os cursos de auxiliares de enfermagem decorrerão nos dias 15 e 16, ás 8 e 30 e ás 14 e 30, por quatro grupos.

Por outro lado, as provas para o curso de enfermagem geral efectuar-se-ão no dia 17, ás 8 e 30.



JUNTOS,
ABRIMOS TODAS AS PORTAS

No caminho do progresso,
participamos de um
esforço comum,
para construir realidades
perduráveis.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

EXTERNATO
NUN'ÁLVARES
PRIMÁRIO — LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
PROFESSORES ESPECIALIZADOS
Praça João do Rio, 2
T. 722461 (ao Areeiro)

«Maria Isabel» é o mais recente êxito discográfico do agrupamento sul-americano «Los Payos», que se apresentam nos estudios da RTP em programa que será gravado nos primeiros dias do próximo mês

Imagens filmadas de Cabo Verde

CIDADE DA PRAIA, 11 — (A. N. I.) — «Cabo Verde poderia ser um verdadeiro centro turístico internacional e é pena que só os estrangeiros reconheçam as suas possibilidades, pois o capital português muito poderia ajudar» — declarou o realizador cinematográfico Felipe de Solms á partida de Cabo Verde, depois de, acompanhado dos cineastas Jean Leduc e Gilbert Sarthre, ter recolhido imagens do arquipélago para uma revista internacional.

A equipe, que seguiu para a Guiné com idêntica finalidade, filmou o vulcão do Fogo de bordo de um avião e aspectos variados das ilhas de Santiago e do Sal.

Por sua vez, Jean Leduc afirmou:

«Infelizmente não visitei todas as ilhas de Cabo Verde. Mas através de Santiago verifiquei possuirem todos os elementos exigidos pelo turismo moderno, tal como os europeus o procuram: o mar e os desportos marítimos, num clima excelente, a montanha e a vida rural do interior, e, acima de tudo, uma «presença» humana, que se sente fortemente tanto ao longo das estradas como nas cidades e vilas».

O fadista cómico Joaquim Cordeiro vai cumprir um contrato nos Estados Unidos da América do Norte e Canadá, onde permanecerá durante 45 dias. A partida está marcada para o próximo dia 16 de Outubro

TAUROMAQUIA

Chibanga triunfa em Espanha

BARCARROTA, 11. — O novilheiro português Ricardo Chibanga, conhecido em Espanha por «El Africano», cortou quatro orelhas na novilhada aqui realizada, sendo o triunfador juntamente com «El Bormujano» e saindo ambos em ombros.

O curro de José Escobar saiu bravo e perigoso para «El Bormujano» (ovação, orelha-orelha), Ricardo Chibanga (aplausos, duas orelhas duas orelhas) e «Morenito de Cáceres» (colhido de prognóstico reservado, sendo os seus novilhos despachados pelos outros alternantes).

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Durante a «homenagem a Ingmar Bergman», que está a decorrer num cinema experimental de Milão, com o patrocínio cultural da Cinemateca italiana será apresentada uma exposição fotográfica intitulada «O olho do diabo: o mundo do existencialismo nórdico visto por Ingmar Bergman».

■ O realizador Pierre Grimblat projecta rodar um filme que seria o «negativo» da «Branca de Neve e os Sete Anões». A actriz Jane Birkin seria a antítese da heroína de Disney e seria vítima de um rapto; ao passo que os sete anões se tornariam nos «sete gigantes», o provável título da película.

SALDOS

GALEÃO

CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL, GABARDINAS, CARTEIRAS, CINTOS E MALAS DE SENHORA E DE VIAGEM

R AUGUSTA, 190

NÃO DEIXE DE APROVEITAR ESTA OPORTUNIDADE!

8.ª SEMANA

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

no Cinema

maiores de 21 anos

FILMES CASTELLO LOPES apresenta

Contra o triplo símbolo da corrupção, do roubo e do

CRIME!

STEWART GRANGER

dinâmico como sempre e mais sedutor do que nunca

em

SOB O SIGNO DA SUSPEITA

(The Trygon Factor)

com

SUSAN HAMPSHIRE · ROBERT MORLEY · SOPHIE HARDY
JAMES ROBERTSON JUSTICE · BRIGITTE HORNEY

Realiz. CYRIL FRANKEL · Argum. DERRY QUINN · TECHNICOLOR · Adultos

HOJE, ESTREIA POLITEAMA

NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

HÁ SEMPRE NOVIDADES QUE SATISFAZEM OS GOSTOS MAIS EXIGENTES

ESPECTÁCULO PERMANENTE ATÉ DE MADRUGADA — TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO — REQUINTADO SERVIÇO DE RESTAURANTES

STANDS DE EXPOSIÇÕES, DIVERTIMENTOS, RESTAURANTES, RETIROS, SORTEIOS, ETC.

ABERTURA ÀS 19 HORAS

HABILITE-SE AO SORTEIO MENSAL DE 5 MOTORIZADAS CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

Em CORUCHE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

BOUTIQUE Pituxo

RUA SERPA PINTO, 16-C

HOJE ÚLTIMO DIA

FABULOSOS

SALDOS

RESTOS COLECÇÕES

AS FINALIDADES PODEM NÃO SER AS MESMAS, OS PROCESSOS SERÃO OUTROS, MAS A RUDEZA E A CRUELDADE, A SUBTILEZA E A IGNOMÍNIA CONTINUAM A IMPERAR NAS ACÇÕES DOS

GANGSTERS 70

Com JOSEPH COTTEN, FRANCA POLESELLO e GIAMPIERO ALBERTINI

TECHNICOLOR — TECHNISCOPE

FILMES OCIDENTE ★ (ADULTOS)

ESTREIA — HOJE, ÀS 21,45 ROMA

A B C

2 SESSÕES ÀS 20.45 E 23 H.

(Adultos)

JOSÉ MIGUEL

apresenta com

Lotações esgotadas

A REVISTA POPULAR DE QUE LISBOA FALA

ENA, JÁ FALA!

2 HORAS A RIR

com

IVONE SILVA - RIBEIRINHO - NICOLAU BREYNER - HENRIQUETA MAIA - ÓSCAR ACÚRSIO - NATALINA JOSÉ e FERNANDA BAPTISTA

GRANDE CORPO DE BAILE

NOS PALCOS DO MUNDO

■ *Roger Vadim vai abandonar, provisòriamente, os estúdios cinematográficos pelo teatro, pois será o encenador, no próximo Inverno, em Paris, da peça «Oh, Calcutá», de que Annie Fargue, a produtora de «Hair», acaba de adquirir os direitos.*

● *Uma nova companhia vai empreender uma digressão pelas províncias de Espanha, com a comédia de Luís Caguart, «Tu, eu e os papás».*

● *A ópera de Puccini, «Madame Butterfly», dirigida pelo maestro Napoleone Annovazzi, inaugurou, em Trieste, a temporada lírica estival de 1969. Gianna Amato cantou a parte da protagonista, ao lado de Anita Caminada, Carlo Bini e Gino Orlandini.*

A actriz Imogen Hassal chegou atrasada á estreia londrina de «Easy Rider» por uma razão muito simples: o filme começara a ser exibido (em sessão contínua) depois do almoço. Mas o seu aparecimento foi pretexto para um intervalo — como se vê — bastante agradável

Vasco Morgado em Moçambique

Vasco Morgado encontra-se em Lourenço Marques onde, além de acompanhar uma parte da «tournée» da companhia teatral de Laura Alves, pretende apresentar uma série de «shows» musicais.

No primeiro elenco que Vasco Morgado tenciona deslocar a Moçambique figuram Rui de Mascarenhas e Paula Ribas.

FILMES ARGENTINOS

Amanhã, ás 18 horas, no salão de cinema do Palácio Foz, haverá uma sessão em que serão exibidos os filmes argentinos «Aqui Mar del Plata», «Jujuy», «Mendoza vista de blanco» e «Aqui Buenos Aires».

DEPOIS DE
«UM HOMEM E UMA MULHER»
E «VIVER PARA VIVER»

SÃO JORGE

ESTREIA HOJE ÀS 21,30
INTEGRADO NO «CICLO DE CINEMA FRANCÊS»

Claude Lelouch

VIVER AMAR MORRER

(LA VIE, L'AMOUR ET LA MORT)

com
AMIDOU
CAROLINE CELLIER
JANINE MAGNAN
MARCEL BOZZUFFI
PIERRE ZIMMER
CATHERINE SAMIE

ADULTOS

PATRÍCIA
Boutique
(DRUGSTORE)
AV. DA LIBERDADE, 232
SALDOS
GRANDE BAIXA

Um êxito clamoroso!
13.ª SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em terceiro mês de lotações esgotadas na sala fresquinha do
MONUMENTAL
RI-TE RI-TE
HOJE
em DUAS SESSÕES
20.45 e 23 horas
(ADULTOS)
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

A COMÉDIA QUE FAZ RIR O MAIS SISUDO!
VARIEDADES 7.ª semana
VASCO MORGADO apresenta
OS DIREITOS DA MULHER
UM CASO MUITO SÉRIO TRATADO A RIR...
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM
TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA ● LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO
HOJE, ÀS 21.45 H. — (Adultos)
DOMINGO, À TARDE, ÀS 16 H.

O CONSAGRADO PIANISTA
TONY AMARAL
NO BICO DOURADO
TODAS AS NOITES
RUA DA MISERICÓRDIA, 12 — Telefone 36 86 49

HÁ PESCAR E PESCAR, HÁ PERDER E GANHAR

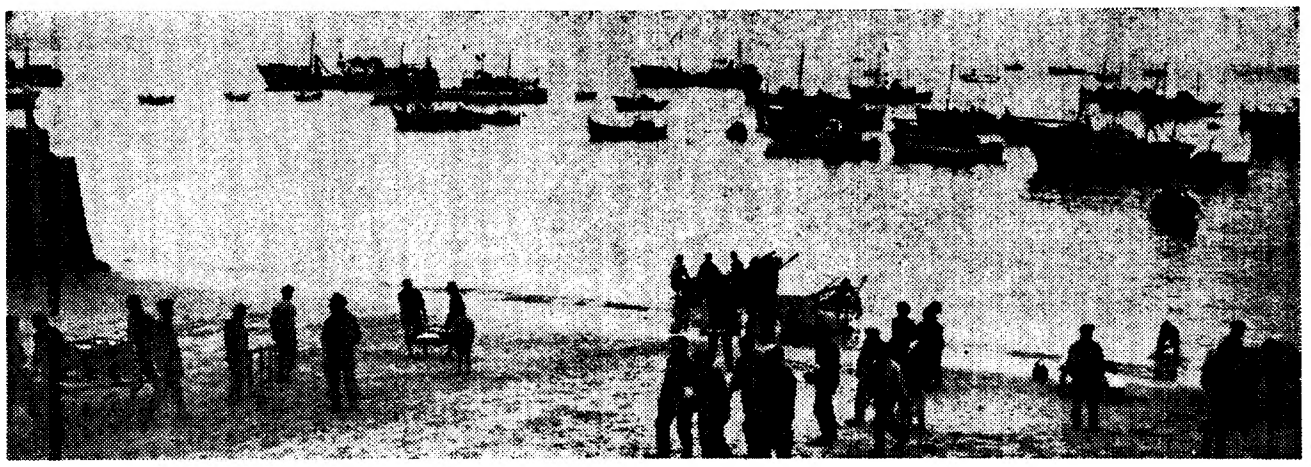
2

A nossa pesca costeira é ainda demasiado artesanal

UMA HISTÓRIA DA PESCADINHA DE RABO NA BOCA E PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO

O peixe é caro? De uma maneira geral, dizem-nos que sim e há até quem afirme que é caríssimo. Além disso, todos sabemos que o preço do peixe no consumidor é muito irregular. Isto para não falarmos do marisco que, salvo raras e honrosas excepções, atinge preços só acessíveis a privilegiados.

No dia 16 de Agosto, o «Diário de Lisboa» publicava, na secção «Manhã na Praça», os preços daquele dia, comparando-os com os da segunda quinzena do mesmo mês do ano passado e de 1967 e que a seguir se transcrevem, indicando com pontinhos as lacunas existentes: o quilo do carapau, a 11$00 e 19$00 (no ano passado, na segunda quinzena de Agosto, a 8$00, 8$90 e 10$00 e em 1967, a 3$50 e a 4$00); a pescada branca, a 34$00 e 37$00 (32$00 e 35$00; 30$00 e 34$50); o pargo, a 20$00 e 32$00 (13$00, 14$00 e 28$00; rabos de pargo, a 14$20); joaquinzinhos, a 18$00 (...; 8$90); peixe-espada, a 10$00, 11$00 e 13$00 (...; 7$90); pescada negra, a 24$00 e 26$30; cachucho, a 12$; lulas, a 24$00 (30$00, 24$00 e 27$00); polvo, a 15$00 (...; 9$80); chocos, 25$00 e 38$00 (...; 15$00); faneca, 15$00; marmota, 22$ e 26$30; eiró, 32$ (28$); e 30$; 26$ e 28$); pescada congelada 16$50 (...; 16$); ovas, 38$; linguados, 40$ (58$ e 60$; 28$00 e 39$80); safio, 24$00 (...; 16$50); xaputa, 8$90 (6$40 e 10$; 16$50); berbigão, 5$ (...; 4$50); conquilha, 12$ (8$; ...); ameijoa, 28$ (23$; 24$); camarão negro, 20$ (camarão grande, 60$; negro, 14$; e dos gambas, 80$00.



A opinião geral é de que as nossas frotas não acompanharam o progresso das frotas estrangeiras

Esta pequena amostragem é, possivelmente, insignificativa. De qualquer modo, permite-nos falar de preços e alinhar algumas considerações a propósito.

Antes de mais deve recordar-se que a pesca está muito sujeita a contingências climatéricas (tempo irregular, pesca irregular) e é condicionada, em muitos casos, por factores sazonais. Por outro lado, teremos de considerar o empobrecimento das águas, sobretudo no que respeita a certas espécies.

Mas para além de tudo isto, acresce que a nossa pesca costeira é ainda demasiado artesanal e a pesca do alto não está equipada de modo a poder garantir um fornecimento normal dos mercados. Posto isto, concluiremos, em princípio, que o preço do pescado varia com as quantidades entradas.

Mas não é tudo. As grandes lotas do País (Matosinhos, Lisboa e Olhão, entre outras) são dominadas por uma organização que tem o privilégio de retirar o peixe para as suas necessidades, como aconteceu recentemente com o atum pescado no Algarve. E temos novo raciocínio: a diminuição dos contingentes negociáveis provoca a alta de preços. E quando há excedentes de peixe, o que também acontece? Informam-nos que a mesma organização toma a iniciativa de licitar a preços elevados para evitar que os comerciantes comprem o peixe mais barato.

E, por agora, basta. Entraríamos fácilmente num círculo vicioso ou, já que se trata de pescas, numa história de pescadinha de rabo na boca.

«Situação gravíssima»

No discurso que proferiu há pouco, ao tomar posse do cargo de presidente da Junta Nacional das Pescas, o almirante Henrique Tenreiro que, de há longos anos, mantém íntimas relações com o sector, afirmou: «*Se compararmos a evolução das taxas de expansão das capturas de pescado no Mundo, na Europa e em Portugal, verifica-se que o nosso país não se distanciou da evolução mundial e cresceu a taxa de expansão superior à verificada no continente europeu.*» Noutro passo do seu discurso, o almirante Henrique Tenreiro afirmou também: «*Nos últimos trinta anos, mais acentuadamente nos últimos dez, a pesca em Portugal passou por sucessivas fases de desenvolvimento acompanhando e adoptando o progresso tecnológico verificado mundialmente.*»

O optimismo manifestado não o impediu, porém, de dizer, no mesmo discurso, que «*são vastos os trabalhos que nos esperam*». Aliás, ainda há bem pouco tempo, numa reunião do Conselho da Corporação da Pesca e Conservas, o almirante Henrique Tenreiro afirmara, na qualidade de representante do Estado naquele organismo: «*Estamos numa situação gravíssima*».

Situemo-nos agora no campo da produção, já que «aumentar a produção de pescado e fomentar o seu consumo» é um dos objectivos do Plano de Fomento que está a decorrer, ao qual se acrescentam ainda: assegurar a estabilidade do preço no consumidor; garantir ocupação a elevado número de pescadores e outros trabalhadores que em terra se ocupam em actividades ligadas à pesca; prosseguir o desenvolvimento do sistema de previdência e da obra assistencial dos pescadores; assegurar o fornecimento de matérias-primas às indústrias transformadoras; proteger os recursos naturais das águas territoriais e colaborar nos esforços internacionais para a exploração racional dos recursos biológicos do mar; dar realidade, no domínio das pescas, a um plano de actuação nacional, em função dos objectivos de integração económica do espaço português.

Paralelamente, o relatório do Plano de Fomento estima em 339 mil toneladas o total de pescado necessário em 1973 para o consumo interno. Adicionado a esta produção as estimativas referentes aos fornecimentos à indústria conserveira (206 300 toneladas) e à exportação (29 mil toneladas), o desenvolvimento do sector acusaria, em 1973, a produção de 574 300 toneladas ou, seja, cerca de 3660 mil contos. A produção estimada seria a seguinte, em toneladas: pesca de arrasto — 170 200; pesca de atum — 23 300; sardinha — 246 500; bacalhau — 68 mil; pesca local — 55 mil; ostras e outros bicalves — 7 500; produtos dos cetáceos — 3800.

Evidentemente que estas estimativas são precárias e tudo depende das condições que se oferecem ao desenvolvimento do sector, nomeadamente os investimentos para a realização dos objectivos, sem se discutir por agora se estes seriam os melhores.

Tudo depende...

Entretanto, recordemos que, no decénio de 1956-65, a pesca descarregada nos portos do continente e ilhas passou de 324 914 para 424 982 toneladas e, a propósito, lê-se no relatório do mesmo Plano de Fomento: «O produto das pescas tem podido, nos últimos cinco anos do referido decénio, acompanhar a expansão global da economia, embora esteja ainda longe da saturação que procura.»

Esta tendência continuará a verificar-se? E as precisões do Plano de Fomento? Tudo depende, como é lógico, da realização das necessárias condições de base: boa política de produção e boa política de comercialização.

E aqui deveremos dizer que a opinião geral é de que as nossas frotas não acompanharam o progresso das frotas estrangeiras e o facto tem consequências na diminuição de produção e na inutilização de maior percentagem de pescado. Por outro lado a pesca da costa não está suficientemente estudada e há falta de fiscalização dos nossos mares, lacuna que é bem aproveitada por outros, espanhóis e franceses sobretudo. Quanto à pesca do alto (servida por poucos navios, bastantes dos quais já atingiram o «limite de idade») continua a ser feita, tradicionalmente na costa de África (Cabo Branco e Cabo Juby), em moldes tradicionais, sem instalações de frio em alguns casos, movidos a vapor noutros.

A seguir:

A QUESTÃO DA FROTA

Actualidade internacional

O CRIME ORGANIZADO ALASTRA NO CANADÁ

EDMONTON (Alberta), 11 — (R.) — Grandes verbas em dinheiro estão a chegar ao Canadá, vindas de sindicatos de crime organizados, e alguns comerciantes canadianos têm sido forçados a vender os seus negócios, aos criminosos, revelou hoje o chefe da Polícia, James Malloy, de Toronto.

Disse ainda na convenção anual da Associação Canadiana de Chefes de Polícia que a «Cosa Nostra» tinha fortes elos no Canadá e que existe em todo o país juntamente com outros tipos de crime organizados.

Prosseguiu: O dinheiro está a ser utilizado pelo crime organizado para se infiltrar na comunidade comercial. Provém não só de jogos, estupefacientes e outras actividades criminosas, mas ainda de empréstimos a juros exorbitantes, que atingem algumas vezes 150 por cento por semana».

GOLDA MEIR: Para o regresso à paz será suficiente que os árabes se «resignem» à presença de Israel

TEL-AVIV, 11 — (F. P.) — «A operação de terça-feira, contra o Egipto, não foi de represália. Com ela, quisemos alcançar dois objectivos: primeiro, fazer compreender aos árabes que isto não pode continuar assim e que não podemos admitir que mulheres e crianças sejam mortos do nosso lado da fronteira, enquanto a paz e tranquilidade reinam do outro lado. Em segundo lugar, fazer-lhes compreender que somos mais eficazes a atacar do que eles», declarou o primeiro-ministro israelita Golda Meir, numa entrevista concedida a noite passada á Televisão nacional.

«Costumam perguntar-nos quando é que isto acaba. A resposta é simples: quando os árabes quiserem a paz», acrescentou Golda Meir, segundo a qual, «há trinta séculos que a História do povo judeu se resume á autodefesa contra todos aqueles que o quiseram exterminar».

A sra. Meir disse ser suficiente que os árabes se «resignem» á presença de Israel, para poder ser iniciado o processo de paz. Interrogada quanto ás relações com a França, declarou: «Não estamos zangados com a França, mas queremos discutir certos problemas com os franceses, como por exemplo o dos «Mirages». O diálogo tornou-se mais fácil depois da eleição do presidente Pompidou, pois antes era impossível, e queremos que prossiga. Não podemos aceitar que os aviões que nos pertencem continuem em França».

Acerca da sua próxima visita a Washington, o primeiro-ministro disse: «Há divergências entre nós. Não é segredo para ninguém que os Estados Unidos julgam que se pode chegar á paz pelo diálogo entre as duas grandes potências. Esperemos que a triste experiência destes ultimos meses os tenha convencido de que não têm razão».

Depois de se afirmar disposta a restabelecer imediatamente as relações diplomáticas com a União Soviética, desde que esta também o deseje, Golda Meir asseverou que o recente golpe de Estado da Líbia não constituia qualquer perigo para Israel.

Finalmente, condenou a «aterradora politica dos palestinianos, que «mandam crianças fazer trabalho de assassinos ao estrangeiro», alusão ao atentado contra a embaixada israelita em Bonn, cometido por um palestiniano de 15 anos.

INUNDAÇÕES NO MÉXICO

COSAMALOAPAN (México), 11 — (R.) — «Comandos» dos fuzileiros navais, helicópteros, aviões ligeiros, lanchas rápidas e caça-minas juntaram-se ontem a voluntários civis esforçando-se por evacuar 30 mil pessoas desta cidade, em consequência do alastramento das inundações, no Sul do país.

Funcionários calcularam que morreram, pelo menos, 53 pessoas e que outras 180 mil se encontram sem lar no Sul de Vera Cruz e nos Estados de Oaxaca, Chiapas e Guerrero.

Mais 16 outras cidades no Estado de Vera Cruz foram também afectadas pelas inundações.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

É O RITUAL DA INJECÇÃO QUE SATISFAZ O VICIADO EM DROGAS

LONDRES, 11 — (F. P.) — Se um viciado em drogas não pode obter heroína, injecta nas próprias veias maionese, manteiga de cacau, aguardente ou mesmo água de cozer couves, declararam dois médicos britanicos evocando o caso de viciados da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

Os médicos, o prof. Francis Camps, sumidade médica britanica, e o dr. Geoffrey Gray, presidente do Instituto Nacional de Investigação de estupefacientes, depunham um inquérito relativo ás causas da morte de um jovem londrino de 28 anos, Jhon Girdlestone, ocorrida no dia 2 de Julho, que usava heroína.

O efeito da maionese ou da manteiga de cacau como estupefaciente é absolutamente nulo, salientou o prof. Camps, mas é pela picada da injecção e não pelo conteúdo da seringa que o viciado obtém o efeito que procura.

No entanto, prosseguiu o professor, a injecção de manteiga nas veias pode provocar uma inflamação pulmonar. Pelo seu lado, o dr. Gray declarou que «é o ritual da injecção que conta para o viciado».

Incidentes em Amesterdão

AMESTERDÃO, 11 — (F. P.) — Degenerou em violentos incidentes uma marcha silenciosa organizada ontem á noite em Amesterdão por movimentos da extrema esquerda, em memória de Ho Chi Minh.

Oitocentas pessoas participavam na marcha, que depois de percorrer várias artérias se deteve numa sala de reuniões, para ouvir discursos. Foi então que, sem razão aparente, 300 jovens começaram a gritar «Viva o Vietcong», «Nixon assassino», e «Ho Ho Ho Chi Minh», e tentaram tomar de assalto a sede do grande jornal «De Telegraaf».

A Polícia acorreu imediatamente e procurou dispersar os manifestantes, que se entrincheiraram em barricadas e acenderam fogueiras. Três horas mais tarde, o jornal estava cercado ainda pelos manifestantes, que por sua vez, estavam cercados pela Polícia. Bombas de fumo, «cocktails Molotov» e granadas de gás lacrimogéneo eram atiradas reciprocamente.

Não há vítimas a deplorar.

SENSACIONAL VITÓRIA SAAB
II RALLY SAFARI DOS MONTES ALENTEJANOS 1969

OS CARROS VENCEDORES

GRUPO 1 — 1.º lugar
2.º lugar da Geral
EQUIPE — *LUIS CARPINTEIRO ALBINO*
J. DANTAS DE BARROS

GRUPO 5 — 1.º lugar e da Geral
1.º lugar por equipes
EQUIPE — *J. CARPINTEIRO ALBINO*
A. RAPOSO MAGALHAES

OS 23 CARROS QUE ALINHARAM À PARTIDA, SÒMENTE 12 CHEGARAM
5 SAAB À PARTIDA — 5 SAAB À CHEGADA

OS CARROS VENCEDORES ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO
STAND CIMPOMÓVEL
AV. 5 DE OUTUBRO, 67-C LISBOA

NO PORTO:
STAND CONSTITUIÇÃO

APÓS AS TRÉGUAS

Os B-52 voltam ao ataque no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 11 — (R.) — Bombardeiros B-52 da Força Aérea dos Estados Unidos entraram hoje em acção pela primeira vez em três dias, após o termo do cessar-fogo pedido pelo Vietcong em memória do presidente norte-vietnamiano, Ho Chi Minh.

Um informador militar norte-americano disse que os bombardeiros gigantes atacaram acampamentos de guerrilheiros, «bunkers» e áreas de estacionamento a sul da cidade de Da Nang. Não foram fornecidos pormenores dos estragos feitos pelos aviões.

Informadores militares norte-americanos e governamentais também anunciaram um aumento no nível da luta e outras actividades de guerra no fim das 72 horas de tréguas — 1 hora da madrugada local.

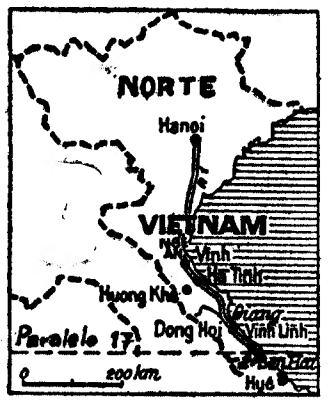
O Vietcong desencadeou pelo menos 31 ataques com foguetões e morteiros — a maior parte deles logo após expirar a trégua —, mas só foram noticiadas perdas e danos em 12 desses ataques. Ninguém foi morto.

Durante a noite, as tropas dos Estados Unidos, em dois combates terrestres perto de Saigão, perderam cinco homens e tiveram 12 feridos. Após um dos recontros, os soldados norte-americanos encontraram o cadáver de um guerrilheiro. No outro combate desconhecem-se as perdas sofridas pelo Vietcong.

Um dos mais pesados bombardeamentos a um acampamento nocturno de tropas norte-americanas deu-se perto de Song Be, a 115 quilómetros a norte de Saigão, que foi atingido por cerca de cem granadas de morteiro. Um acampamento de forças especiais em Bu Dop, a cerca de cinco quilómetros da fronteira com o Cambodja e a 137 quilómetros a norte de Saigão, foi atingido por cerca de 20 granadas-foguetões e morteiros.

Em ambos os ataques, as perdas norte-americanas foram ligeiras, sendo também ligeiras as perdas sofridas pela guarnição de milicianos sul-vietnamianos no campo de Bu Dop.

PAÍS EM FOCO



Em 18 de Agosto de 1945, as bandeiras do Vietminh surgiram pela primeira vez em Hanói e, uma semana mais tarde, o imperador Bao Dai abdicou em favor da instauração no Vietnam de um Governo republicano e democrático. A ordem de insurreição geral dada por Ho Chi Minh, logo a seguir á derrota japonesa na segunda guerra mundial, obteve assim pleno êxito e culminou com a declaração da independência do Vietnam, em 2 de Setembro de 1945.

Mas o Vietminh, ou Frente para a Libertação do Vietnam, tinha ainda um duro papel a desempenhar. Com efeito, a França, resolvida a manter um domínio que conservava desde os meados do século XIX, fez desembarcar um corpo expedicionário em Saigão, dando assim o primeiro passo para uma guerra que durou mais de sete anos e lhe custou cerca de 80 mil mortos. No próprio dia em que se consumou a derrota francesa (7 de Maio de 1954, em Dien Bien Phu), realizou-se a sessão de abertura da conferência de Genebra de que resultaram os acordos cujas principais cláusulas previam a partilha do Vietnam em duas zonas demarcadas pelo paralelo 17, a proibição de instalação de quaisquer bases militares em território vietnamiano e a realização de eleições gerais pelas quais se operaria a reunificação do país.

O actual Vietnam do Norte resultou assim dos acordos de Genebra de 1954. As eleições gerais nunca se realizaram e as cidades de Hanói e Saigão estavam destinadas a servir de centros nervosos a uma outra guerra, a que ainda hoje assistimos, e cujo potencial destruidor seria incomparávelmente maior do que o da luta franco-vietnamiana. Primeiro sob a forma de conselheiros e depois através do envio maciço de tropas, os E. U. A. substituiram os franceses na Indochina.

Ho Chi Minh, falecido no passado dia 3 de Setembro, foi o principal inspirador da luta dos vietnamianos contra os sucessivos ocupantes. «Combateremos até á vitória, mesmo que a guerra tenha de durar 20 anos» — afirmou o ex-presidente do Vietnam do Norte quando, em Junho de 1966, os gigantescos «B-52» dos E. U. A. bombardearam os depósitos de gasolina de Hanói e Haiphong.

A cessação dos bombardeamentos tornou-se a exigência fundamental do Governo norte-vietnamiano e a sua verificação deveria preceder o início de quaisquer negociações de paz com Washington. Em 22 de Março de 1968, o então presidente dos E. U. A., Lyndon Johnson, cedendo ás próprias pressões de meios influentes do seu país, anunciou a suspensão parcial dos bombardeamentos, que, em Novembro, cessaram totalmente, após se terem iniciado as conversações de Paris.

O desaparecimento de Ho Chi Minh marcará uma viragem da linha política que até aqui tem sido seguida por Hanói? Não passa despercebido o facto de as várias figuras que têm sido apontadas como prováveis sucessores manifestarem tendências discordantes das do ex-presidente e que poderão funcionar como outros tantos motivos de crise política interna. Segundo assinala o «Washington Post», «com a morte de Ho desaparece a principal influência moderadora e conciliatória das diversas figuras políticas de Hanói». A forma discreta como o vice-presidente norte-vietnamiano Ton Due Thang, assumiu, interinamente, as funções de chefe de Estado pode, todavia, ser indicativa de que a sucessão de Ho Chi Minh não será o principal problema dos homens de Hanói.

P. C.

GARANTIA DE HANÓI A MOSCOVO

HONG-KONG, 11 — (R.) — Hanói garantiu á União Soviética que o povo norte-vietnamiano lutará para auxiliar a restaurar a unidade comunista mundial, segundo anunciou hoje a agência noticiosa do Vietnam do Norte.

A garantia foi dada durante conversações com uma delegação soviética que visitou Hanói para assistir ao funeral de Ho Chi Minh. A delegação, chefiada pelo primeiro-ministro Alexei Kossygulne, partiu ontem do Vietnam do Norte, após uma visita de cinco dias.

SOFIA LOREN CONTESTA A AUTENTICIDADE DUMA FOTO

MILÃO, 11 — (R.) — Sofia Loren apresentou queixa contra uma revista de Milão que apresentou uma fotografia sua completamente despida, afirmando: «De modo nenhum esta fotografia me pertence».

A revista reivindica que a fotografia é genuína e foi tirada na América, há alguns anos.

Ontem os advogados de Sofia Loren disseram que, após ser submetida a «uma prova incontestável», a fotografia só podia ser uma falsificação — a cabeça de Sofia Loren colocada no corpo de outra pessoa qualquer.

A revista milanesa em questão foi recentemente apreendida pelos magistrados italianos devido á publicação de fotografias consideradas obcenas.

SALÁRIO MÍNIMO DUPLICADO

CAIRO, 11 — (F. P.) — O Governo líbio decidiu duplicar o salário mínimo dos trabalhadores — anunciou a agência líbia de informações.

Esta medida, precisa a agência, entrará em vigor retractivamente, a partir de 1 de Setembro.

Por outro lado, o conselho de ministros estuda um projecto com vista a reduzir os vencimentos dos ministros.

O FLUOR É REMÉDIO TAMBÉM PARA ADULTOS

WASHINGTON, 11 — (A. N. I.) — Um professor da Universidade de Harvard informou que a água que contem fluor não contribui para evitar apenas as cáries dentárias das crianças, mas também outras afecções — dores nas costas, fraqueza ossea e arterial — nos adultos.

O dr. J. Stare, chefe do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saude Pública da Universidade de Harvard, declara que o fluor fortalece os ossos dos adultos e ataca a osteoporose, que enfraquece os ossos e ocorre frequentemente nas mulhers de 50 anos e nos homens de 60.

Numa comunicação enviada á comissão de saúde pública do Senado dos Estados Unidos, Stare afirma que se chegou á conclusão de que os adultos, especialmente os de idade avançada, podem ser ainda mais beneficiados pela utilização do fluor do que as crianças.

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

SITUAÇÃO NO ULSTER

ULTIMATO PROTESTANTE A CHICHESTER-CLARK

BELFAST, 11 (F. P.) — A decisão do Exército britanico de separar os bairros protestantes e católicos de Belfast por um «muro» de arame farpado e iniciar o desmantelamento sistemático das barricadas, provocou uma mudança de táctica das duas comunidades sem diminuir a hostilidade que as separa.

A Associação para a Defesa de Shankill Road (protestante) decidiu bruscamente aconselhar a população do bairro a abater voluntáriamente as barricadas e cooperar com as forças britanicas ainda ontem acolhidas com insultos.

«ZONAS LIVRES»

Esta decisão saiu porém de um verdadeiro ultimato ao Governo de Chichester Clark. «Avisamos o Governo de que se daqui a três dias a lei e a ordem não estiverem restabelecidas nas pretensas «zonas livres» (católicas), erigiremos de novo as barricadas e organizaremos tais manifestações que o Governo lamentará o seu fracasso».

Durante a noite, os protestantes abateram de facto um certo numero de barricadas.

Do lado católico, uma delegação composta por Jim Sullivan, dirigente do Movimento pelos Direitos Cívicos, e por dois deputados republicanos do Stormont — Paddy Devlin e Paddy Kennedy —, partiu para Londres com a intenção de se avistar com o ministro do Interior, Jim Callaghan.

No ESTORIL o «DIARIO DE LISBOA» é vendido na Tabacaria Paris, Av. Fausto de Figueiredo.

CONCESSÕES DE PETRÓLEO EM «LEILÃO»

ANCHORAGE (ALASCA), 11 — (F. P.) — As licitações mais elevadas do Mundo são apresentadas num «leilão» que se realiza hoje em Anchorage: desde as 7 horas da manhã (locais) os representantes das grandes sociedades petrolíferas mundiais e das pequenas e médias companhias americanas fecharam-se na sala do auditório municipal para apresentarem as suas propostas a fim de obterem concessões no Norte do Alaska, na proximidade da baía de Prudhoe, onde as companhias «Atlantic Rihfield Oil» «Humble Oil» descobriram um jazigo que parece ser um dos mais ricos do Mundo.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

SÁ DE MIRANDA
ENSINO PRIMARIO // CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL
DIURNO — NOCTURNO
RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A ESTEFANIA)
Telefs.: Secret. 45310 — Direcção 537532

ora diga-nos...

— Já alguma vez votou?

«Votar é respeitar um nome. Mas nem todos os nomes são respeitáveis» (Pensamento de um político experiente).

● *Disse-nos o sr. António Flores de Azevedo Monteiro, antigo membro do Comité Olímpico Português:*

— Voto sempre.
— Sempre...?
— Tenho votado sempre.
— Não se pode saber em quem?
— Bem...
— Sabe o que é um colégio eleitoral?
— Sei.

● *O sr. José Maria de Fonte Junior, muito correcto no seu fato preto, declarou-nos:*

— Tenho sempre votado. Nunca encontrei dificuldades. Continuarei a votar de acordo com a minha visão política. Visão política que já vem de há muitos anos...

● *Finalmente, o sr. Álvaro António da Silva, aposentado, afirmou-nos:*

— Voto sempre. Todos os actos eleitorais têm contado sempre com a minha participação. Um homem, um cidadão, deve votar. O País precisa de homens que votem. Eu vou votar dentro da linha da minha política — que é a de sempre.

Duas listas democráticas pelo círculo de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

«Que a plataforma política seria a aprovada na reunião de S. Pedro de Muel e que os candidatos, de ambos os lados, ficariam apenas vinculados às respectivas Comissões, decidindo entre si e por maioria a orientação da campanha, embora na base da referida plataforma de S. Pedro de Muel.»

A C. D. E. comunicou verbalmente que, tendo reunido a sua Comissão Distrital, decidiu «por unanimidade não aceitar a proposta de representação paritária formulada pela C. E. U. D. e propor:

1.º — O regresso dos elementos da C. E. U. D. ao movimento unitário que se baseia nos princípios já aprovados, nomeadamente no estatuto dos candidatos aprovado pela C. D. E.

2.º — Nova votação nas bases e na Comissão Distrital a fim de que os novos nomes possam ser votados e uma lista única vir a ser estabelecida.

3.º — Em caso de recusa da integração da C. E. U. D. ao Movimento, que as duas Comissões (C. D. E. e C. E. U. D.) trabalhem desde já em conjunto na preparação de eventuais futuros trabalhos, a decidir, caso a caso, por ambas as partes.»

Verificando a impossibilidade de se chegar a um acordo a realizar imediatamente, que pudesse ser aceite por ambas as Comissões, os signatários declaram-se, todavia, dispostos a manter entre si o contacto para prosseguir as conversações e coordenar esforços no sentido de uma luta que consideram ser fundamentalmente comum.

Lisboa, 10 de Setembro de 1969.

Pela C. D. E. — Francisco Pereira de Moura, José Manuel Galvão Teles, José Manuel Tengarrinha e Sottomayor Cardia.

Pela C. E. U. D. — Francisco Salgado Zenha, Francisco Sousa Tavares, Gonçalo Ribeiro Teles e Mário Soares.

Pelo comunicado conjunto que acima publicamos, torna-se claro que ambas as comissões democráticas eleitorais formadas em Lisboa (C. D. E. e C. E. U. D.) se preparam, neste momento, para apresentar a sua própria lista de candidatos. Haverá, pois, como aliás se supunha nos meios bem informados da Oposição, duas listas democráticas pelo círculo de Lisboa.

Acentue-se, porém, o espírito colaborante expresso no comunicado, apesar das divergências que prevaleceram.

Ambas as partes se manifestam, efectivamente, dispostas «a manter entre si o contacto, para prosseguir as conversações e coordenar esforços no sentido de uma luta que consideram ser fundamentalmente comum».

O ponto de vista da Comissão Democrática Eleitoral

Um informador da C. D. E. forneceu-nos a seguinte interpretação do relativo malogro das conversações entre as duas comissões democráticas de Lisboa:

«O comunicado conjunto vem culminar várias semanas de negociações entre a C. D. E. e a C. E. U. D., no sentido de se alcançar o objectivo de uma lista única no distrito de Lisboa. Ontem mesmo, e antes de se conhecer o resultado da reunião efectuada entre representantes das duas Comissões, a impressão geral, nos meios afectos ao movimento eleitoral oposicionista, era a de que a Comissão Democrática Eleitoral, na véspera reunida em sessão magna, não aceitaria a paridade proposta pela C. E. U. D., embora ressalvando o facto de o problema em causa não residir essencialmente na distribuição numérica dentro da lista.

Como já se sabe, para a C. E. U. D., a unidade assentará exclusivamente na total autonomia das partes componentes, devendo celebrar-se por simples pacto de aliança paritária na lista a constituir.

Por outro lado, a C. D. E., em documento que já fez publicar sobre os princípios da sua actuação na presente campanha eleitoral, sustenta que «a intervenção dos democratas no processo eleitoral exige a adopção de um método, que assegure a participação efectiva e deliberativa dos interessados na condução do movimento». E esclarece adiante que «esse método tem de reconhecer o princípio da electividade das comissões pelos democratas nela representados». Ou seja: trata-se — por parte da C. D. E. — de uma concepção de representatividade construída «a partir de baixo», devendo por isso os candidatos a deputados ser apenas a resultante da aplicação sistemática do princípio electivo, em todos os escalões, a partir da base.

Por isso, no Estatuto do Candidato da C. D. E., já discutido e aprovado em reunião da Comissão Distrital, se diz, em aplicação destes princípios, que os candidatos da lista apresentada pela Comissão actuam como meros «mandatários do movimento democrático eleitoral de Lisboa».

O mesmo informador, a concluir, lembrou que, «apesar destas posições diferentes, não estão de forma alguma esgotadas as possibilidades de ambos os movimentos acordarem num estatuto que os leve a participar na campanha eleitoral com alguma base de acção comum. Como se verifica pelas propostas contidas no comunicado junto, as negociações entre a C. D. E. e a C. E. U. D. têm decorrido num clima de respeito mútuo e vontade de cooperar em pontos concretos, a precisar caso a caso».

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

REGISTARAM-SE NOVAS ADESÕES À COMISSÃO ELEITORAL DE UNIDADE DEMOCRÁTICA

1. A Comissão Eleitoral de Unidade Democrática congratula-se com a apresentação de listas únicas distritais, unidade que, infelizmente, não pôde ser efectivada, bem contra sua vontade, em Lisboa, saúda todas as comissões que a puderem realizar, designadamente em Coimbra, Aveiro, Viseu, Viana do Castelo e Leiria.

2. A sede da C. E. U. D., na Rua dos Fanqueiros, 250, 4.º, esq., continua em organização, esperando-se que as C. R. G. E. lá instalem ainda hoje a luz. Prevê-se a abertura da sede á noite, também, já que o movimento tem sido intenso, não sendo possível atender devidamente os numerosos democratas que lá têm afluído. Muitos outros manifestaram o desejo desse funcionamento á noite, porque os seus empregos lhes não permitem dispor de tempo durante o dia.

3. Entre as adesões á Comissão Eleitoral de Unidade Democrática destacou-se, ontem, a do prof. Vitorino Magalhães Godinho, historiador de nome consagrado internacionalmente, e cidadão de atitudes bem firmes.

4. Das adesões de ontem destacam-se, ainda, as dos srs. dr. Vítor Santos, director da «Revista Alentejana», Eduardo Luís Lopes Maia Cadete, economista, Vasco Riobom, médico, Ernesto Alfredo Kruger, professor do ensino particular, Carlos Lima das Neves, médico, Raul Vitorino Rodrigues, engenheiro, Sargo Júnior, advogado, Vítor dos Santos Ramos Guerreiro, Miguel Valente Vidal, Manuel Álvaro Fernandes, solicitador, Jorge Mateus de Moura, estudante, Alfredo José Barroso, capitão reformado, Manuel dos Santos Salgueiro, Fernando Alves Baptista, empregado bancário, Raul Coelho Dias, empregado de escritório, Manuel Peraboa Coelho, comerciante, João Paulo da Fonseca, empregado de escritório, Abel António Ferreira, fotógrafo, Diamantino Gonçalves oficial de justiça, aposentado Fernando Fernandes Viana, empregado de escritório, Ricardo Júlio Paes Gomes, funcionário público, Vasco Fernandes, actor-mimo, Luís José Teixeira da Fonseca, técnico de cinema, Fernando Ribeiro, delegado da propaganda médica, Arlindo dos Reis Cardoso, delegado da propaganda médica, Maria Ferreira Valente Garcia, licenciada em Farmácia, Augusto Duarte de Deus, contabilista, Joaquina Marcelo Duarte, doméstica, Alfredo da Silva Torres, empregado fabril, José Tojal Parreira, empregado fabril, Joaquim D. Oliveira Gonçalves, empregado de escritório, José da C. Guerreiro Ismael, encarregado de secção, Carlos Augusto Teixeira, caldeireiro, Delfim Augusto Ferreira, operário.

Pela Comissão Coordenadora:

Francisco Delgado Zenha, Francisco de Sousa Tavares, Gonçalo Ribeiro Teles, José Luís Nunes, Mário Soares, Raul Rego, Ruy Bello.

A lista democrática de ... foi subscrita por 104 el...

BRAGA, 11 — Como noticiámos, as candidaturas da lista apresentada pela Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Braga foi, ontem, entregue no Governo Civil, pelas 15 horas. O processo, entregue pelos srs. eng.º António Pinheiro Braga, dr. José Sampaio e Eduardo Ribeiro, era subscrito por 104 eleitores de diversos concelhos do distrito.

No comunicado, que, mais tarde, foi entregue á Imprensa pela Comissão Democrática, recorda-se que, na assembleia distrital reunida a 27 de Julho, se elegeram os candidatos e se definiu a orientação a seguir na campanha eleitoral. E o comunicado acentua:

«A assembleia adoptou integralmente a plataforma de acção comum aprovada no Encontro Nacional de S. Pedro de Muel, em 15 de Junho, e estabeleceu o princípio de que os candidatos, como mandatários dos democratas do distrito, agirão em perfeita concordância tanto com essa plataforma como com a assembleia democrata que os elegia. A eleição fez-se seguidamente por voto secreto. Os candidatos foram eleitos sem qualquer descriminação e re-

DEMOCRATAS DE TOR... CONSTITUIRAM UMA COMISSÃO

TORRES NOVAS, 11. — Da Comissão Democrática Eleitoral do Concelho de Torres Novas, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte informação:

«Com vista ás próximas eleições para deputados, os democratas do concelho de Torres Novas, reuniram-se para a criação da sua comissão democrática eleitoral, baseando-se na plataforma comum de S. Pedro de Muel, que será mais largamente divulgada. A referida comissão ficou inicialmente constituída pelos seguintes elementos:

António Duarte Rodrigues.

PARA BREVE A CONSTITUIÇÃO DA LISTA DE BEJA

BEJA, 11 — Espera-se a todo o momento que a Comissão Democrática do distrito ultime os seus trabalhos de constituição da lista de candidatos oposicionistas, que disputará as próximas eleições.

Entre as personalidades convidadas para representar o círculo de Beja na lista da Oposição Democrática contam-se individualidades de indiscutível prestígio nacional.

A U... UM C... DE E... COCIC...

Dos s... ção da ... guinte

«Em ... da com... realizad... a com... U. N., ... Manuel ... Mello ... Costa ... Pinto ... tista d... Marque...

O ser... comu... r. Ma... ultimar ... tudos s... utiliza...

No s... anterio... da com... no, sr. ... com a ... U. N., ... com o ... são exe... mem F... referida...

Por o... Executi... nal non... concelh... zim, qu... guinte ... dente, ... Mourão ... preside... nheiro ... dico, de... nio Az... trial, d... reira ... médico, ... Silva Ba... José ... Campos ... e Timo... concelo...

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Pasta Medicinal Cou...

A U. N. PREPARA UM CONJUNTO DE ESTUDOS SOCIO-ECONÓMICOS

Dos serviços de comunicação da U. N. recebemos a seguinte informação:

«Em apoio da actividade da comissão executiva, tem realizado diversas reuniões a comissão consultiva da U. N., constituída pelos drs. Manuel José Homem de Mello, Manuel Cotta Dias, Costa Ramos, José Pedro Pinto Leite, major F. Baptista da Silva e Frederico Marques.

O serviço de documentação e comunicação, dirigido pelo dr. Magalhães Mota, está a ultimar um conjunto de estudos socio-económicos para utilização próxima e futura.

No seguimento da reunião anterior do vice-presidente da comissão distrital de Aveiro, sr. eng.º José Gamelas, com a comissão executiva da U. N., avistou-se, em Lisboa, com o presidente da comissão executiva o sr. dr. Homem Ferreira, presidente da referida comissão distrital.»

Por outro lado a Comissão Executiva da União Nacional nomeou a nova comissão concelhia da Póvoa de Varzim, que passa a ter a seguinte constituição: presidente, coronel José Dinis Mourão, de 62 anos; vice-presidente, dr. Alberto Pinheiro Moreira Amorim, médico, de 58; vogais — António Azevedo Duarte, industrial, de 42; dr. João Ferreira Gonçalves da Costa, médico, de 61; dr. Jorge da Silva Barbosa, médico, de 56; José Amorim da Silveira Campos, proprietário, de 59; e Timóteo Guimarães Vasconcelos, comerciantes, de 37.

de Braga eleitores

presentam as diferentes correntes da oposição democrática do distrito.»

TORRES NOVAS AM SSÃO ELEITORAL

comerciante; Arlindo Tavares, empregado de escritório; Arnaldo Alexandre Costa, comerciante; Benvindo Alexandre Ribeiro, empregado comercial; Carlos António dos Santos Tavares, montador-afinador de máquinas; Dagoberto Moreira Formiga, estudante; Ernesto José Pinto Angelo, professor do ensino técnico; Fernando Antunes de Oliveira Reis, comerciante; João Camelo Vieira Carvalhal Gonçalves, estudante; João José Lopes, industrial; João Pena dos Reis, advogado; Joaquim Canais Rocha, tipógrafo; Joaquim Gonçalves Formiga, agente comercial; Joaquim Pedrosa Mendes, comerciante; José João dos Santos, estudante; José Manuel Pereira, empregado comercial; José Rodrigues Carvalheira, comerciante, e Manuel da Silva Madrugo de Carvalho, agricultor».

com vista às ELEIÇÕES

★ A distribuição dos 130 lugares da Assembleia Nacional pelos respectivos círculos e a seguinte: *Continente* — Aveiro, 6 deputados; Beja, 4; Braga, 6; Bragança, 4; Castelo Branco, 4; Coimbra, 6; Evora, 4; Faro, 4; Guarda, 4; Leiria, 6; Lisboa, 12; Portalegre, 4; Porto, 10; Santarém, 6; Setubal, 4; Viana do Castelo, 4; Vila Real, 4; Viseu, 6. *Ilhas Adjacentes* — Funchal, 3; Angra do Heroísmo, 2; Horta, 1; Ponta Delgada, 3. *Ultramar* — Angola, 7; Cabo Verde, 2; índia, 3; Guiné, 1; Macau, 1; S. Tomé e Príncipe, 1; Moçambique, 7; Timor, 1.

★ *O momento eleitoral, no que se refere á Oposição Democrática, é presentemente o seguinte: Listas de candidatos apresentadas oficialmente — a da Comissão Democrática do Porto e a da Comissão Democrática Eleitoral de Braga; listas de candidatos oposicionistas cuja constituição já foi anunciada: Aveiro, Coimbra, Leiria, Viana do Castelo e Viseu. Outros distritos onde se espera que haja candidaturas da Oposição: Beja, Evora, Faro, Guarda, Lisboa, Portalegre, Santarém, Setubal e Vila Real, quanto ao Continente, e Funchal e Ponta Delgada, nas Ilhas Adjacentes. No Porto, a Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.) prepara igualmente uma lista de candidatos. Em Lisboa, ambas as comissões democráticas formadas (C. D. E. e C. E. U. D.) devem apresentar candidatos, visto não terem chegado a acordo para a constituição de uma lista comum.*

★ Dos dezóito distritos do Continente, só não houve, até ao presente, notícia de qualquer actividade eleitoral da Oposição Democrática em Bragança e Castelo Branco.

Apoio de escritores à Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa

Recebemos da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa o seguinte comunicado:

«Continua a registar-se, nos vários sectores de actividade profissional, um notável movimento de apoio á Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa. Entre escritores — há a registar mais as seguintes adesões:

Alexandre Babo Alexandre Cabral, António Borga, António Modesto Navarro, Antunes da Silva, Armando da Silva Carvalho, Assis Esperança, Augusto da Costa Dias, Costa Mendes, Fiama Hasse P. Brandão, Isabel da Nóbrega, José Saramago, Luís de Sttau Monteiro, Manuel da Fonseca, Maria Teresa Horta, Orlando da Costa.

Também entre os jornalistas prossegue um movimento idêntico. Aos nomes já anunciados há a acrescentar os seguintes: Afonso Praça, António de Sousa Arnaldo Pereira, Car-

(Continua na 12.ª página)

COMISSÕES DE APOIO À C. D. E. DE COIMBRA EM SEIS CONCELHOS DO DISTRITO

COIMBRA, 11. — Foi anunciada a constituição de diversas comissões concelhias de apoio á C. D. E. do Distrito de Coimbra, as quais integram os seguintes nomes:

Condeixa-a-Nova — Dr. João Ribeiro, João Pimentel das Neves, António Caniceiro da Costa, Julio dos Santos, Carlos da Costa de Alcobaça Pena, dr. Alfredo Miranda e Amilcar Morgado.

Arganil — Dr. Fernando Valle, dr. Rui do Valle Correia da Fonseca, dr. António da Costa Carvalho, António Pires de Carvalho, António de Almeida Siroso, César Alves Leal, Armando Alvoeiro e Fernando Coelho.

Vila Nova de Poiares — Jaime Soares, Armando Soares, Julio da Silva, David Fontes e Diamantino Seco.

Tábua — Ernesto Marques da Cruz, Albertino de Matos, Salvador Pedro Gonçalves e Vítor de Almeida Trindade.

Góis — João Nogueira Gama e António Antunes Fonseca (os restantes elementos não foram ainda designados).

Penela—Dr. António Duarte Arnaut, dr. António Gomes do Carmo, Raul dos Santos Curcileiro, José Mendes Lopes e Manuel Balbis.

Proclamados os candidatos da Oposição de Coimbra

A Comissão Democrática Eleitoral de Coimbra, que ontem, á noite, se reuniu, numa sessão magna, tornou publico o seguinte comunicado:

«Com a participação de representantes dos concelhos, realizou-se, sob a presidência do sr. dr. João Adelino Morais Cabral, secretariado pelos srs. drs. José Rafael Sampaio, da Figueira da Foz; Fernando Valle, de Arganil, e Mário Braga Temido, de Coimbra, a assembleia plenária distrital para a designação dos candidatos da opo-

(Continua na 12.ª página)

NOVO CASINO ESTORIL
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS
SAMANTHA LEE
VEDETA INGLESA
DA CANÇÃO
THE PERRARDS
ORIGINAIS FANTASISTAS
NATÉRCIA MARIA
FANTASTICA
BALLET
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM MARIA DE PETRILLO
BUDD THOMPSON
HONEY
SERENA WILSON
SNEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21 anos
STORMY SUMMERS
SÓ NO WONDER BAR
No CINEMA, às 17 e 21.30 h.
O Homem que matou Liberty Valance
(M. 12 anos)

Gravataria PARIS
RUA AUREA, 172
ESTÁ LIQUIDANDO
RESTOS DAS SUAS
COLECÇÕES DE VERÃO
HOMEM E SENHORA
CASACOS
CALÇAS
CAMISAS
GRAVATAS

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

CONSTITUÍDA NA PÓVOA DE VARZIM UMA COMISSÃO DE APOIO À C. D. E. DO DISTRITO DO PORTO

PÓVOA DE VARZIM, 11 — Com o pedido de publicação, recebemos o seguinte comunicado:

«Foi constituída na Póvoa de Varzim uma comissão de apoio ás candidaturas apresentadas pela comissão democrática do distrito do Porto. Com efeito, em reunião recente. Os abaixo assinados, constituíram-se em comissão de apoio ás candidaturas apresentadas pela Comissão Democrática do distrito do Porto, aceitando o princípio de unidade, sem discriminação, no qual se baseará a existência e actividade dessa comissão.

A Comissão Democráica da Póvoa de Varzim: AA) Eduardo Campos Costa (médico); Heliodoro Trocato Moreira (comerciante); Manuel José Ferreira Lopes (Funcionário de bibliotecas); António Joaquim Machado Casanova (estudante); Norberto Silva (funcionário público aposentado); Adelino Ferreira Moreira (alfaiate); António Fernandes Gavina (empregado de escritório); Cesário Freire (industrial); José Carlos Gomes Pinheiro (estudante); Abeilardo dos Santos Soveral (comerciante); Manuel Frasco (gerente comercial); Vítor Manuel Moreira da Rocha Freire (estudante); Manuel Tomás Carneiro (professor); José Ferreira Moreira (comerciante); Manuel Alves dos Santos (industrial); Armindo Santos Graça (advogado); Carlos de Sousa Baptista (engenheiro); Raul Matos (médico); José Dantas (professor); Carlos Afonso Fernando (gerente comercial); António Vasconcelos Carvalho (comerciante); Carlos Oliveira (industrial); Emídio da Silva Figueiredo (gerente comercial); Manuel Simões Alves de Pinho (comercinte); Abel Joaquim Morim (comerciante); Jorge Gentil Dias Morim (gerente comercial); Manuel Henrique de Faria (capitão); Ramiro Geraldes de Oliveira Araújo (estudante); António Francisco Pereira (professor); Carlos Alberto Maia Soares Calheiros (estudante); Maria de Fátima Teixeira (professora); Ana ventura (professora); e Carlos Alberto Rocha Alves da Silva (médico).

Quaisquer comunicações a esta comissão de apoio à Comissão Democrática do Porto devem ser dirigidas à Rua José Falcão (Favais), 36— Póvoa de Varzim (sede provisória).»

ADESÕES À LISTA DE OPOSIÇÃO DO DISTRITO DE AVEIRO

AVEIRO, 11 — A sede provisória dos serviços de candidatura da oposição democrática do distrito de Aveiro (Travessa do Governo Civil, 4, 1.º, nesta cidade), têm chegado numerosas adesões á lista já tornada publica. Algumas dessas adesões são acompanhadas de fundos destinados a fazer face ás despesas de propaganda.

Entre os nomes que subscrevem essas adesões, contam-se os seguintes, representativos de diversos sectores socioprofissionais da população de todos os concelhos do distrito:

Abel Godinho, médico; Alberto Deus de Melo, industrial, Amílcar Lemos Dias, comerciante; Aníbal Santos, funcionário bancário; Aníbal Pina, solicitador; António Domingos, professor primário; António Bernardo Sacuto, licenciado; António Teixeira da Silva, médico; António Neto Brandão, advogado; António José Martins Aires, agente técnico de engenharia; Aristeu Ravásio Gonçalves, arquitecto; Armando Castela, publicista; Acácio Assis Reis, licenciado em Farmácia; Augusto Arala Chaves, advogado; Carlos Julio Fitorra, funcionário bancário; Clara David da Maia Sacramento, estudante; David Almeida, director industrial; Eduardo Lemos, farmacêutico; Eduardo de Sousa Santos, médico; Flávio Sardo, advogado; João Sarabando, publicista, Joaquim da Silveira, advogado; José Gouvela, professor; Jorge Leite de Silva, médico; Luís Lima Ramos, estudante; Manuel Joaquim Pires Santos, advogado; Manuel dos Santos Pato, engenheiro; Manuel da Silva Pereira, advogado; Maria da Glória da Silva Pimenta, engenheira química; Mário Cunha, médico; Martins Godinho, arquitecto; Mateus Anjos, engenheiro; Pompeu Cardoso, médico; Rui da Maia Sacramento, estudante; Sebastião Dias Marques, advogado; Silvino Gonçalves de Sousa, notário e advogado; Tiago Ribeiro, jornalista; Tobias Ferreira Patrão, proprietário; Vasco Branco, licenciado em Farmácia; e Vítor de Sousa, professor.

A Causa Monárquica toma posição

A Junta Central da Causa Monárquica tornou público o seguinte comunicado:

«Ao aproximarem-se as eleições, parece não ser de mais repetir que a Causa Monárquica não é um partido mas sim uma corrente de pensamento que defende a Ordem Moral como garantia da continuidade histórica de Portugal, servindo, antes de tudo, a integridade territorial da Nação.

A Causa repudia tudo quanto possa provocar instabilidades políticas prejudiciais á defesa imprescindível de Portugal em África e exclui, até por simples coerência de princípios, quaisquer atitudes que contrariem a firme orientação política traçada e enfraqueçam, por qualquer modo, a frente única portuguesa que a continuidade de Portugal reclama.»

COMISSÕES EM SEIS CONCELHOS DE COIMBRA

(Continuação da pág. central)

sição democrática pelo círculo de Coimbra ás próximas eleições. Foi votada por aclamação a lista sugerida pela comissão organizadora, ouvidos os concelhos, e que já é do conhecimento do publico.

Esta assembleia designou os seguintes candidatos:

António Carlos Ribeiro de Campos, de 31 anos, regente agrícola, de Oliveira do Hospital; dr. António Duarte Arnaut, de 33, advogado, de Penela; Carlos António de Magalhães Antunes Baptista, de 26, estudante da Faculdade de Ciências de Coimbra; Henrique Teixeira Queirós de Barros, de 62, professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, natural de Coimbra; Orlando Alves Pereira de Carvalho, 1.º assistente da Faculdade de Direito de Coimbra, e Rui Emanuel da Cunha Clímaco, de 50, médico-psiquiatra, de Coimbra.

Além disso, a assembleia tomou as seguintes deliberações:

1. Sondar todos os democratas do distrito.

2. Fazer um apelo á organização e dinamização de todas as comissões democráticas, concelhias, de freguesia e de grupos socioprofissionais, no sentido de intensificarem os seus esforços com vista á intervenção efectiva e ampla de todos os democratas do distrito no próximo acto eleitoral que só se revestirá de autenticidade pela participação em massa.»

A actividade eleitoral no concelho de Cascais

Da comissão concelhia de Cascais do Movimento Democrático Eleitoral, recebemos a seguinte informação:

«Reuniu-se no passado sábado, dia 6, a comissão concelhia de Cascais do Movimento Democrático Eleitoral, com vista a uma ampla discussão quanto á organização do trabalho concelhio. A esta reunião assistiram numerosos democratas do concelho, tendo-se elaborado um comunicado á população para esclarecimento do significado das próximas eleições.

Ficou também decidido que se tentaria agregar a esta comissão o maior numero possível de democratas do concelho.

Todos os democratas que quiserem entrar em contacto com esta comissão devem dirigir-se á sede do Movimento Democrático Eleitoral de Lisboa,, na Travessa do Calado, 32, 1.º, á Penha de França.

A comissão concelhia de Cascais sauda e convida todas as pessoas do concelho, apelando para a sua participação activa na frente ampla do Movimento Democrático Eleitoral do distrito de Lisboa, podendo para o efeito contactar desde já com a sede do Movimento».

O dr. Vasconcelos Marques em Bogotá

BOGOTÁ, 11. — (F. P.) — Um Congresso Multiplo de Neurocirurgia Mundial, a que assistirão cientistas de destaque internacional, começará nesta cidade no próximo sábado.

Nestas reuniões será tida em especial atenção a incidência das afecções raqui-medulares cervicais no mundo actual. Entre os assistentes contam-se os drs. A. de Vasconcelos Marques, de Portugal, e J. V. Anastásio, de Espanha.

VITÓRIA DE SETÚBAL — SPORTING

A EMPRESA BELOS, assegura o transporte de passageiros entre CACILHAS-SETUBAL e vice-versa, com carreiras consecutivas.

Também haverá carreiras com partida de LISBOA (Alcantara C. Coordenação Norte), às 7.50; 8.30; 12.05; 13.00; 14.05; 14.25, para SETUBAL e de SETUBAL para LISBOA, às 18.15, 19,00 e 19.55.

COMISSÕES TÉCNICAS DA C. D. E. DE ALMADA VÃO ESTUDAR PROBLEMAS CONCRETOS DO CONCELHO

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Democrática Eleitoral do Concelho de Almada, dois comunicados, subscritos pelos democratas Gilberto Silva, Mário Santos, António Baptista, José Rebelo e José Malheiro.

O primeiro é do seguinte teor

«A Comissão Democrática Eleitoral do Concelho de Almada, responsável provisóriamente pelo sector informativo referente ás actividades eleitorais no distrito de Setubal, vem esclarecer

1.º Apesar da adiantada fase dos trabalhos, não pode ainda indicar nos nomes dos prováveis candidatos.

2.º Nada foi decidido quanto á localização da sede da Comissão Distrital.

3.º As informações futuras, tanto ao nível distrital como concelhio, passarão a ser assinadas pelo menos por três membros da sua Comissão Executiva a fim de se evitar que determinados indivíduos insistam em lançar a confusão entre os democratas do distrito.»

Quanto ao outro comunicado, diz o seguinte

«A Comissão Democrática Eleitoral do Concelho de Almada informa que

1.º A sua Comissão executiva é constituída pelos seguintes membros Herculano Rodrigues Pires, advogado; José Malheiro, médico; Gilberto Silva, promotor de vendas; Mário Santos, operário; José Rebelo, jornalista; António Baptista, estudante.

2.º Vai abrir a sua sede, que ficará instalada na Rua Alexandre Herculano, 25, cave, Cova da Piedade, onde se podem dirigir todos os democratas do concelho, das 12 ás 15 e das 19 ás 22 horas.

3.º Prosseguem activamente, os trabalhos, com vista á formação de comissões técnicas, encarregadas de estudar os problemas concretos do concelho.

4.º Todos os democratas interessados em apoiar as candidaturas do distrito deverão pedir, urgentemente, as suas certidões de eleitor, na secretaria da Camara, bastando para isso simples pedido verbal.»

APOIO DE ESCRITORES

(Continuação da pág. central)

los Gil, Eduardo Valente da Fonseca, Fernando Carneiro, Ferreira de Sá, Helder Pinho, Herculano Carreira, Joaquim Letria, José Silva Pinto, Manuel Batoréo, Maria Antónia Palla, Mário Alexandre, Miguel Serrano, Orlando Neves, Pedro Alvim e Santos Jorge (pai).

Outras adesões:

Alberto A. Galvão Teles, (médico e assistente da Faculdade de Medicina), Alcina Gomes de Brito, (enfermeira), António Aresoa Feio, (engenheiro), António Borges Coutinho, (advogado), António Manuel Nunes Diogo, (médico), António Silva Graça, (médico), Armando Alves de Almeida, (veterinário), Armando Pena (médico), Arménio Ferreira, (médico), Carlos Correia, (estudante), Eugénio Manuel Meneses Sequeira, (engenheiro-agrónomo), Fernando Manuel Van-Zeller Gomes da Silva, (engenheiro-agrónomo e assistente do Instituto Superior de Agronomia), Flávia Monsaraz, (escultora), Francisco Crespo, (médico), Henrique Vaz Velho, (médico), Isabel Vaz Velho, (estudante), João António Varela Gomes (estudante), Joaquim Ribeiro dos Santos (empr. de escritório), José Alcambar, (funcionário administrativo), José Barata, (médico), José Menezes, (médico), José Paulo Silva Graça, (engenheiro), Julio Nunes Franco da Silva, (engenheiro), Luís Brás Teixeira, (advogado), Manuel Costa Cabral, (pintor), Manuel Fernandes Viana, (engenheiro), Manuel Fernando Costa Silva, (estudante), Margarida Telo, (médica), Maria Manuela Pereira Saraiva, (enfermeira), Maria Julieta Correia, (estudante), Paulo Fernado Varela Gomes (estudante), Raul Dias da Cruz, (engenheiro-agrónomo), Raul Lourenço Zagalo Gomes Coelho, (técnico comercial), Vasco Belmarço da Costa Santos, (oficial da Marinha).

Assinam este comunicado, pela Comissão Política: José Manuel Galvão Telles e Mário Sottomayor Cardia.

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Camara Municipal do Concelho de PALMELA em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Palmela e de Pinhal Novo, no referido concelho, de uma linha aérea a 6 kV, com 2402 metros, do apoio n.º 12 da linha para Alagoínha ao posto de transformação n.º 2-081, Olhos de Água.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Setembro de 1969.

Pelo Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

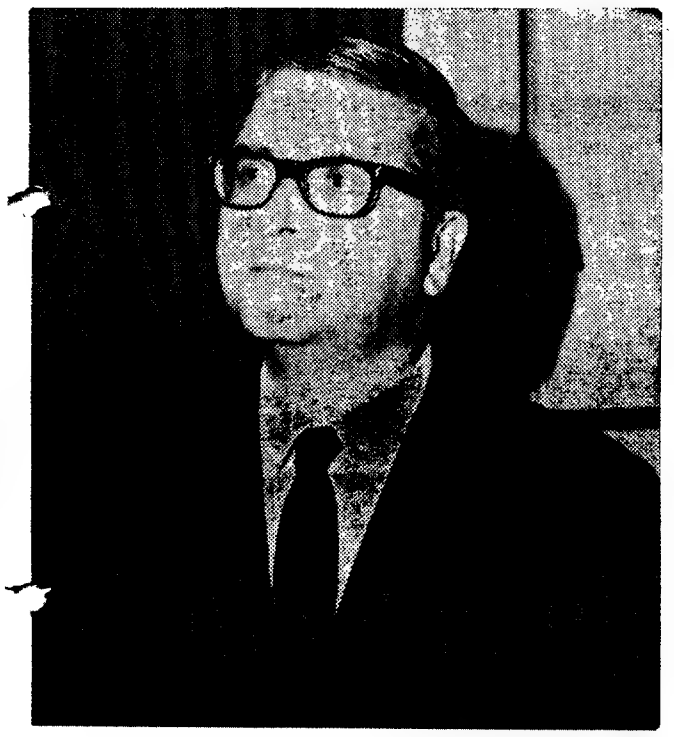
DR. ANTÓNIO PAULO MENANO

FALECEU

CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Maria Henriqueta da Camara Viterbo Menano, Maria da Graça Menano de Castello Branco sua marido D. Luís de Castello Branco (Pombeiro) e filhos Eng.º Nuno Menano sua mulher Maria Manuela Ressano Garcia Menano e filhas Francisco Paulo Menano sua mulher Maria Isabel Marques Menano e filhos, seus irmãos, cunhados e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 10.30 horas saindo da Igreja S. João de Deus para jazigo de família no cemitério de Fornos de Algodres. Amanhã a hora a determinar será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA AMARAL



Procuro sempre apenas a imitação e não achincalhar os meus imitados

Mini entrevista com Daniel Garcia

É TÃO RARO vermos o Daniel Garcia pelos estúdios da R. T. P. que não resistimos á tentação de o convidarmos para uma «conversa» no final da sua actuação para o programa «Riso e Ritmo». Simpático e modesto, Daniel Garcia riu-se não achando razão para esta entrevista...

Diga lá o que quer saber? De mim? Nasci em Junho de 1929... não digo o dia, não quero dar trabalho ao meu carteiro... apresentei-me em público pela 1.ª vez em 1940, cantando o fado. Nessa altura havia em Lisboa uma série de pequenos cantadores, Miudo da Bica, Miudo do Alto Pina, Ajuda, etc., etc. Como morasse na Penha de França, passei a ser o Miudo da Penha. Cantei em diversas verbenas da cidade, no Solar da Alegria e no Rancho Grande junto ao antigo Retiro da Severa. Mais tarde, em 1948, apresentei-me numa esplanada que funcionava no Bairro da Mina, na Amadora. Aí trabalhei, pela primeira vez, em público como imitador. Algum tempo depois, José Rocha, que ouviu uma gravação de um espectáculo em que colaborei, convidou-me a ingressar no elenco das Vozes de Portugal. Tornei-me profissional e percorri todo o País. Transitei depois para «O Comboio das seis e meia». Em 1953, fui a atracção portuguesa no Carnaval do S. Luís. No início de 1954, Aníbal Nazaré abriu-me as portas do teatro ligeiro. Não fui feliz.

Só mais tarde tive oportunidade de ingressar no teatro. De novo o persistente Aníbal Nazaré conta comigo e assim fui incluído no elenco da peça «Ele aí está», que subiu á cena no Teatro Maria Vitória. Depois trabalhei em várias revistas como «Casa da Sorte», «Vinho novo», «Delírio em Lisboa», «Mulheres á vista» etc., etc. Deixei mais tarde o teatro para me deslocar ás províncias de Angola e Moçambique, onde com um conjunto de variedades trabalhei para civis e militares. Regressado, fui chamado para colaborar na opereta «Nazaré». Foi esta, até agora, a minha última actuação em teatro. Em 1964 Ruy e José Andrade convidaram-me a entrar para os «Parodiantes de Lisboa», onde me encontro presentemente trabalhando como rádio intérprete.

— Qual foi a sua primeira imitação, ou o seu primeiro imitado?

— Bom. O meu pai era ouvinte assíduo da BBC no tempo da guerra e eu comecei a imitar a voz desse extraordinário locutor Fernando Pessa. Sim, foi ele que imitei.

— Já teve algum aborrecimento com os seus imitados?

— Directamente não. Procuro apenas a imitação e não tenho por norma menosprezar ou achincalhar os meus imitados. Contudo há alguns que não gostam muito.

— Pensa que em programas de variedades é receptivo a uma actuação de imitações? Receptivo, claro, a esse público?

— Tenho verificado que as imitações agradam quase sempre, quer em TV, quer noutro espectáculo qualquer. Assim como noto uma tendência nossa para apresentarmos espectáculos de variedades apenas com cançonetistas... É certo que os imitadores têm muita dificuldade de reportório. Os nossos números exigem muito trabalho e até despesa e a realidade é que a exiguidade do nosso meio não permite tais luxos.

— Existe alguém que não consegue imitar?

(Continua na página seguinte)

ARTISTAS PORTUGUESES NO CANADÁ

Com o intuito de efectuarem uma larga promoção dos seus discos, partem no próximo dia 17 para o Canadá os cançonetistas Maria José Valério, Maria Alice Ferreira, Artur Ribeiro e Mariete Pessanha, o acordeonista Tino Costa e, ainda, os actores António Anjos e Io Apoloni.

Este elenco, subordinado ao título de «Vedetas Show», não embarcou a 10 do corrente por dificuldades com a sua documentação.

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

SANGUE NA ESTRADA

NESTE PROGRAMA, a transmitir cerca das 20 e 15, Joaquim Filipe Nogueira põe uma vez mais em equação alguns problemas relacionados com a segurança rodoviária e nunca é de mais insistir com eles.

«AS FESTAS GUALTERIANAS»

PELAS 19 e 45, será apresentado o documentário realizado por Marques Vicente, sobre as tradicionais Festas Gualterianas que todos os anos se realizam na cidade de Guimarães.

VARIEDADES

«RISO E RITMO»

REALIZADO por Victor Manuel e produzido por Francisco Nicholson e Armando Cortez, apresenta-se, cerca das 21 e 35, mais um programa da série «Riso e Ritmo», no qual participam Nara Leão, Mirene Cardinalli, José Labaredas, Conjunto Sem Nome, Manh Eva, R. R. Dancers, Conjunto de guitarras de António Luís Gomes, Daniel Garcia, Henrique Viana, Octávio de Matos, Rui Mendes, Luís Mascarenhas, Orquestra de Joaquim Luís Gomes e Nadine Joel, Armando Cortez e Nicholson.

ACTUALIDADE DESPORTIVA

PREENCHEM esta rubrica e transmitir pelas 23 e 05 um resumo filmado do jogo de futebol ontem efectuado entre as equipas do Vitória de Guimarães e do Banik de Ostrava, a contar para a 1.ª mão da eliminatória da «Taça das Cidades com Feira» e imagens do jogo de hóquei em Patins entre as selecções de juniores de Portugal e da Suíça que disputam o Campeonato Europeu da modalidade que se realiza em Espanha.

2.º PROGRAMA

«Histórias de Guerra» — Último dia

CONTA-SE que no último dia da Guerra 1914-18, os alemães preparam uma mina para a destruição completa de um forte dominado pelos franceses. Apesar de os alemães saberem do Armistício tudo fazem para fazerem explodir a mina, antes das 11 da manhã, hora em que se inicia o cessar-fogo.

Este episódio é transmitido, a partir das 21 e 30.

Fados e Guitarradas

FRANCISCO CARVALHINHO e António Chainho à guitarra e Pais da Silva e José Maria Nóbrega à viola acompanham os fadistas Maria José da Guia e Manuel Carlos, cujo programa a R. T. P. transmite logo pelas 22 e 15.

Maria José da Guia cantará «Sem rumo» de João Nobre e «Ciúme de uma verdade» de Fernando Peres.

Por sua vez Manuel Carlos, interpretará «É feia mas gosto dela» de Manuel Cruz do Nascimento e «Sempre Fado» de Santos Rosa.

«Danger Man»

EM REPETIÇÃO, cerca das 22 e 35, é apresentado um episódio, já exibido na Rede Nacional em 2 de Outubro de 1965, da série de espionagem «Danger Man» com Patrick MacGoolan, no protagonista.

Também, em repetição, será transmtida pelas 23 e 25, a rubrica «Imagens da Poesia Europeia», da autoria de David Mourão Ferreira.

AMANHÃ — I Programa — Às 19: Abertura; 19 e 2: Ginástica; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida só em corpo são; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 35: Conheça um Portugal desconhecido; 21: Telejornal; 21 e 35: Convergência; 22 e 5: Noite de Cinema: «Terra Distante»; 23 e 50: Actualidade Desportiva; 0 h.: A Marcha do Mundo; Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — «Bela e Sebastião»; 21 e 55: «Zip-Zip»; 23 e 50: Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 431 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 33: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher por Maria Emília Cancela de Abreu de Judite Navarro; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 4.º Episódio do Folhetim «A Mãe e a Luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pelo quarteto de Edmond Hall; 21 e 40: Variedades no Estudio; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: O pianista Horst Jankowski; 23 e 05: Programa da noite; 1: FECHO.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 30: 1.º Acto da ópera «A Sonambula» (Bellini); 18: Musica do século XX — Obras de compositores suíços; 19 e 10: Folclore Português — Musica Regional da Beira-Baixa, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 25: Musica de Teclo; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental; 20 e 30: Stabat Mater (Scarlatti) — Conjunto Vocal Jean Turellier; 21: Parte de um Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro Franco Manini, realizado no Cinema Tivoli, em Lisboa; 21 e 30 — Panoramas da História, pelo Dr. João Ameal; 21 e 50 — Solos de piano por Magda Tagliaferro — Obras de Albeniz e Villa Lobos; 22 e 20 — Poemass infónicos — «Tamar» (Balakirev) — Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Anatole Fistoulari — «Russia» (Balakirev) — Orquestra Filarmónica dirigida por Lovro von Matacic; 23 — A Voz do Ocidente; 1 e 15 — Fecho.

3.º Programa (Cultural MF2) — 94,3 mc/s — Às 23 — Musica de piano; 23 e 25 — Concerto pela Orquestra Sinfónica e coro da RAI de Turim, dirigida por Mário Rossi e Ruggero Maghini; 1 — Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Recital; 19 e 40: Noticiário; e ás 19 e 44: Fecho.

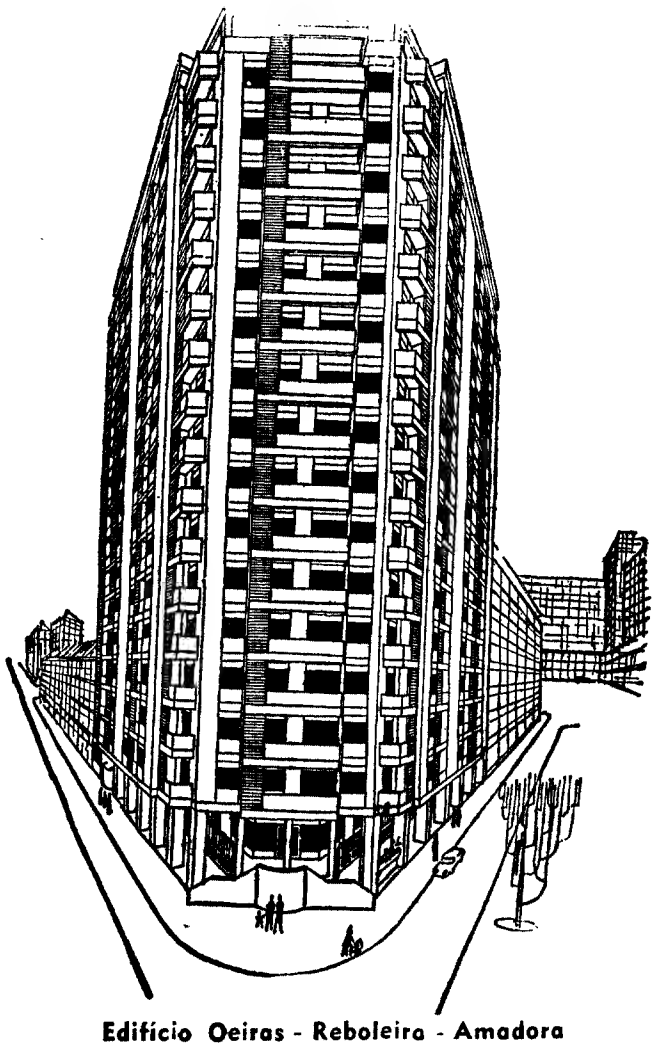
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: no Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos...; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. S. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 1 e 03: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa CDO; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée Teatral; 19 e 03: Miscelania; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia e dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 01: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1:286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Canções para ouvir e recordar; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados e guitarradas; 21 e 45: Solistas; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.



Edifício Oeiras - Reboleira - Amadora

Edifício Oeiras

Este edifício será o maior do Distrito de Lisboa. Comportará cerca de 200 fogos

compre a sua habitação neste edifício e quando ele estiver concluído terá em frente um Parque Desportivo equipado com piscina

J. PIMENTA, S. A. R. L.

assegura-lhe um rendimento de 6 a 10%, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente, garantido por escritura pública

MORADIAS

Encontra V. Ex.ª em Paço de Arcos moradias de luxo prontas a habitar. Em Cascais moradias tipo turístico e em degrau.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loiças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, electrodomésticos, utilidades para o lar, novidades em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. PIMENTA, na Amadora, na Av. Santos Matos e em Queluz na Rua D. Maria I n.º 30, junto ás estações de caminho de ferro respectivas.

3.000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Lisboa ● **Apartamentos em exposição em Reboleira, Amadora, Paço de Arcos (Espargal) e Cascais (por detrás do Hotel Baía)**

LISBOA — Rua do Conde Redondo, 53-4.º, Esq.º — Tel. 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22 **REBOLEIRA — Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70**

MINIENTREVISTA COM DANIEL GARCIA

(Continua na página seguinte)

— Duas pessoas. Artur Agostinho e Amália Rodrigues. Gostaria imenso de os imitar mas não consigo.

— Pode relatar algum episódio cómico sucedido consigo?

— Certa vez estando a trabalhar no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, ocorreu um episódio mais ou menos anedótico. Fazia eu o papel de um maluco da rádio. Mal vestido, desgrenhado, com cara de desiquilibrado fui impedido de entrar em cena por um polícia que ainda não tinha visto a peça e achou que eu não deveria ser intérprete. Claro que tudo se esclareceu rápidamente e lá entrei para fazer o meu número.

— Projectos?

— Quanto a projectos... Prefiro não os mencionar. Não passam de sonhos. Pretendo apenas trabalhar o mais que puder para aperfeiçoar e desenvolver o meu trabalho. Mesmo que não tenha outra compensação, é para mim grato prazer presentear o público com o melhor do meu trabalho. Esse público anónimo que afinal sempre me tem dado alento e que, graças a Deus, tem premiado o meu trabalho com o calor dos seus aplausos sinceros.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

MILITARES FALECIDOS EM ANCOLA

LUANDA, 11 — (A. N. I. e L.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola comunica que faleceram nesta província, vitimados por acidente com arma de fogo, o furriel miliciano n.º 044708/66, Francisco João Martins Mendes Palma, natural de Torres Vedras, filho de Joaquim Mendes Palma e de Maria Esperança Mendes Palma, e o soldado 632263/66, Domingos, filho de Luís Galuapa e de Munvanola, que pertencia ao recrutamento da província.

O mesmo Comando-Chefe informa que, por doença, faleceu o soldado 084203/68, Joaquim José Tavares, natural de Obidos, filho de José Marques Bicho e de Maria Glória Fernandes Marques.

No Hospital Militar de Luanda morreu, vítima de ferimentos recebidos em combate, o soldado 035025/68 Delmar Nunes Sereno Marques, filho de Joaquim Marques e de Floripes Sereno Marques.

Também os Serviços de Informação Pública das Forças Armadas comunicam que faleceram em Angola, por doença, o furriel miliciano 042711/67 António Maria Marques Pereira, natural de S. Mamede de Infesta, Matosinhos, filho de Serafim Baptista Pereira e Maria Glória Oliveira Marques, e o soldado do recrutamento provincial, n.º 615082/69, Vítor Manuel Teixeira, natural de Nossa Senhora da Conceição, filho de António Teixeira Junior e de Felicidade Ribeiro Teixeira; e por desastre, o soldado 005386/69, Manuel Vingança, natural de Ferreira, Lamego, filho de Renato Pinto Cardoso e Filomena Candida.

Comunicado das Forças Armadas na Guiné

BISSAU, 11 — (L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 1 a 7 de Setembro de 1969, cujo texto é o seguinte:

«Durante o período, o inimigo flagelou os aquartelamentos de Guidage, Missirá, Barro e Chamarra; implantou engenhos explosivos nas regiões de Mpack e Colage (S. Domingos) e Sorimone (Bissorã) e nos itinerários de Fulacunda-Porto e Bissorã-Barros; emboscou as nossas tropas nas regiões de Pantufa (Pelundo) e Mampatás (Guidage).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu: na região de Binhante (Cacheu), 3 mortos e apreensão de armamento; na região de Rio Perade (regulado de Maná), 1 morto, apreensão de armamento, munições e documentos; na região de Mampatás (Guidage), 1 morto; na região de Churo, apreensão de armamento.

No conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados quatro elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu 5 mortos e 1 capturado.

As nossas forças não sofreram quaisquer baixas em combate.»

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que faleceu em combate na província de Angola o soldado n.º 107702/69, António Cardão Gomes Silva, natural de Mateus (Vila Real), filho do sr. Joaquim Gomes Silva e da sr.ª D. Maria Conceição Cardão Orinho.

FRIGORÍFICOS

IGNIS

· Maior capacidade em menor espaço

· A maior e melhor linha

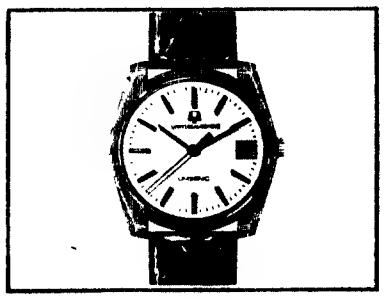
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:

ELGA, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T 4 21 75 — LISBOA

UNISONIC

O RELÓGIO ELECTRÓNICO COM DIAPASÃO



O UNISONIC já não pertence à mecânica

Agora é um electrónico e a sua precisão é comandada por um diapasão: um oscilador electrónico que vibra 360 vezes (em vez de 5) por segundo

E a simplicidade do mecanismo aumenta a sua resistência

A PRIMEIRA MARCA SUIÇA QUE ADOPTOU O RELÓGIO COM DIAPASÃO

UNIVERSAL GENEVE

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Setembro de 1939 publicava:

«**BRUXELAS, 11 — Comunicam de Luxemburgo que é intenso o ruído do troar do canhão e das armas automáticas, que vem do lado da fronteira franco-alemã. Desde as 7 horas da manhã que foi assinalada a passagem para o território alemão de numerosas esquadrilhas de aparelhos aliados de bombardeamento e de caça.**

«**A fronteira do Luxemburgo chega a notícia de que, durante a manhã de hoje, se têm travado renhidos combates aéreos entre as esquadrilhas aliadas e a aviação alemã.**»

ILFORD

A PELÍCULA-MARAVILHA!

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTES:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A.R.L.
RUA DA CONCEIÇÃO, 46 - TEL. 36 15 45 - LISBOA

Palavras cruzadas

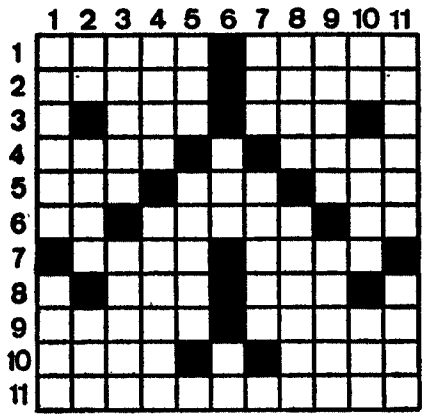
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5295

HORIZONTAIS: 1 — Aquelas que gaguejam. Faz massagens em. 2 — Prendera com elos Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 3 — Negativa. Estava. 4 — Emir. Desconfiado (Bras.). 5 — Engue. Artigo (abrev.). Agência telegráfica de Imprensa. 6 — Escândio (s. q.). Apressam. Tempo do verbo haver. 7 — Ilhas do arquipélago da Polinésia. A folhagem das plantas. 8 — Claridade. Doutora. 9 — Planta vivaz e medicinal. Desamparados. 10 — Montão. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas. 11 — Ensinariam.

VERTICAIS: 1 — Paralisais. Lodo. 2 — O mais Mil duzentos e cinco em romano. Preposição. 3 — Dava ganidos. Velhice. 4 — Lavrar. Arremessas. 5 — Saudável. Aeroplano. 6 — Apelido. Cidade da antiga Caldeia. 7 — Estime. Perto da noite. 8 — Género de mamíferos roedores da América austral também chamados lebre-das-pampas. Dar marradas. 9 — Ave trepadora. Sugai o leite materno. 10 — Aqui. Garra. Base aérea portuguesa. 11 — Chamava a si. Empregam.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5294

HORIZONTAIS: 1 — Capas. Balas. 2 — Acolá. Elada. 3 — Terão. Nadei. 4 — ANO. Era. 5 — Rase. Mais. 6 — Soro. Faia. 7 — Sipaios. 8 — DE. NEVES. Ar. 9 — Ira. Roi. ANO. 10 — Amada. Rimas. 11 — Morem. Avelã.

VERTICAIS: 1 — Catar. Adiam. 2 — Acenas. Erma. 3 — Porosos. Aar. 4 — Alo. Erin. DE. 5 — Sãos. Operam. 6 — Avô. 7 — BENS. Fieira. 8 — Ala. MÃOS. IV. 9 — Ladears. Ame. 10 — Aderia. Anal. 11 — Saias. Prosa.

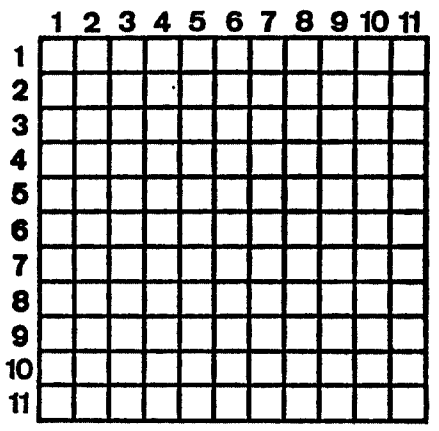
Provérbio: ANO DE NEVES, ANO DE BENS.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9138

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho da Guarda. 2 — Talhara. 3 — Artigo definido. Mulher canonizada. Nota musical. 4 — Pêlos de certos animais. Origem. Medida de líquidos usada na Alemanha, Holanda e Suíça. 5 — Remara para trás. Que não ouve. 6 — Cidade da Umbria. Cidade da Roménia. 7 — Filtra. 8 — Botequim. Caule de várias gramíneas. 9 — Barriga da perna. Passados. 10 — Campo de discussão. Rezaro. 11 — Aperfeiçoas. De altos preços.

VERTICAIS: 1 — Calças que chegam apenas ao joelho. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. 2 — Ir para fora. Espécie de argila usada em tinturaria. (Bros.). 3 — Antes de Cristo. Cidade de Portugal. 4 — Pronome pessoal (pl.). Batráquio. Murcha. 5 — Urde. Cerio (s. q.). Artigo definido. 6 — Vulcão da Sicília. Porco. 7 — Pequenos barcos de recreio. Antes de Cristo. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 8 — Grande. Uma (ant.). Encoleriza. 9 — Em partes iguais. Dar ou tomar um prédio de renda. 10 — Predestina. Género de gorgulhos tropicais. 11 — Classe. Saudáveis.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9137

HORIZONTAIS: 1 — Trigo. Carga. 2 — Remo. Cais. 3 — Asa. Ave. Srs. 4 — It. Am. Sá. Aa. 5 — Salga. Corri. 6 — Ri. Rio. Io. 7 — Sôr. Ras. 8 — Em. Parra. Ar. 9 — Legar. Erado. 10 — Ana. Aero. 11 — Rosas. Coros.

VERTICAIS: 1 — Trais. Selar. 2 — Restar. Meno. 3 — Imã. Lis. Gas. 4 — Go. Ag. Opala. 5 — Amarrar. 6 — IV. 7 — Escorre. 8 — AC. Ao. Aarão. 9 — Rãs. Ris. Aer. 10 — Girara. Adro. 11 — Assai. Grãos.

Caixa de Reformas e Pensões do Pessoal da Sociedade «Estoril»

A contar da publicação do presente anuncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Comissão Administrativa da Caixa de Reformas e Pensões do Pessoal da Sociedade «ESTORIL» os herdeiros de JOSÉ ANTUNES AMORA, ferreiro reformado, á pensão de sobrevivência, por ele legada, como contribuinte da referida Caixa nos termos do regulamento de 25 de Abril de 1933.

Findo este prazo, será tomada deliberação em conformidade com as disposições do citado regulamento.

Lisboa, 4 de Setembro de 1969.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

«CONHEÇA A CURIA»

é um bilhete turístico de fim-de-semana, com todas as despesas incluídas, emitido pela C. P. aos preços de:
305$00 — 330$00 — 435$00
consoante a amplitude dos serviços preferidos.
Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

PHILIPS

CENTRO COMERCIAL DOS SERVICOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

ÀS SUAS ORDENS PARA:
MONTAGEM DE AUTO-RÁDIOS
VENDA DE ACESSÓRIOS
REPARAÇÕES RÁPIDAS

AV. LUÍS BIVAR, 65 A • R. PINHEIRO CHAGAS, 66 • TEL. 56 6 00 • LISBOA

CAMISARIA PHOEBUS

RESTOS DE COLECÇÕES DE VERÃO

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO

RUA DO OURO, 285-287

Dois militares mortos e três feridos num acidente de viação

Ao descrever a curva da Mata Loureira, perto de Cercal-Cadaval, foi embater numa árvore, incendiando-se, um automóvel em que seguiam cinco militares do Regimento de Infantaria 5, das Caldas da Rainha.

O acidente ocorreu esta madrugada, havendo a lamentar dois mortos, um dos quais, o condutor, faleceu a caminho do Hospital da Azambujo. Trata-se de Rui Alberto Alcobia Ferreira Afonso, de 21 anos, natural de Bonfim (Porto), soldado aluno do C. S. M.

Dois dos militares foram conduzidos ao Hospital de S. José, onde um deles veio a falecer, encontrando-se o outro em estado de coma. Desconhecem-se ali as suas identidades. No entanto, os Bombeiros Voluntários de Alcoentre informaram-nos que os militares para ali transportados foram os soldados do C. S. M. n.os 2923, Pedro Veiga, e 2992, Marecos Ferreira.

Finalmente, os dois restantes, muito feridos, foram transportados, também, pelos Bombeiros Voluntários de Alcoentre, ao Hospital de Santa Maria, de onde foram transferidos para o Hospital Militar Principal. São, o aspirante a oficial miliciano Carlos Manuel Vieitas, de Braga, e o primeiro cabo miliciano António Fernandes Caetano Teixeira, de 21 anos, do Porto.

MORREU MENANO

UM DOS MAIORES CANTORES DO VELHO FADO DE COIMBRA

António Menano foi, sem dúvida, um dos maiores cantores de fados de Coimbra. A sua voz, de resto, ainda hoje perdura na tradição coimbrã. Apenas, recentemente, os baladistas deixaram de ter como aferidor do fado as imitações do Menano. Mesmo assim, bom cantor, ás portadas da Sé, ainda hoje, em Coimbra, é o que afina a voz no timbre do Menano

Essa voz calou-se para sempre António Menano morreu.

Médico e artista, formado pela Universidade de Coimbra, António Paulo Menano nasceu em Fornos de Algodres, em 5 de Maio de 1895. Era filho de António da Costa Menano e de D. Gervásia Paulo Menano Licenciou-se em 1923, mas a sua voz e os seus fados eram conhecidos já do seu tempo de estudante.

Como médico, exerceu clínica na sua terra natal, mas, em breve, poucos anos após a formatura, fixou residência em Moçambique, na vila de Inhaminga. Vem daí o abandono voluntário e antes de tempo da sua carreira artista, a mais prometedora que teve um cantor do velho fado de Coimbra. A sua popularidade, porém, passou á história e, ainda hoje, Menano é, invocado a par de Hilário, Paradela de Oliveira, Edmundo Bettencourt e Armando Gois.

António Menano gravou para as melhores companhias estrangeiras e é nessas, gravações que a sua memória e a sua saudade perduram, para além da sua morte, ocorrida ontem.

ANTÓNIO MENANO

A visita do Presidente do Conselho a Arganil

Do gabinete do sr. Presidente do Conselho informam-nos não ser do conhecimento da Presidência o programa da visita do prof. Marcello Caetano a Arganil, que se tem publicado e que, por isso, carece de autenticidade.

CHUVA DE FIM DE VERÃO

As primeiras chuvas de Setembro, águas de fim de Verão, caíram hoje sobre Lisboa. De acordo com a previsão meteorológica de ontem, uma repressão cavada com tendências para acentuar-se, atravessava o Golfo da Biscaia e deveria deslocar-se lentamente para Leste ou para Lesnordeste, afectando (para pior) o tempo na zona a Norte de uma linha definida pela serra da Estrela, parte dos vales do Tejo e do Sado e Sines.

Nessa área deveria registar-se chuva ou chuvisco. A previsão acertou em cheio, mas ou nem todos a escutaram ou quem ouviu não acreditou.

Em resultado, á hora de sair das empresas para o almoço, em Lisboa, foram numerosas as pessoas que não o puderam fazer, por falta de impermeável, de guarda-chuva ou de táxi que evitassem o encharcar das andainas estivais em que a maioria veio atavia-da.

Por outro lado, como sargetas e algerozes estavam entupidos, todo o pessoal do B. S. B. teve de sair para atender a chamadas feitas por causa de inundação.

afectou o Porto O mau tempo

PORTO, 11.

Desde as 23 horas de ontem, a cidade é fustigada por verdadeiro temporal. A chuva práticamente não deixou de cair, por vezes, com grande intensidade.

Como é natural, as primeiras chuvas suscitam, não poucas vezes, grandes problemas para os automobilistas. Daí, alguns dos acidentes de viação Esta manhã, um autocarro do S. T. C. P. em consequência do estado escorregadio do solo, despistou-se e embateu na estação da C. P., em Contumil. O choque, que foi violento, provocou pânico nos passageiros, três dos quais ficaram feridos: o sr Avelino Jorge Ferreira, de 41 anos, casado, empregado dos Telefones, Rua de Santo António de Contumil, 709; o sr. Carlos Ferreira Couto, de 54, casado, serralheiro, do Beco de Lamas, 45 e a sr.ª D. Emilia Lopes Araújo, de 49, solteira, reformada, Rua Nau Vitória, 782, todos desta cidade. Foram conduzidos ao Hospital de Santo António, na ambulância «115», mas o seu estado não oferecia gravidade

CICLISTA COLHIDO MORTALMENTE POR UMA CAMIONETA

BARREIRO, 11 — Ontem á noite, deu entrada no hospital local, já cadáver, um jovem de nome Joaquim José da Silva Correia, de 18 anos, bate-chapas, natural de Fronteira do Alentejo e residente na Rua D. Pedro de Alcântara, bloco 4, 2.º, esq.º, nesta vila.

A morte foi causada por um acidente de viação ocorrido na curva da estrada nacional entre a Berberena e Pinta da Lomba, em virtude de uma manobra perigosa de uma camioneta, conduzida pelo sr. César Duarte Pacheco, de 28 anos, residente no Alto da Serra, Baixa da Banheira.

A camioneta, ao ultrapassar uma carroça, foi embater num automóvel ligeiro que seguia em sentido contrário. Este automóvel foi chocar, por sua vez, com a bicicleta conduzida pela vítima, e que seguia próximo.

O NAVIO-ESCOLA ARGENTINO «LIBERTAD» EM LISBOA

Em visita não oficial, fundeou de manhã, no Tejo, onde permanecerá até ao dia 16, o navio-escola «Libertad», da Armada da República Argentina.

Comanda esta unidade o capitão-de-mar-e-guerra Fernando Vasquez Mazzogui e da sua tripulação fazem parte 23 oficiais, um professor civil da Escola Naval, dois oficiais do Exército e da Força Aérea, oito sargentos e 216 praças. A bordo viajam oitenta e oito guardas-marinhas.

O «Libertad», que desloca 3025 toneladas atracou ao cais de Santa Apolónia. Ás 9 horas deu entrada a bordo o oficial de cumprimentos do Comando Naval do Continente e logo a seguir o oficial de ligação, 1.º tenente João Luís Duarte Filipe e o 2.º secretário da Embaixada da Argentina sr. José B. Gago. Depois chegaram o embaixador e o cônsul-geral da Argentina com intervalos de 15 minutos.

Constituída a Sociedade Teatral Vasco Morgado, Lda.

No «Diário do Governo» de ontem (3.ª série) vem publicada a escritura da constituição da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que adoptou a denominação Sociedade Comercial Organizações Teatrais Vasco Morgado, Ld.ª, entre a sr.ª D. Maria Manuela de Araujo Veiga Ribeiro e o empresário sr. Vasco Morgado. O objectivo da sociedade, cujo capital é de 100 contos, é a organização de espectáculos publicos de qualquer género, nomeadamente de teatro, cinema, rádio e televisão, em recintos fechados ou ao ar livre.

A sociedade dissolve-se nos casos legais e sempre que a sócia, sr.ª D. Maria Manuela de Araujo Veiga Ribeiro o desejar, ficando a dita sócia, como liquidatária, com os mais amplos e ilimitados poderes, incluindo os do parágrafo 1.º e seus numeros do artigo 134.º do Código Comercial.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vendo
Consolidado 4 3/4% ..	525$	—	525$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	640$
Centenários 4%	1.480$	1.470$	490$
Obrigs Tesouro 5%	1.007$	1.007$	009$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 1.ª Série C.	—	—	840$
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série C.	—	—	900$
Cauteias 3.ª Série	180$	175$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P 1 5% 56	—	930$	930$
A P 1 5% 58	—	925$	—
E P 4 1/2 65	—	—	—
E P S 1/2% 67	—	—	—
E U C 6%	—	—	1.011$
E U C 6% 68	—	1.000$	1.005$
Gás Elect 4% 48	—	820$	—
Gás Elect 4 1/2 % 51...	—	875$	880$
Gás Elect 5% 52	885$	—	890$
Gás Elect 5% 58	885$	880$	890$
Gás Elect 5% 59	885$	880$	890$
Gás Elect 5% 62	—	920$	—
Gás Elect 5% 63	—	915$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A. Alentejo 5% ...	—	815$	—
H E Cávado 5%	830$	825$	830$
H E Cávado 6%	—	1.000$	1.005$
H E Douro 5%	815$	810$	820$
H E Douro 6%	999$	998$	1.000$
H E Norte Port 5% ...	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	997$
H E Zêzere 5% 55 ...	—	—	860$
H E Zêzere 5% 57 ...	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1.000$	1.004$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4% —		015$	—
Moçambique 5%	—	750$	—
Nac. Electr. 5%	830$	825$	825$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquímico 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	950$	970$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	870$	860$	880$
T. A P 4%	—	—	955$
Termoelect Port. 5% ...	810$	805$	815$
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U. E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U. E P 5%	—	—	83$
U. E P 5% 60	—	830$	835$
U. E P 5% 63	—	—	860$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.645$	1.640$	1.645$
Alentejo	920$	920$	925$
Angolo	—	3.250$	3.300$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.500$	3.500$	3.510$
E. Santo	—	20.000$	20.500$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. G Açores p.	7.250$	7.200$	7.270$
L. G Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	7.000$	6.950$	7.000$
Portugal n.	3.400$	3.300$	3.500$
Portugal p.	4.200$	4.180$	4.250$
Totta Allança	6.450$	6.400$	6.500$
Ultramarino n.	2.990$	2.985$	2.990$
Ultramarino o.	3.200$	3 190$	3.220$
Seguros			
Alentejo	76$	75$	78$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	—	610$	620$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarina	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	800$	850$
Ag Cassequel	—	860$	890$
Ag Incomati	—	1.980$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S. Tomé e Príncipe	—	300$	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	80$	81$
Cabinda	—	217$	221$
Ultramarinas			
Diamantes Angola	1.960$	1 955$	1.965$
H E Revué	—	600$	610$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	132$	132$	134$
Sonefe o	—	—	—
Sonefe p	377$	377$	380$
Zambézia	79$	79$	80$
Angolano	—	—	—
C Diversas			
Cidla	8.000$	7.950$	8.000$
Cim Leiria	—	4.000$	4.250$
Cim Tejo	—	6.000$	—
Col Navegação	—	—	1.650$
C U F	1.420$	1.400$	1.430$
Ind Allança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	2.310$	2.350$
Port e Colónias	1.500$	1.495$	1.500$
Port Celulose	4.600$	4.550$	4.650$
Port Pesca	1.200$	1.200$	1.250$
Port Tabacos	785$	780$	789$
Sacor	4.850$	—	—
Siderurgia Nac.	—	1.600$	1.650$
Socel	2.930$	2.900$	2.950$
Tabacos de Portugal ...	1.450$	1.420$	1.480$
Tabaqueiro	—	7.600$	8 500$
U F Azoto	835$	835$	840$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p.	420$	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	410$
Eléct Beiras	—	1.650$	1.690$
Gás Electr	430$	430$	431$
H e Alto Alentejo.....	163$	162$	163$
H e Cávado	—	—	1.290$
H e Douro	1.260$	1.259$	1.261$
H e Norte Portugal ...	—	305$	—
H e S Estrela	—	—	—
H e Zêzere	—	1.280$	—
Nac Electricidade	1.285$	1.280$	1.290$
Termoeléctr Port	1 260$	1.255$	1.265$
U E P	200$	200$	201$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	194$5	200$3
F I D E S	—	119$7	133$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	4/9	10/9	11/9
GERAL	141.9	142,6	142,3
METRÓPOL ...	138,1	138,5	138,2
ULTRAM.	169,7	172,6	172,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 a 2 ...		
— Rands de 5 a 20...	35$50	37$50
América		
— Dollars de 1 a 4 ...	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$80
Suiça — Franco	6$55	6$75
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	308$00	323$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.', Esq.' — Telef. 32 06 68

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e e 5.ª — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar, e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr. Foutoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Luís Abecassis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Prof. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.

Dr. M Freire da Cruz — Endocrinologia — 3.ª, 5.ª e sáb.ª — 15 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14,30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Nelson R. Viegas — Pele e Sífilis — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 15 h.

Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA

GUIMARÃES — UM GOLO UMA ESPERANÇA

• VITÓRIA, 1 - BANIK OSTRAVA, 0

O Vitória de Guimarães estreou-se como vencedor, embora tangencial, em provas de nível europeu. No entanto, para confirmar-se até que ponto o terceiro classificado do «Nacional» da época passada entrou ou não com o pé direito na «Taça das Cidades com Feira», terá que aguardar-se o jogo da segunda «mão» a disputar em Ostrava, cidade a que pertence o Banik

A dúvida, que constituirá um excelente motivo de expectativa para o segundo jogo resulta das peripécias que ofereceu o encontro de ontem, a que assistiram quinze mil pessoas.

A fraca actuação oferecida pelo Vitória não tendo justificado os assobios que no final rodearam a equipa, deu no entanto cabimento a cogitações de dúvida relativamente á sua passagem á eliminatória seguinte

É que os checos não se mostraram aquela equipa «fraquinha» que os primeiros esboços de luta poderão ter denunciado. Nem tampouco, formam um grupo demasiadamente ingénuo nos pormenores do jogo.

O único golo do desafio, surgido na primeira dezena de minutos, terá sido

Contra-ataque checo conduzido por Weis e observado pelos vimaranenses Artur, Augusto e Peres, enquanto Manuel aperta as botas

o impulso para que o Vitória tivesse construído um resultado mais amplo (que aliás acabou por não merecer). É que os vitorianos começaram muito cedo a acreditar num êxito fácil evidenciando até uma sobranceria de movimentos e aplicação que os checos acabariam por reduzir a uma expressão simples.

Não basta uma situação favorável, uma técnica superior e uma condição de visitado para impor leis. É necessário uma aplicação total á luta, meio indispensável para atingir o fim desejado: e aqui o objectivo era uma marca tranquilisadora.

Aconteceu que o Vitória de Guimarães foi efectivamente superior e impôs a iniciativa do jogo só no primeiro quarto de hora

Neste período (o melhor dos vimaranenses) veio ao de cima uma supremacia técnica incontestada, manobra bem ligada, intencionalidade atacante e prontidão de remate.

Quando decorriam os primeiros vinte minutos já o Banik sustia as perigosas investidas dos vitorianos. Cuidada a defensiva, povoado o meio campo e melhor fortalecido o ataque (quase sempre atacaram cinco e defendiam sete) os checos equilibraram o jogo, para depois serem eles a marcar ascendência.

Por mais vezes estiveram os visitantes perto de estabelecer o empate, do que os minhotos a conseguirem o segundo golo, a despeito de algumas perigosas investidas dos jogadores vitorianos, mas sempre em jogadas de contra-ataque.

Roldão, o guarda-redes vimaranense, foi sujeito a trabalho intensivo (mormente na segunda parte) e poderia ter sido desfeiteado, se não fora a ingenuidade no remate final, pecha primordial dos jogadores visitantes. De outras vezes, porém, Joaquim Jorge e Pinto marcaram categórica presença, anulando lances de muito perigo, desbobinados dentro da grande área pelos possantes checoslovacos.

Colocando em equação os lances de perigo e até as jogadas finalizadas por uma e outra equipa, afigura-se-nos que o Vitória acabou por conseguir um êxito: que o Banik discutiu muito bem. O empate teria até sido o resultado mais justo.

Mais uma vez se provou que uma equipa portuguesa de técnica evoluída não se deu muito bem com outra de origem centro-europeia, que caracteriza o seu jogo na força física e na homogeneidade do conjunto.

É de acreditar, apesar de tudo (a exibição do Vitória de Guimarães foi efectivamente fraca) que os vitorianos se reencontrem para o segundo jogo — até porque têm um golo de vantagem, que poderá constituir um excelente incentivo para passarem á eliminatória seguinte.

A equipa do Vitória de Guimarães, que vestiu camisola e calções pretos e meias brancas, alinhou assim:

Roldão; Costeado, Pinto, Joaquim Jorge e Silva; Peres e Augusto; Zezinho, Artur, Manuel e Carlos Manuel.

O grupo do Banik, que equipou todo de branco, alinhou:

Schmucker; Vecereck, Henort, Kniesek e Yunger; Weis e Pisek; Michalik, Kolecko, Bartaisky e Matanik.

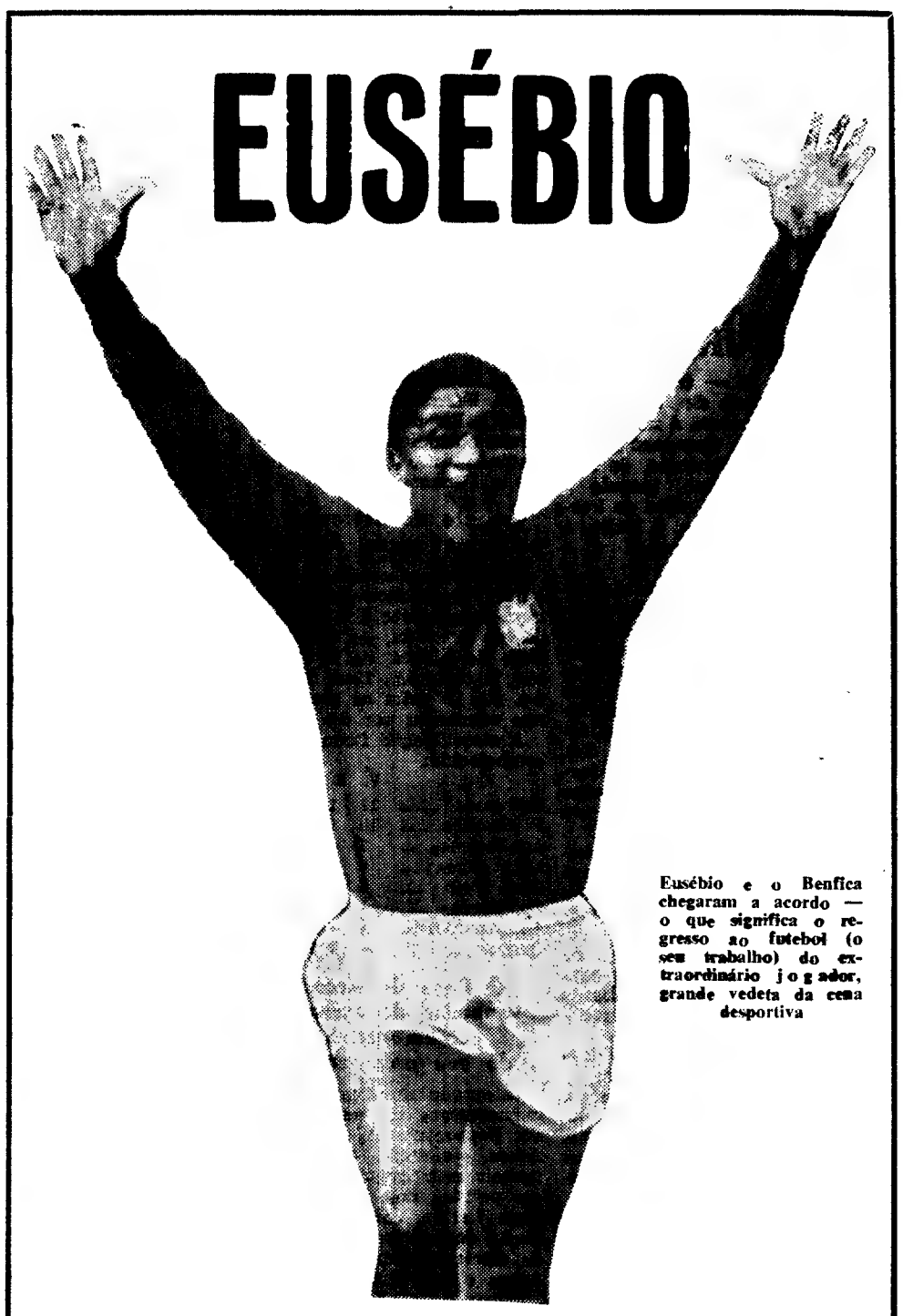
Ao intervalo: 1-0. Marcador do golo: Carlos Manuel, aos 10 minutos, com um remate já dentro da grande área, em posição frontal, na conclusão de um castigo de canto que a defensiva visitante aliviara mal.

Aos 18 minutos do segundo tempo Sionko ocupou o lugar de Weis, jogando integrado no ataque, e Postulka substituiu Pisek, a 5 minutos do fim, altura em que Mendes também substituiu Manuel, no eixo do ataque vitoriano.

Arbitrou (sem motivo para grandes reparos) o espanhol Adolfo Bueno, auxiliado pelos juízes portugueses Fernando Leite e António Costa.

ANTÓNIO ABEL

EUSÉBIO



Eusébio e o Benfica chegaram a acordo — o que significa o regresso ao futebol (o seu trabalho) do extraordinário jogador, grande vedeta da cena desportiva

VOLTA AO JOGO

Eusébio continua no Benfica, para o que firmou ontem, á noite, um contrato que o liga ao clube durante três anos.

O contrato é do montante (mínimo) de 4000 contos, verba que se divide em «luvas» (3076), ordenados (324) e o direito a uma festa de homenagem, em data a escolher pelo futebolista, garantindo o Benfica uma receita mínima de 600 contos. Isto, evidentemente, além de prémios de jogos iguais aos dos seus companheiros.

Verifica-se que o famoso jogador fez concessões, relativamente á sua posição inicial, atendendo ás dificuldades financeiras que o clube invocou. Também da parte do Benfica houve a melhor vontade de se chegar a uma plataforma conciliatória, para o que muito contribuiu a acção do presidente da direcção, dr. Borges Coutinho, que chamou a si o problema.

Na solução deste «caso» (um dos mais apaixonantes do futebol português) teve decisiva influência o dr. Silva Resende, amigo do jogador, que sempre o aconselhou no rumo que deveria seguir para se manter ao serviço do Benfica.

No contrato de Eusébio há algumas inovações, nomeadamente o direito expresso de falar para os órgãos de Informação e o limitar ás normais leis de trabalho (e não ás da Federação Portuguesa de Futebol) qualquer punição que, eventualmente, pudesse ser decidida pelo clube.

Entretanto, não escondendo embora o seu desejo de continuar no Benfica, chegou a propor aos dirigentes da colectividade a compra da sua desvinculação, oferecendo cinco mil contos, o que, como era de esperar, não mereceu a concordância dos dirigentes.

Vários foram os clubes que se dirigiram ao jogador manifestando interesse em assegurar os seus serviços. A proposta mais concreta foi a do São Paulo F. C., que lhe oferecia cerca de nove mil contos, um ordenado mensal de vinte e participação nas receitas de todos os jogos. Também o Olympique de Marselha se dirigiu a Eusébio, pedindo condições.

No entanto, a solução mais desejada, não só pelo jogador e pelo Benfica, como pelo futebol português, acabou por ser encontrada. E Eusébio lá estará, no domingo, no Estádio da Luz.

Assim o encontro do próximo domingo na Luz, onde o Benfica defrontará o Vitória de Guimarães terá a valorizá-lo a presença de Eusébio entre os campeões nacionais.

Esse facto, por si só, constitui um aliciante da partida, uma vez que Eusébio procurará demostrar que está de posse de todos os seus singulares predicados de futebolista, justificativos de um contrato que atingiu também verbas inéditas em Portugal.

DESPORTO

HÓQUEI EM PATINS

BOA ESTREIA DOS PORTUGUESES NO «EUROPEU» DE JUNIORES

• VITÓRIA DE 9-2 SOBRE A EQUIPA DA SUIÇA

VIGO, 11 — (Especial para o «Diário de Lisboa) — Começou ontem á noite nesta cidade o Campeonato da Europa de Juniores, de Hóquei em Patins, torneio a que concorrem além de Portugal, a Espanha, a Itália, a Alemanha, a França e a Suíça.

Depois das habituais cerimónias, em competições desta natureza, a Itália venceu a Alemanha por 3-2, seguindo-se o encontro Espanha-França em que os espanhóis triunfaram com as facilidades que o próprio resultado deixa antever: 7-0.

No último desafio da jornada inaugural a equipa portuguesa defrontou a da Suíça, ganhando por 9-2.

Impondo acentuada pressão territorial, com nível exibicional a situar-se em plano elevado, os portugueses, mercê da sua maior capacidade individual e da esplêndida força do seu conjunto, foram acumulando tentos, ganhando folgadamente.

No «cinco» português três hoquistas sobressairam: o defesa Dinis, e os dianteiros Cristiano e Orênsio, este, juvenil na época transacta, que sem se impressionar com a estreia, teve comportamento destacado.

Neste desafio arbitrado por um juiz alemão a equipa nacional apresentou a seguinte constituição: Castro, Dinis, António Julio, Cristiano, Fernandes e Orênsio.

Os golos dos portugueses foram obtidos por Dinis (1), António Julio (1), Cristiano (5) e Fernandes (2).

Os jogos forneceram os seguintes resultados:

C. Ourique-Oeiras	1-0
P. Arcos-Belenenses	2-0
P. Arcos-C. Ourique	3-0

Empate do Estremoz no «rinque» de Azeitão

Disputou-se, ontem, o encontro Azeitonense-Estremoz, respeitante á 6.ª jornada, da 2.ª volta, do Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão. O resultado final foi de 4-4. Na 1.ª volta os alentejanos venceram por 6-0.

A classificação ficou assim estabelecida:

	V.	E	D.	P.
Estremoz	11	1	1	36
F. Benfica	10	1	2	34
Azeitonense ...	7	4	2	31
Liga Algés	6	2	5	27
Cim. Tejo	5	2	6	25
Sp. Torres	4	—	9	21
Ac. Amadora ..	4	—	9	21
Queluz	—	2	11	15

O Paço de Arcos vencedor do torneio comemorativo do seu aniversário

Integrado nos festejos comemorativos do aniversário do Desportivo de Paço de Arcos, realizou-se ontem um torneio relâmpago de hóquei em patins, nos modelos da Taça Latina, com a participação das equipas do Campo de Ourique, Oeiras, Paço de Arcos e Belenenses.

TRÊS JOGOS «EUROPEUS» NA PRÓXIMA SEMANA

As equipas portuguesas interessadas nas competições europeias vão entrar num período de intensa actividade.

Com efeito depois do encontro ontem disputado em Guimarães entre o Vitória dequela cidade e o Banik, de Ostrava, outros despiques vão suceder-se, a contar para a primeira eliminatória das diversas provas internacionais.

Assim na próxima semana disputam-se, com participação de equipas portuguesas, três desafios: no dia 17 a Académica defrontará o Kuopiou a contar para a «Taça das Taças» e o Benfica bater-se-á com o K. B.

No dia seguinte, ou seja no dia 18 cabe a vez ao Vitória de Setubal que jogará contra o Rapid em despique a contar para a «Taça das Feiras».

As «obrigações» dos grupos portugueses continuam no dia 24 realizando-se os desafios Hvidovre-F. C. Porto e Sporting-Lask, ambos a contar para a «Taça das Feiras».

No dia 1 de Outubro os cinco clubes portugueses empenhados em cotejos internacionais defrontarão os mesmos adversários em jogos a contar para a segunda «mão» da eliminatória.

TORNEIO DE TIRO EM CALDELAS

No próximo dia 14, realiza-se nas Termas de Caldelas um grande torneio de tiro aos pratos com prémios no valor de 21000$00. Estarão em disputa 7 taças em prata, prémios pecuniários até ao 5.º classificado e objectos de utilidade até ao 15.º. O torneio autorizado pela Federação Portuguesa de Tiro, iniciar-se-á ás 14 horas. A inscrição (com pratos incluídos) é de 220$00.

EMPATE DO PORTIMONENSE

AYAMONTE (Espanha), 11 — (A. N. I.) — O Portimonense Sporting Clube, da segunda divisão portuguesa, empatou com o Ayamonte, da terceira divisão espanhola, a uma bola, num encontro particular realizado ontem em Ayamonte. Ao intervalo as equipas estavam empatadas sem golos.

O golo espanhol foi marcado por Molina, aos 58 minutos, e o tento português por Évora, aos 63.

PORTIMONENSE: Carlos Alberto; Lino, Nelson, Celestino e Elias; Morujo e Jacinto;; Luz, Ramos, Évora e Pacheco.

AYAMONTE: Franco; Lobo, Hurtado, Lolo e Carlos; Cardenas e Nicolas; Saldana I (Molina), Arnau, Puerta e Garlito.

Ao terminar empatado o encontro, a equipa local renunciou á taça, em disputa, que foi entregue aos portugueses.

FUTEBOL E DISCIPLINA

NÃO HOUVE SUSPENSÕES NO INÍCIO DOS CAMPEONATOS

Não pode dizer-se que a jornada inaugural dos campeonatos nacionais de futebol se tivesse iniciado em ambiente de indisciplina.

Bem pelo contrário, e louvávelmente, os jogadores comportaram-se com a maior correcção não havendo a assinalar qualquer expulsão.

Assim o mapa de castigos do Conselho Disciplinar da F. P. F. referente ao 1.º domingo de campeonato apresenta apenas algumas repreensões por escrito, todas elas devidas a manifestações de desacordo com as decisões dos árbitros dos desafios.

Vejamos, no entanto, quais foram os primeiros prevaricadores:

I DIVISÃO — *Repreensão por escrito* a Mário Manuel Jardim Rodrigues, do Sporting de Braga, por «desacordo com uma decisão do árbitro».

II DIVISÃO — *Repreensões por escrito* a Alberto Sebastião Sá, do Vizela; Joaquim Manuel Barrigana, do União de Lamas; Luís César Chaves António, do Académico de Viseu, e Augusto Esteves Durand, do Luso F. C., todos por «desacordo com uma decisão do árbitro».

A CLUBES — *Repreensão por escrito* ao Varzim Sport Clube, por «demora na entrada em campo, após o intervalo».

FREQUÊNCIA DO ESTÁDIO NACIONAL

Foi de 3395 o número de praticantes que utilizaram as instalações do Estádio Nacional durane o passado mês de Agosto.

A maior frequência verificou-se no ténis com 2211 jogadores seguindo-se o atletismo com 598 e o futebol com 460.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

RECOMEÇOU O
TOTOBOLA
1 X 2

na vida
do totobolista
há sempre
um treze que passa...
o TOTOBOLA
renovando-se
todas as semanas
pode ser o seu palpite
da fortuna.

sonarte

Estreias de hoje — GANGSTERS - 70 — R O M A — VIVER, AMAR, MORRER — SÃO JORGE — SOB O SIGNO DA SUSPEITA—POLITEAMA

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
HOJE, ás 21.45
ESTREIA
GANGSTERS-70
com Josef Cotten
Technicolor — Techniscope

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA DE ÊXITO
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e ás 21.30
NOVAMENTE!
EM ÊXITO TOTAL!
O FILME PORTUGUÊS MAIS DESEJADO
JOÃO RATÃO
Realização de Jorge Brum do Canto
com Oscar de Lemos, Maria Domingas e António Silva
CANÇÕES ADMIRÁVEIS!

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA DE ÊXITO
KRAKATOA
(A LESTE DE JAVA)
no écran gigante — 70 m/m
com Maximillian Shell e Diane Baker

VOX
(M. 21 anos) Tel. 726808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
8.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

CONDES
Telefs. 322523 326710
(M. 12 anos)
Às 15.15, 18.15 e 21.30
À MARGEM DA LEI
com Lee Van Cleef
AR CONDICIONADO

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
Montgomery Wood no seu filme de maior violência
O BASTARDO

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21 h.
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE
c/ James Stewart e Johny Waier

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
Um novo filme de CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR, MORRER
com Amidou — Caroline Cellier
Às 15.15, 18.15 — Ultimas exibições — RAPARIGAS MODERNAS (17 anos).

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 55 51 34
Às 15.15, e 21.30
MONICA VITTI no filme de MÁRIO MONICELLI
A RAPARIGA DA PISTOLA
Sessão clássica ás 18.30 (Adultos)
POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO
Um filme de Polanski
c/ Sharon Tate

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fueneaux

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O clássico que desafia o tempo!
O ANJO AZUL
com Marlene Dietrich e Emil Jannings

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O fabuloso cómico da actualidade CANTINFLAS em
O BOLERO DE RAQUEL

AVIS
Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma sensacional comédia!
O ÁS DO PEDAL
com Bourvil e Dominique Tarbes
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
MATE-ME DEPRESSA QUE TENHO FRIO
com Monica Vitti e Jean Sorel

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 h.
OS PROTAGONISTAS
O. S. S. 117 — TERROR EM TÓQUIO

POLITEAMA
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
UM TENEBROSO MISTÉRIO DESVENDADO COM INCRÍVEL AUDÁCIA
SOB O SIGNO DA SUSPEITA
com Stewart Granger e Susan Humpshire
A ODISSEIA DE LADRAS E ASSASSINAS SOB UM SACROSSANTO DISFARCE
— TECNICOLOR —
HOJE, ás 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

LUMIAR
C. Carriche Telef. 791574
Às 21.30 h. (Adultos)
CARNAVAL DE ASSASSINOS
com Stewart Granger, Lex Barker, Pierre Brice, Pascale Petit e Margaret Lee

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
Um filme de aventuras no mundo do crime internacional
OPERAÇÃO KID BROTHER
com Neil Connery, Daniela Bianchi e Adolfo Celi

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
ANTES DO INVERNO CHEGAR
c/ David Niven e Ana Karina

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
ANTES DO INVERNO CHEGAR
c/ David Niven e Ana Karina

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Um filme emocionante
OS GRANDES DO VOLANTE
com Fabian e os mais categorizados ases do volante

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
A CHAMADA CAMARADA MINI-SAIA

CHIADO TERRASSE
Às 15 e 21 h. (M. 12 anos)
O INSPECTOR CLOUSEAU
COMO CONQUISTAR UM SOGRO

NAZARÉ
M/ 6 ANOS
GRANDIOSAS CORRIDAS DE TOIROS
INTEGRADAS NAS FESTAS DE N. SENHORA DA NAZARÉ

AMANHÃ, 12, ÀS 16.30	SÁBADO, 13, ÀS 16.30
CAVALEIROS MESTRE BATISTA L. MIGUEL DA VEIGA	CAVALEIROS MANUEL CONDE L. MIGUEL DA VEIGA
ESPADAS MÁRIO COELHO GREGÓRIO LALANDA	ESPADAS JOSÉ JÚLIO MANUEL ANTÓNIO

FORCADOS
AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO

8 — TOIROS	8 — TOIROS
DO MARQUES DE RIO MAIOR	DE JORGE ROSA RODRIGUES

DIA 14 — GRANDIOSO FESTIVAL

BILHETES À VENDA: AGÊNCIA ABEP, RESTAURADORES EM LISBOA — E NA NAZARÉ — PREÇOS POPULARES

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ena, já fala» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 19: «Dois contra o Texas» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Amor, fouco amor» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «7 Dólares de sangue» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Calma Fredy» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «A flor amarga» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O mundo de Suzy Wong» (17 anos).
SALÃO LISBOA — «O valete de ouros» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «As 4 bodas de Marisol» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «O solitário de Nevada» (12 anos).

● **Linha de Cascais**
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Roma invencível» e «Poucos dólares por Django» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Johnny Guiter» e «Piratas negros» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O homem que matou Liberty Valance» (12 anos).
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Agarra que é general» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Com o pedro no sapato» (17 anos).

● **Outra Banda**
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Até à Eternidade» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Onde estavas quando as luzes se apagaram» e «As cartas do Escorpião».
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM Às 21 e 15: «Rei do laço» e «A Guerra dos 2 Mundos» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 30: «Operação Bikini» (17 anos).

● **Linha de Sintra**
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Madame X» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «As Aventuras de Haggi-Baba» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Missão secreta em Veneza» e «Espia em calcinhas de renda» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A noiva estava de luto» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «As Sandálias do pescador» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Os Canhões de Navarone» (12 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno F**
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (6273'8).
ALCÂNTARA — Probidade, R. Alcantara, 15-B (638589).
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360).
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — Central do Areeiro, Av. Pare, 2 e 2-A (720820) * Bela, Avenida de Roma, 53-A (776314).
ALTO DO PINA — Bush, R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Alentejo, Av. Igreja, 28-B (712682) * Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) * Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859).
ARROIOS — Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Geiténica, R. das Pretas, 12-14 (322588).
AVENIDAS NOVAS — Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (772291) * Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) * Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42812).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascense, R. 27, n.º 41 (731216).
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30208).
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — Marques, Est. de Benfica, 648 (700096) * Vitex Est. Benfica, 373-B (780548) * São João — Estrada do Luz 124-A (Tel. 780548).
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (681726). * Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) * Rualto, Lda., R. do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro, 283-A (763016).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CONDE DE REDONDO — Contemporanea, R. Conde de Redondo, 26-30 (45048).
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela, 189 (66758).
GRAÇA — Progressiva, R. de St. Marinho, 18 (863619) * Alves de Carvalho, R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125).
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (661003).
LUMIAR — Petaleia, Herdeiros, R. Lumiar, 122-124 (790832).
MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28 (40536).
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 3, lote 300 (811091) * Central dos Olivais, Rua Alferes Bandeira Ruas, 7-C — Olivais Norte (815539).
PALHAVÃ — Curie, Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PENHA DE FRANÇA — Dimas, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Mariaz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395).
PRÍNCIPE REAL — Oliveira, R. D Pedro V, 123-125 (327880).
REGO — Prates & Mota, R. da Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Fixinto Elfeio, 29-A-B (637070).
S. BENTO — Valentim, R. do Poço dos Negros, 88-90 (679453).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25.
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 2511284).

● **Linha de Cascais**
ALGÉS — Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel. 218953).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432084).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Ginche — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281419); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

● **Linha de Sintra**
AMADORA — Melo — P. D. João I — Lote, 146 — Bairro Janeiro (Tel. 932756); Central — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); Igreja — P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); Jardim — Av. Conde de Oeiras, Loja X, 1 — Reboleira (Tel. 938424).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (971023).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) * «Zeller, R. da Republica, 83 (950049).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Quimio — Est. Mem Martins, 285 (T. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia — Lg.º Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — Abreia (299088)

● **Outra Banda**
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T. 224020)
ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 74 (22 43 02).
BARREIRO — Central, Av. Alfredo do Silva, 48 (2273207).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P 5 de Outubro, 18 (270254).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETÚBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel. 22760). Brasil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja 5 (Tel. 22 18580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861351 * Companhias Reunidas, 587011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros * oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
R. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 13 anos)

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (junto á Av. de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 27°,5; mínima: Penhas da Saúde, 9°,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE: máxima Elvas, 28°,5; mínima, Montalegre, 8°,5

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 18°,8; na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; períodos de chuva e aguaceiros, nas regiões do Norte e Centro; vento moderado do quadrante Oeste.

Amanhã
Nascer ás 7 e 15
Ocaso ás 19 e 50

Hoje Dia 19 Dia 25 Dia 3

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 11 — 4 (3,8 m); 16 e 18 (4 m). Dia 12 — 4 e 30 (3,9 m); 16 e 43 (4,1 m). Dia 13 — 5 (4,0 m); 17 e 10 (4,2 m).
BAIXA-MAR: Dia 11 — 9 e 37 (1,1 m); 22 (1 m). Dia 12 — 10 e 07 (1 m); 22 e 30 (0,9 m). Dia 13 — 10 e 40 (0,9 m); 23 e 02 (0,8 m)

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

Gabinete de Imprensa da Fundação Gulbenkian

Com o propósito de estreitar as suas relações com os órgãos de Informação, a Fundação Gulbenkian acaba de criar um gabinete de Imprensa, que funcionará junto da presidência da instituição, sob a chefia do jornalista Marques Gastão, que já assumiu essas funções, anteriormente mantidas pelo jornalista Luís Teixeira, que, voluntàriamente, por motivos de saude, as deixou.

PARA OS OUVINTES DO NORTE

NOVOS EMISSORES DA E. N. SÃO HOJE INAUGURADOS

VILA DO CONDE, 11 — A Emissora Nacional aumenta a sua rede no Norte do País: dois novos emissores de 100 kw são inaugurados ao fim da tarde pelo secretário de Estado da Informação e Turismo no Centro Emissor de S. Salvador, nesta vila, ao mesmo tempo que entram em funcionamento três outros emissores (Bragança, Chaves e Valença) para uma cobertura mais eficiente de Trás-os-Montes e do Alto Minho.

Os dois primeiros emissores destinam-se a substituir os conhecidos — e reconhecidos como pouco potentes — Norte 1 e Norte 2, através dos quais são radiodifundidos o primeiro e o segundo programas metropolitanos da E. N. para o Norte.

Quanto aos emissores de Valença, Chaves e Bragança, também integrados no Grupo de Emissores do Norte, premitirão cobrir zonas onde a audição se processava até agora em condições deficientes. Chaves e Bragança fazem parte do plano elaborado para a melhoria das condições na província trasmontana, o qual foi iniciado há um ano com a inauguração do emissor de Vila Real e prosseguirá com os de Mirandela (a instalar ainda no ano corrente) e de Miranda do Douro, que se espera entre em funcionamento no próximo ano, está também prevista a instalação de emissores de frequência modulada na Serra Amarela, lugar do Muro (Ponte da Barca), Bornes (Macedo de Cavaleiros) e Marão.

Uma antena de 140 metros

Ao acto inaugural assistirão, entre outras individualidades, o chefe do distrito do Porto, presidente da Camara de Vila do Conde, vice-presidente do Município portuense, e os srs. dr. Sollari Allegro, presidente da direcção da E. N., eng.º Manuel Bivar, director dos Serviços Técnicos, dr. Casimiro Pires, director dos Serviços administrativos, eng.º Beltrão Carvalho, chefe da Divisão de Emissores, intendente Carlos Ribeiro e Raul Gama. No decorrer da cerimónia usam da palavra os srs. drs. Sollari Allegro e Moreira Baptista.

Os emissores a inaugurar no Centro de S. Salvador melhorarão as condições de audição numa vasta faixa descrita como estendendo-se de Aveiro a Viana do Castelo. Para eles foi construída uma torre de antena com 140 metros de altura.

Todas estas realizações se integram no plano de reapetrechamento e desenvolvimento da E. N., datado de 1965 e no qual foram já gastos cerca de 120 mil contos.

APREENSÃO DE DOIS FILMES NA ITÁLIA

ROMA, 11 — (A. N. I.) — As autoridades italianas ordenaram a apreensão de dois filmes, «*Femina Ridens*» e «*Um e Outro*».

A projecção do primeiro foi proibida em toda a Itália, por causa de «cenas e sequências carregadas de intenso erotismo». O segundo, com Jean Sorel e Elsa Martinelli, está proibido até serem cortadas três cenas que «ofendem a moralidade pública».

NOVO ÂNGULO NO CASO «AGOSTINHO»

Agostinho na ordem do dia: todos se interrogam — procura-se a verdade.

E foi nesse sentido que o nosso jornal teve um encontro com um médico, um clínico ilustre, desempoeirado, que resolveu dizer claramente o que pensava — e as dúvidas que também o assaltam.

Trata-se do dr. Ribeiro da Cunha, que não se excusou a expor-nos, com toda a franqueza, o que pensa — e apresentou-nos, inegàvelmente, um novo ângulo de observação e interesse, na falada, discutida e escalpelizada questão:

— *Não devemos esgotar antes de outras investigações* — começou por nos dizer aquele ilustre clínico — *todas as que ainda podem ser realizads no aspecto laboratorial.*

E prossegue:

— *Suponho que se impõe fazer uma análise de todos os tónicos, estimulantes, vitaminas a que o ciclista fez referência e refrigerantes que Joaquim Agostinho afirma ter tomado, particularmente algumas em especial que tivesse ingerido nesse dia e não anteriormente. E isto far-se-ia a fim de verificar se alguns deles continha — mesmo sem se saber — o farmaco ou sucedâneo que foi encontrado nas análises.*

Uma pausa. E, a seguir:

— *O caso tomou um aspecto em que, creio, nenhuma hipótese deve ser ignorada. Digo mais: todos os produtos que ingeriu nessas ultimos 48 horas devem ser analisados.*

E o dr. Ribeiro da Cunha desenvolvendo a sua ideia acrescenta:

— *Quem sabe, também, se alguém, com boa e louvável intenção, não lhe terá dado, sem saber, efectivamente, a sua composição?*

Agostinho vai a Montjuich

Enquanto se aguarda a prova final que determinará se Joaquim Agostinho estava, ou não, drogado, se será, ou não, o vencedor da «Volta», o famoso ciclista continua a tirar proveito do prestígio alcançado no «Tour». Recentemente, recebeu convites de Espanha e França, podendo considerar-se certo que estará em Barcelona, no próximo dia 24, a participar na famosa corrida «Rampa de Montjuich».

O SISMO DE FEVEREIRO

SEIS CONCELHOS ALGARVIOS FORAM HOJE VISITADOS PELO MINISTRO RUI SANCHES

A fim de apreciar obras de reparação dos estragos causados pelo sismo de 28 de Fevereiro, seguiu ontem, ao fim da tarde, para o Algarve o ministro das Obras Publicas, eng.º Rui Sanches.

Aquele membro do Governo visitou, hoje, os concelhos de Portimão, Lagos, Silves, Vila do Bispo, Tavira e Castro Marim, regressando ao princípio da noite a Lisboa.

Acompanharam o eng.º Rui Sanches o governador civil de Faro, dr. Manuel Esquível; o director-geral dos Serviços de Urbanização, eng.º Macedo dos Santos e o presidente do Fundo de Fomento da Habitação, eng.º Jorge de Mesquita.

A acção desenvolvida pelo Ministério das Obras Publicas no sentido de atalhar os prejuízos causados pelo citado sismo, traduziu-se na oferta de 80 casas préfabricadas e na concessão de subsídios e empréstimos, reembolsáveis em 10 anos e sem pagamento de juros, ao abrigo de um crédito especial de 50 000 contos.

A BULL GENERAL ELECTRIC LANÇA NOVOS SISTEMAS DE DISCOS MAGNÉTICOS

PARIS, 10 — A Companhia Bull General Electric anunciou hoje o lançamento no mercado mundial, de novas extensões da sua série 100, ordenadores de média potência que equipam grande numero de empresas, nomeadamente na Europa e nos E. U. A. As extensões anunciadas constituem um novo sistema de discos magnéticos (DSS 110), e de bandas magnéticas (MTS 110) e um novo controlador multilinha (MLC 104), especialmente destinado a telegestão.

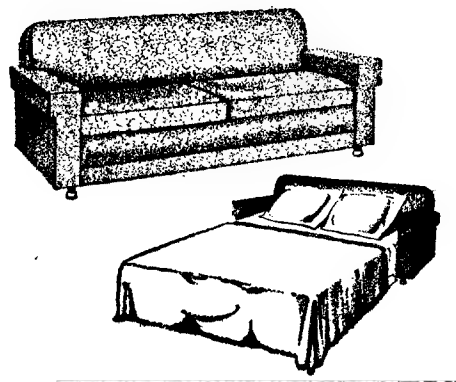
Estes equipamentos são conectáveis a todos os ordenadores da série 100, que compreende, actualmente, o GE-105, o GE-115, o GE-120 e o GE-130, cobrindo, pela vasta gama das suas possibilidades, pràticamente todas as necessidades do mercado, no campo do ordenadores médios.

Com a associação destas extensões à série 100, um numero cada vez maior de empresas passa a ter ao seu alcance ordenadores a bandas e discos magnéticos da Bull General Electric.

Anglo – Continental School of English
CURSO DE INGLÊS — 2 SEMANAS A 1 ANO
BOURNEMOUTH – LONDRES – OXFORD
PREÇOS A PARTIR DE 5.990$00
INCLUINDO:
VIAGEM AÉREA — CURSO — ALOJAMENTO E REFEIÇÕES — EXCURSÕES
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
CAPRISTANOS / CITIRAMA
AGENTE GERAL PARA PORTUGAL
LISBOA — Av. Duque de Loulé, 47-A — Tel. 560171

LATINA
CAMPO PEQUENO
M/s anos
HOJE, ÀS 22 HORAS

NOVAS REVELAÇÕES DA TEMPORADA
EDITH EVANS
(Gentil rojoneadora norte-americana que faz a sua estreia em Lisboa)
RICARDO CHIBANGA
GUSTAVO ZENKL
JOSÉ M. PINTO
FORCADOS Amadores do Colégio de Nuno Álvares (Tomar) chefiados por Manuel Faia
4 TOIROS de VINHAS (Manuel e Mário) para cavalo, e 4 de Manuel e Carlos Veiga para a lide apeada
Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769



EXCLUSIVO/VALENTIM
AV. DEFENSORES CHAVES, 31 B/C
LISBOA

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 579/11 DE SETEMBRO DE 1969

NAS CENTRAIS:

INQUÉRITO SOBRE A DOBRAGEM

Apresentação (incompleta) de Murray Schisgal

Murray Schisgal

por Carlos Porto

PARECE-ME EXTREMAMENTE significativo que Raul Solnado tenha escolhido uma peça de Murray Schisgal, um dos autores do novo teatro americano, para abertura da temporada do «Villaret». Procurar emancipar o chamado teatro comercial dos limites em que está circunscrito (processo infalível de imbecilização tal como é normal e justamente considerado), constitui uma das mais imediatas e eficazes formas de luta pela emancipação total do espectáculo de teatro entre nós. E vai, ao mesmo tempo, de encontro ás propostas que nesse sentido a crítica tem formulado, consciente de que qualquer solução para a famigerada crise de teatro terá que passar pelo interesse que o público venha a manifestar. Proponho-me dar aqui alguns elementos que ajudem a chamar a atenção para o espectáculo que o «Villaret» apresenta, e simultâneamente ajudem a situar o autor agora estreado em Portugal.

Murray Schisgal nasceu em Nova Iorque e esteve na Marinha como voluntário durante a segunda guerra mundial, tinha então 17 anos. Desmobilizado fez parte duma pequena orquestra de «jazz», tendo-se licenciado em Direito em 1953. Advogou até 1956 e em seguida foi professor de inglês. A partir de 1960 dedicou-se exclusivamente a escrever.

Estas notas biográficas, embora possam ajudar a conhecer o cidadão são perfeitamente insignificativas em relação à obra do dramaturgo, pelo menos àquela que conheço.

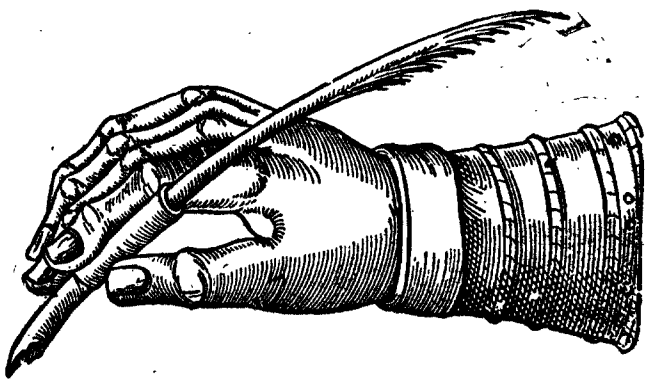
Laurent Terzieff e Pascale de Boysson na versão francesa de «Luv»

É costume situar essa obra no contexto vago do teatro de absurdo e falar de Ionesco como do autor com quem Schisgal mais intimamente se ligaria. No entanto, como geralmente acontece, as coisas não são tão simples como isso e Murray Schisgal oferece surpresas suficientemente importantes para que não mereça uma análise para além dessas e de outras influências fortuitas.

Podemos demarcar a sua obra com três fronteiras: o teatro de absurdo, por um lado, Tchekhov, por outro, Arthur Miller, pelo terceiro. Mas o que dissemos em relação ao teatro de absurdo podemos repeti-lo a respeito destes autores citados: Schisgal absorve a sua influência e domina-a.

Do teatro de absurdo, e em especial de Ionesco, o autor norte-americano reflecte a preocupação pela degradação da palavra ao nível do diálogo quotidiano. O seu teatro é feito de «clichés» e quer as suas personagens sejam de extracção universitária — como geralmente acontece — quer não, e sejam semi-analfabetas, os diálogos que debitam estão não apenas marcados pelo lugar-comum, pela frase feita, pela banalidade pseudoliterária, mas também pela sua crítica concomitante e feita como que entre linhas. Melhor dizendo, parece-me que as peças de Schisgal decorrem em dois planos (ou contêm um duplo sentido): num plano são uma paródia aos temas que mais interessam o dramaturgo: a convivência, a solidão, a incomunicabilidade, a realização pessoal, o matriarcado, a cultura como convenção, o sexo como alienação (como alguém disse a personagem feminina de «Luv» parece saída do relatório Kinsey), a desmistificação do Amor (com maiúscula!). Um

(Continua na página 7)



UMA CANTIGA DE AMIGO DE D. DINIS

por Helder Macedo

QUANDO CHOMSKY afirma a existência de estruturas linguísticas inatas e quando outros linguistas levaram às suas consequências lógicas a proposição saussuriana de que a língua é um fenómeno social, reviveram, em termos novos e, portanto, substancialmente diferentes, a querela antiga entre platonistas (e seus derivados cristãos ou cristianizantes) e materialistas. Assim, dir-se-ia que a linguagem *revela* ou *impõe* estruturas significantes conforme se aceita ou não que há significados absolutos independentes da própria linguagem. Em todo o caso, deslocado o problema para a linguagem enquanto tal — isto é, de como origina para como acontece — o discurso, seja ele artístico, científico ou seja o que for, institui-se como uma verdade absoluta em si própria e, portanto, verdadeira ainda quando ultrapassada ou contraditada por outras verdades. Newton não é menos verdadeiro do que Einstein nem Cesário mais verdadeiro do que Bernardim.

Épocas houve em que o discurso aceitou, implícita ou explicitamente, a existência de significados absolutos que aspirava a revelar, reflectindo-os, e outras em que exerceu uma imposição de estruturas significantes auto-suficientes a uma realidade que lhe era alheia ou indiferente. Exemplos destas contraditórias verdades possíveis são as cantigas paralelísticas dos trovadores galaico-portugueses e o barroco.

Produto da Contra-Reforma, que visava mais a uma afirmação do poder material da Igreja do que ao restabelecimento de quaisquer valores sèriamente concebidos como absolutos, o barroco começou por ser um acrescentamento, um embelezamento, ou seja, um disfarce de uma estrutura desacreditada mas que lhe era necessária como centro ou base de apoio. Mas, o que começou por ser decoração, gradualmente se instituiu como o próprio objecto da expressão, tornou-se apenas expressão de si própria, invalidando a estrutura que presumira como base porque, ao exprimir-se e não a ela, a demonstrou como irrelevante.

Nas cantigas paralelísticas do Século XIII, pelo contrário, a linguagem só adquire o seu total poder expressivo quando o leitor está consciente da superestrutura simbólica a que ela se refere e de que é a sábia aplicação. Perdida a consciência da relevância dos símbolos de que os poemas foram concebidos como a chave revelatória, o leitor moderno tende a não ver mais do que descrições factuais deliciosamente ingénuas. A ingenuidade, no entanto, é do leitor. E o crítico moderno tem de ir buscar à informação livresca o conhecimento dos símbolos que sirvam de chave aos poemas — seguindo, assim, um processo de pensamento radicalmente oposto ao estabelecido pelo poema. O problema reside, portanto, fundamentalmente — quando colocado no plano das relações entre o discurso instituído e o seu contexto social — na existência ou não de uma consciência de valores absolutos.

A sociedade medieval concebia-se como o reflexo duma ordem sobrenatural, conceito antiquíssimo de que o cristianismo (não obstante apresentar-se como a absoluta verdade revelada) foi apenas uma representação recente que,

(Continua na página 6)

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Eram mais de mil e duzentos

Segundo o *Anuário dos Escritores* organizado há dezoito anos pela revista *Portucale* tínhamos certamente ultrapassado o máximo europeu e aproximávamo-nos a passos largos da melhor marca mundial: a compilação, 168 páginas brochadas, dava fé da existência de mais de 1200 representantes das letras, incluindo é claro muitos cultores de Ciências Humanas. O número provisório elevava-se exactamente a 1210 só até à pág. 140, porque algumas folhas adiante lá vinham 59 escritores «repescados» num oportuno Aditamento.

Compradores eventuais eram convidados a emendar o texto de acordo com as correcções indicadas a págs. 165-166, e podiam esperar novos nomes para o ano seguinte. Dizia Cláudio Basto no prefácio: «Foi impossível desencantar o paradeiro de bastantes intelectuais que nos lembraram — e, sem dúvida, outros nos não ocorreram... Daqui, falhas — que os próprios escritores nos ajudarão a remediar.»

Se ao longo da longa lista estavam registados Aquilino Ribeiro, Manuel da Fonseca, José Régio, Miguel Torga, Jaime Cortesão, António Botto, Joaquim Namorado, Fernando Namora, Ruy Cinatti, Vitorino Nemésio e José Marmelo e Silva, também se viam as fichas de Aura Abranches, Eduardo Malta e Leopoldo Nunes. A contrabalançar a quiçá frágil influência de Abel Salazar, Tomás da Fonseca, Raul Proença, António Sérgio ou Joaquim de Carvalho contava-se com o peso de Vasco Mimoso, do Funchal (Madeira), especializado em ocultismo, ou de Armando de Aguiar, etiquetado pelas menções «Política» e «Viagens».

De correcção em correcção o volume ficou pronto a **24 de Maio de 1941. (Ficheiro bem organizado, diga-se de passagem: morriam entretanto, e o *Anuário* dava fé disso, Raul Proença e J. Leite de Vasconcelos). Mas o empreendimento não teve futuro.** Sim, quantos escritores de fora, quantas terríveis horríveis omissões... Valia a pena?

Em tempo: os 1269 teriam comprado o seu *Anuário*?

«Les Gommes» em filme

Voltando a 1969: de França chega a notícia de que o romance *Les Gommes*, de Alain Robbe-Grillet, vai ser transposto para o cinema pelo realizador belga Lucien Deroisy. *Les Gommes*, obra de estreia do discutido escritor, está traduzido em português — por Urbano Tavares Rodrigues — desde 1960, com o título *Entre Dois Tiros*. Edição dos Livros do Brasil, n.º 52 da colecção Dois Mundos.

Melville: 150 anos

Entretanto, os dispersos círculos literários norte-americanos recordaram no passado dia 1 de Agosto o 150.º aniversário do nascimento de Herman Melville. É boa altura para os nossos jovens conhecerem pelo menos esse espantoso *Moby Dick*, do qual existe uma versão portuguesa de Alfredo Margarido e Daniel Gonçalves no catálogo dos Estúdios Cor.

Gide: 100 anos

Outra efeméride: o primeiro centenário do nascimento de André Gide, que ocorrerá no mês de Novembro. Antecipando-se às publicações concorrentes, *Le Figaro Littéraire* ofereceu já aos seus leitores uma «première» de muito interesse, com vários artigos e evocações. Vamos ter certamente a «saison Gide»: redescoberta e vendas em flecha (passe o galicismo).

Contra a engrenagem

ANTILITERATURA 68
por Rui de Brito
Colecção Hoje — 1969

Rui de Brito

UM LIVRINHO para ler e meditar. Se não encerra novidades sensacionais para todos quantos conhecem o nosso melo literário, editorial, jornalístico, está expresso com um sincero exaspero, uma fogosa irredutibilidade às mazelas desses ambientes, «um mundo em que todos fazem batota», para citarmos palavras de C. Sardinha em nótula final sobre o autor. Nem todos, emendemos. Mas uma larga maioria abafante.

Verdades de muitos sabidas mas duras de roer; lugares comuns em que, por cómodo encolher de ombros, se finge não reparar, adquirem na veemência de Rui de Brito, que não é um estreante e fala por experiência própria (ingrata, às vezes torpe, até, nas suas relações com o **milieu** intelectual e videirinho das Letras), uma força de contestação que, a ter seguidores (e quantos, quantos não passaram por idênticos tratos de polé? pois que apareçam) já talvez constituísse pesado embaraço ou eficaz travão para certos bonzos, tubarões e outros figurões; e hábitos negregados aceites, tolerados, impunes. Mentores e regras de jogo a pedirem reforma ou, pelo menos, uma denúncia e repulsa pública que os intimida.

Claro que Rui de Brito exagera aqui e ali, repete-se, adopta, perante problemas de complexidade que o excedem, uma atitude de simplista. Defeitos de juventude? bem possível. Ardor polémico que o precipita em generalizações em vez de lhe acusar os argumentos com uma mais eficaz subtileza ou ferocidade, isto é, poder destrutivo? Foi essa a impressão que nos deixou a leitura da sua nota introdutória e explicativa. Ainda: esta ganharia em ser autenticada com nomes (os all visados), com casos concretos tintim-por-tintim relatados.

Quanto á colectânea das crónicas que constituem o corpo do voluminho, a maioria é fracota e não mereciam, creio, a sua compilação em livro. Revelam sentido crítico, ironia, uma certa dose de filosofia mas, salvo raras excepções (apontamento crítico ao grupo teatral «Ribalta» por exemplo) recomendam ao Autor mais rigorosa exigência para consigo. Por simpatia lho dizemos. Por estarmos de acordo com muito do que afirma, lhe avivamos a memória para o dito: **bem prega frei Tomás**, etc. Não dê o flanco. S. f. f.

L. P.

Desmond Morris

O DOUTOR MORRIS é um zoólogo britânico especializado em etologia, uma matéria científica que se refere ao estudo do comportamentc animal em situações naturais — especialmente em situações sociais e procura analisar os porquês e os comos das actividades animais em termos darwinianos. Com trinta e nove anos de idade, o dr. Morris chefiou um departamento do Jardim Zoológico de Londres, foi chefe da curadoria dos mamíferos da Real Sociedade Zoológica e finalmente substituiu Julien Nuxley em muitas das suas funções tendo sido director do próprio Jardim Zoológico de Londres e professor das principais instituições de ensino britânicas.

Os seus estudos sobre o comportamento dos simios revelaram-lhe qualidades extraordinárias de pesquisador e de narrador, qualidades que viriam a fazer de *O Macaco Nu* um livro sensacional não só sob o ponto de vista da informação zoológica, como também pelo facto de ser a primeira obra em que em termos perfeitamente darwinianos se estabelece um confronto entre o comportamento do homem (visto em termos zoológicos) e o símio.

A repercussão social, moral e científica desta obra é patente na forma como foi recebida em todo o Mundo, excedendo nos aspectos de publicidade mundial o caso Svetlana e a intriga Philby. Mas não são apenas os aspectos publicitários que interessam porquanto o impacto científico foi tremendo operando uma autêntica revolução nos domínios da pesquisa, da análise. Pode-se dizer que o próprio princípio de Zuckerman (derivado do nome de um grande cientista, Sir Selly Zackerman) que baseia toda a actividade social dos primatas em motivações sexuais foi refutado pelas observações de Desmond Morris.

Desmond Morris foi ainda mais além nas suas preocupações, estudando os diversos tipcs e manifestações da agressão como manifestação tipica dos primatas e explicando-a em termos zoológicos ou tomando-a como padrão de comportamento.

São estes elementos, aliados a um humor peculiarmente britânico bem manifesto na linguagem utilizada, que transformaram «O macaco nu» numa obra importantíssima no mundo moderno.

Os aspectos mais populares de «O macaco nu» serão porém corrigidos em obras posteriores deste grande escritor tais como «O Jardim Zoológico Humano» (que será brevemente editado por Publicações Europa-América), mas principalmente pelo seu vasto tratado «A Etologia dos Primatas» onde toda a sua argumentação científica virá a ser exposta.

Desmond Morris: depois de «O Macaco Nu» publicação, para breve, da tradução portuguesa de «O Jardim Zoológico Humano»

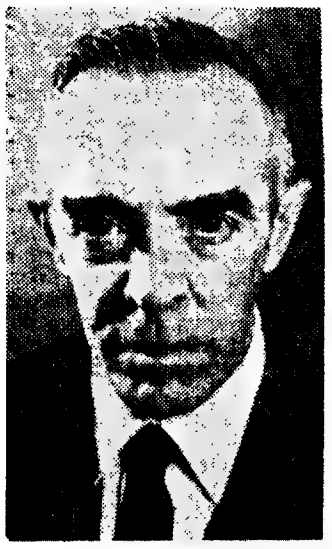
O Teatro de Régio

Poucas obras terão dado origem a controvérsia tão grande como aquela que envolve desde o seu aparecimento a produção literária de José Régio. Primeira figura incontestada da geração presencista, o autor de «Poemas de Deus e do Diabo» (seu livro de estreia) haveria, ao longo dos anos, por força das circunstâncias, de servir de alvo principal nas escaramuças sempre renovadas que o seu grupo travou com as posições estéticas e ideológicas que se lhe opunham. E, mesmo assim, aí tínhamos um crítico como Mário Sacramento, cuja formação em nada se aparentava á de Régio, a defendê-lo e a reivindicar para ele o lugar de destaque que a sua obra deveria merecer.

Por tais caminhos, agitados e nem sempre lùcidamente compreendidos, na poesia como na ficção, no teatro como no ensaísmo e na crítica, a obra de Régio desenvolveu a totalidade da sua potência criadora e já susceptível de um juízo crítico que lhe desenhe os principais contornos e lhe defina a justa posição no contexto da literatura portuguesa.

No campo dramático — o que agora mais de perto nos interessa — é inegável que Régio, como Raul Brandão, está na primeira fila do (pouco) teatro que se escreveu em Portugal na primeira metade do presente século. Impossibilitado de ganhar vida sobre as tábuas de um palco — sua ùnica razão de ser — naturais se apresentam possíveis limitações que só através dessa concretização cénica iriam sendo resolvidas pelo autor; mas como textos de teatro, na sua linguagem poderosa e quase sempre altamente poética e no caleidoscópio multiforme das suas coordenadas temáticas, onde se espelham as principais preocupações humanas do seu criador, como textos de teatro, dizíamos, as peças de José Régio representam marco fundamental na escassa dramaturgia portuguesa. E mantêm pleno interesse, mesmo hoje quando, dobrado o meio século, uma nova pleiade de autores trouxe aos nossos palcos (as mais das vezes imaginários) um horizonte temático diferente, mais directamente ligado às contradições da «praxis» onde o próprio teatro se inscreve.

A reedição (nas Obras



Completas do autor que a Portugália tem vindo a publicar) das «Três Peças em Um Acto», ao mesmo tempo que faculta ao público mais jovem o acesso a textos de há muito esgotados, permite-nos precisamente uma releitura de algum teatro de Régio à luz da evolução mais recente da dramaturgia portuguesa. E se é evidente que o tempo foi cavando inexoràvelmente a distância que separa qualquer destas três curtas peças das preocupações mais constantes no teatro actual, verdade é também que «Três Máscaras», «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — O Outro» saltam por vezes sobre esse fosso de muitos anos e revestem-se, graças ao talento e à fantasia de Régio, de alguns aspectos de modernidade. Principalmente «O Meu Caso», teatro dentro do teatro, sátira pungente a situações que ainda continuam vivas no pano de fundo do nosso existir colectivo. Mas «Três Máscaras» e «Mário», cada uma à sua maneira, reflectem algumas das linhas de força essenciais na temática de Régio, constituindo a última (baseada no drama de Sá Carneiro), através da dialéctica existencial entre o Eu e o Outro, como que a chave de toda a obra do escritor.

Eis, por tudo isto, o interesse da presente reedição, a relembrar-nos um Régio ainda plenamente criador e distante, para seu e nosso bem, dessa decadência que se pressentia em algumas das suas últimas tomadas de posição e se confirmou há pouco tempo com o lirismo insípido e insignificante do «Cantico Suspenso» — seu mais recente livro.

M. A. V.

Acção da crítica

Eurico Gonçalves (à esquerda uma Pintura-Colagem) e José Rodrigues (desenho da direita): analisados por F. Bronze e F. Pernes na revista «Arquitectura» (secção Pintura e Não*)*

A crítica de arte tem assumido entre nós papel relevante nos ultimos anos e pode-se dizer que tem determinado uma parte substancial das transformações positivas que o quadro da nossa actividade artistica registou. Efectivamente, os críticos que reivindicaram a sua profissão e dinamizaram o seu papel na sociedade, quer escrevendo sobre a produção actual, quer integrando júris ou comissões técnicas, todos eles didàcticamente promoveram o incremento da informação e agiram no sentido de accionar os valores reais da arte portuguêsa nos nossos dias.

Recentemente, a Secção Portuguesa da *Association Internationale des Critiques d'Art*, sob a presidência do dr. José Augusto França, procurou definir o tipo de acção que lhe competia e acusou nítida capacidade de empenho tomando algumas iniciativas capazes de situarem de modo mais preciso a polémica em torno dos objectos de arte que entretanto vão sendo propostos entre nós. É por isso da maior importancia a secção que esse organismo passou a redigir para a revista *Arquitectura*, intitulada *Pintura e Não*, onde se incluem artigos e informação detalhada sobre as principais exposições registadas no País, com a possibilidade de tradução em francês e inglês para divulgação no estrangeiro. O interesse da informação assim reunida baseia-se na selecção de que decorre, esta por sua vez derivada da qualidade e da originalidade das propostas feitas pelos artistas nacionais, numa perspectiva dinâmica e necessàriamente polémica.

O numero 108 da revista *Arquitectura* publicou o primeiro suplemento da série referida, incluindo um artigo de Fernando Pernes sobre a exposição promovida e organizada pelo Banco Português do Atlântico. Do conjunto dos artistas representados nessa importante exposição, Fernando Pernes sublinha os seguintes casos: Noronha da Costa, José Rodrigues, Clara Semide, Eurico Gonçalves, António Palolo, Carlos Calvet, Costa Pinheiro, Eduardo Nery, Helena Almeida, Manuel Baptista e Vasco Costa.

No plano das exposições individuais, Francisco Bronze comentou as de Palolo (realizada na Galeria 111), Helena Almeida (Galeria Buchholz), Eurico Gonçalves (Galeria Quadrante) e Noronha da Costa (Galeria Quadrante).

Rui Mário Gonçalves escreveu sobre Carlos Calvet, traçando a perspectiva da sua obra e procurando estabelecer a importância do seu significado no panorama actual da pintura portuguesa.

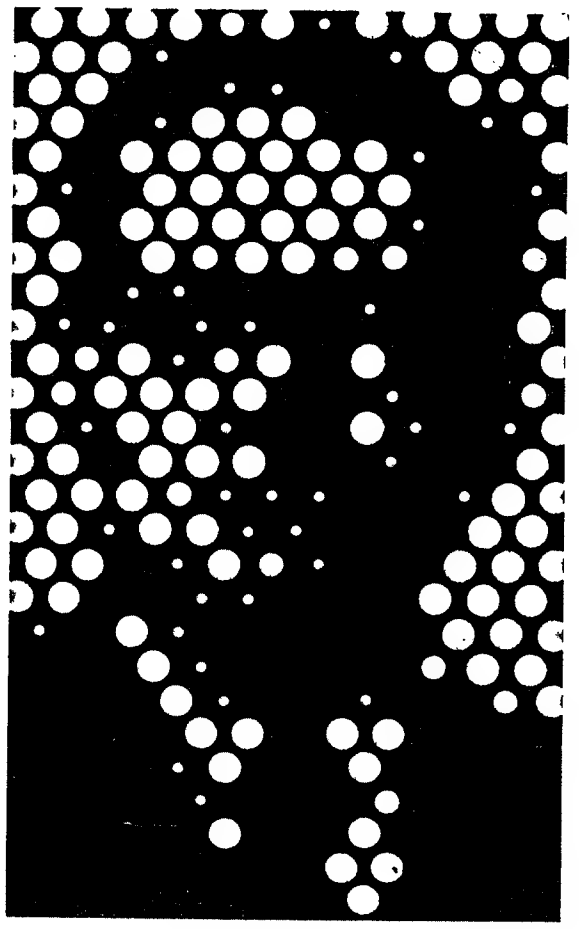
Além desta documentação, o primeiro número de *Pintura e Não* refere-se ainda, como não podia deixar de ser pela relação das datas e natureza dos acontecimentos, ao cinquentenário da morte de Amadeo de Souza-Cardoso.

ROCHA DE SOUSA

Exposição colectiva na Buchholz

A GALERIA BUCHHOLZ, cuja direcção se deve ao crítico de arte Rui Mário Gonçalves, cumpriu este ano um programa que se mediu sobretudo pela sua extensão e pelo seu sentido didáctico. Com doze exposições desde o início da temporada, incluindo autores estrangeiros e alguns dos mais representativos artistas portugueses, esta Galeria não se limitou a uma acção de oportunidade no quadro correpondente e mostrou estar atenta a certas necessidades de perspectivação histórica e á consequência cultural que daí se deve extrair. No que se refere á definição da nossa própria actualidade, foram expostas obras dos artistas distinguidos no Prémio Soquil 1968, em confronto colectivo, e foram depois referidas ou relembradas as obras de Carlos Botelho, António Dacosta e Amadeo de Souza-Cardoso, numa sequência que de algum modo ilustrou certas raízes da modernidade hoje vivida. Esta acção teve o complemento, no domínio da gravura, de uma importante exposição de autores estrangeiros cujo testemunho sòlidamente apoia uma visão dinâmica dos problemas actuais da criação artística. O trabalho de Rui Mário Gonçalves, que de um certo ponto de vista é legìtimamente comprometido em relação á obra de um núcleo característico de autores portugueses, teve no entanto o mérito de se abrir na documentação de outro tipo de linguagens, recomendando-lhe a qualidade e a permanência no contexto das nossas tradições e das raízes culturais de grande parte da nossa produção artística destes últimos anos. Isso é visível, de resto, na variedade de posições que estão agora documentadas na Galeria Buchholz, numa exposição colectiva que prolonga durante o Verão, necessária e justamente, o dinamismo já referido. A importância destas exposições de Verão, que contestam o imobilismo em geral verificado nestat altura do ano, é na verdade manifesta e responde ao interesse de muitas pessoas que mantinham viva a sua atenção ou a sua disponibilidade. Neste momento, a Galeria Buchholz, além de repor obras que reconstituem a temporada finda, estabelece uma perspectiva variada de valores ainda meditáveis ao apresentar autores como Costa Pinheiro, António Areal, Fernando Botero, Rómulo Maccio, José Escada, Carlos Calvet, Lourdes de Castro, Jorge Martins e Álvaro Lapa.

Costa Pinheiro: um dos pintores apoiados (dinâmicamente) pela Galeria Buchholz

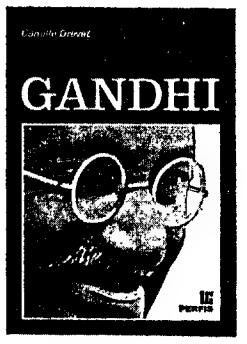


GRAVURA DE VITOR POMAR: um trabalho deste jovem autor, presente no III Salão de Artes Plásticas da Cidade de Luanda, documenta certas características da sua obra no domínio da gravura e mostra a direcção e o interesse da sua pesquisa. Vitor Pomar, ainda aluno do Curso de Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, baseia a sua acção num domínio correspondente aos problemas hoje enfrentados pela maior parte dos artistas novos e participa activamente no trabalho desenvolvido pela Sociedade de Gravadores, onde tem exposto incluído nas colectivas divulgadas por esse organismo. Expôs recentemente na Galeria Quadrante, enquadrado num núcleo de jovens artistas que ali demonstraram a vivacidade da sua proposta e acusaram nítido compromisso de modernidade. Na Escola de Belas-Artes, Vitor Pomar foi integrado na Exposição ali efectuada em Outubro e desde logo reconhecido como uma das presenças mais significativas.

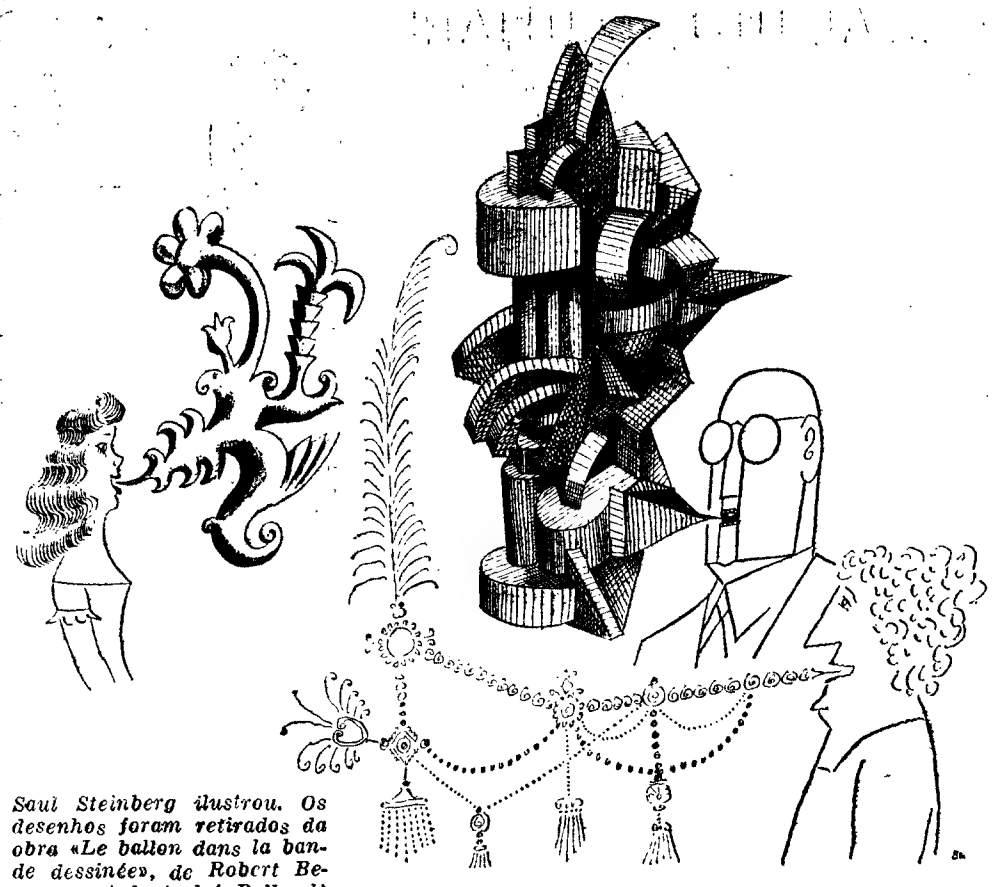
EXPOSIÇÕES

GALERIA INTERIOR *R. Camilo Castelo Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, MARIA VELEZ, SÁ NOGUEIRA, FERNANDO CONDUTO, ANTÓNIO SENA e ANTÓNIO CHARRUA,** exposição colectiva com carácter permanente.
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**SALÃO DE VERÃO,** exposição retrospectiva da actividade das galerias durante a temporada 1968-69.
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**COSTA PINHEIRO, ANTÓNIO AREAL, FERNANDO BOTERO, RÓMULO MACCIO, JOSÉ ESCADA, CARLOS CALVET, LOURDES DE CASTRO, JORGE MARTINS, ÁLVARO LAPA,** numa colectiva de interesse.

SALDOS
LIVRARIA QUADRANTE
Renovação diária
Livros ingleses
e brasileiros
AV. LUÍS BIVAR, 85-C

LG
uma editora em renovação


COLECÇÃO
PERFIS
GANDHI
DE CAMILLE DREVET 25$00
UNIÃO GRÁFICA — R. de Santa Marta, 48 — Lisboa-2



Saul Steinberg ilustrou. Os desenhos foram retirados da obra «Le ballon dans la bande dessinée», de Robert Benayoun (ed. André Balland)

INQUÉRITO SOBRE A DOBRAGEM

INQUÉRITO SOBRE A DOBRAGEM

A DOBRAGEM regressou nos últimos dias às páginas dos jornais portugueses. Depois de alguns anos de silêncio, durante os quais o assunto esteve parado, eis que se anuncia uma nova lei de protecção ao cinema que aguarda ùnicamente a discussão no Sindicato, na Câmara Corporativa e na Assembleia Nacional para reger, finalmente, os destinos do cinema entre nós.

Nessa lei, a dobragem será assunto. Assunto grave entre muitos outros (é conveniente não perder o sentido das proporções). Mas, dentre todos eles, a dobragem regressou. Com polémica e tudo. Polémica que valeria a pena se fosse jogada segundo as regras, mantendo-se dentro do tema proposto, fugindo aos caminhos do «vale tudo» que quase sempre transformam a «polémica em Portugal numa tourada à espanhola». Porque, pelos caminhos do sofisma e da demagogia, do equívoco e do *desvio* persistente e programado nada de construtivo e útil nascerá, a não ser um esgrimir de argumentos pessoais que nada têm a ver com o assunto em causa.

Por isso optámos pelo inquérito. Ouvir outras pessoas que tivessem opinião formada, quebrando assim o círculo vicioso de uma conversa a dois em risco de estagnação. Pedimos depoimentos a realizadores, técnicos, críticos, cineclubistas, público. Opiniões que, pela sua multiplicidade, permitirão um juízo mais amplo de um problema que afecta (e poderá afectar muito mais) o cinema em Portugal, mas que não passa de um problema entre muitos outros. Um problema que, de forma nenhuma, está na base do que quer que seja. Outros estão. Porque não alargar os horizontes dos temas em debate? Afinal uma lei de protecção ao cinema não consta ùnicamente do parágrafo *dobragem*...

LAURO ANTÓNIO

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

(Realizador de cinema português, autor de «Amor de Perdição», «Frei Luís de Sousa» e «O Primo Basílio» e representante do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema junto da Comissão encarregada de rever a Lei do Cinema)

PREZO-ME de ter contribuído em grande parte para que a dobragem dos filmes estrangeiros ditos «de fundo» fosse *proibida* em Portugal, numa época em que, noutros países, as leis de protecção aos respectivos cinemas nacionais faziam precisamente o contrário, tornando-a *obrigatória*. Hoje, nesses mesmos países reconhece-se que tal medida apenas favoreceu o negócio dos filmes importados, com manifesto prejuízo dos filmes nacionais, que tiveram as maiores dificuldades em vencer essa «barreira do som» imposta por lei.

Depois de ler a impecável argumentação de Lauro António contra a dobragem, pouco haverá a acrescentar para rebater a surpreendente posição assumida por António de Macedo, que não só defende essa obrigatoriedade como a considera a única solução para o cinema português (!!). Mas sempre quero dizer que, além de todas as razões estéticas e sociais invocadas nesse libelo, há razões *económicas* que a desaconselham por completo.

Os distribuidores de filmes estrangeiros que supõem aumentar substancialmente as receitas no nosso escassíssimo mercado, se eles forem falados em português, decerto não fizeram contas. Somem ás despesas de agora as da dobragem e as resultantes do atraso na exploração que essa operação forçosamente implica, e vejam o resultado.

Por outro lado, dobrar 350 a 400 filmes por ano (tal é o consumo nacional) equivale a completar uma dobragem por dia, o que é técnicamente impossível com os nossos meios actuais. E a previsão de que eles se desenvolveriam proporcionalmente é mais do que ilusória: é absurda.

Além disso, esquecem-se desta consequência inevitável: os bons filmes, por melhor dobrados que fossem, ficariam piores, e os maus não ganhariam nada com isso. Direi mesmo que perderiam, pois uma das vantagens de serem falados «em estrangeiro» é fazer com que pareçam melhores do que são. Acrescentando á nossa xenofilia tradicional a incapacidade de a maioria do público ajuizar se os intérpretes declamam bem ou mal, se as inflexões são justas, a pronúncia correcta e a intenção apropriada, faz com que pareçam excelentes todos os actores de cinema estrangeiros, quando entre eles não faltam canastrões. Quantas vezes tenho ouvido elogiar a «naturalidade» dos mais insuportáveis cabotinos da América, da França, da Inglaterra, da Itália!...

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

(Realizador de cinema português, autor de «Tapeçaria, uma tradição que revive»)

A DOBRAGEM é por definição (por natureza) uma *violência* feita na obra original (mesmo se, como todos sabemos, ela sofreu entretanto, outras violências maiores): portanto, reprovável. Basta pensar, de resto, no que seria um filme de Mizogushi traduzido em português: não se trata de pôr o problema em termos de tradução literária (o que nunca é uma violência mesmo se é uma infidelidade, na medida em que, mal menor, o livro não se impõe às pessoas), mas de tradução *física* e portanto de violência física na pessoa do filme. A modulação da voz *faz parte* da expressão total do corpo e os sentimentos e reacções dos japoneses não colam com a nossa língua, temperamento e cultura. Mas não precisamos de ir tão longe, temos um exemplo à porta: um filme de Buñuel falado em espanhol não existe com a mesma intensidade em português. O simples facto de o português ser uma língua esdrúxula contra o espanhol que é uma língua de sons graves altera completamente a sua gramática emocional.

A dobragem é, portanto, um mal. Trate-se de saber se será um mal necessário.

Para isso o problema terá que se deslocar, que se pôr noutro pé: a dobragem (considerando o filme pelo seu lado de produto industrial) traria vantagens para a indústria nacional.

Antes de mais consideremos os dois sistemas que vigoram em países próximos do nosso (geográfica e culturalmente): o espanhol e o francês.

O esquema espanhol (actual) é o resultado de dois vectores: 1.º, movimento geral de nacionalizar a indústria, impondo regras à importação; 2.º, liberalização posterior dos quadros mentais do país (criação de cinemas de ensaio com estatuto próprio, onde os filmes passam na íntegra e em versão original).

O sistema é mau, mas tem que se integrar numa série de medidas tendentes a fazer aparecer uma indústria nacional. Já veremos adiante como isso pode ser feito entre nós sem recorrer à dobragem.

Em França, a integridade das obras está sempre preservada porque os filmes passam em várias salas e numa delas, pelo menos, em versão original. Além do mais a Cinemateca Francesa preserva (ou tenta preservar) as cópias originais onde os filmes são depois apresentados, escapando à tirania da exibição comercial que decide da vida normal de um filme. Entre nós a hipótese francesa parece impossível porque (salvo para o caso dos cinemas S. Luís e Alvalade, em Lisboa) um filme estreia-se numa única sala. Optar por uma solução parcial deixando alguns filmes (ditos de interesse artístico!) na sua versão original era fatalmente abrir a porta ao arbítrio e arriscarmo-nos a ver «Johny Guitar» dobrado pelo Rogério Paulo e «Romeu e Julieta» intocável! Quanto às possíveis vantagens da alfabetização, o propósito parece-me sinistro uma vez que se iria dar ao público 90% do cinema americano.

Um argumento poderia jogar a favor da dobragem mas a sua legitimidade parece-me mais aparente que real e, no fim de contas, não resiste a uma segunda análise: a dobragem seria factor de descolonização cultural. Parece-me, bem vistas as coisas, que ela daria, pelo contrário, origem a uma colonização mais subtil: o factor de exotismo que mesmo assim, os filmes, sobretudo americanos, ainda conservam iria perder-se a pouco e pouco à medida que o padrão se apropriava de nossa língua.

Um último argumento em favor, ao que parece da possível produção nacional: o trabalho que as dobragens iriam dar a estúdios e laboratórios e portanto a profissionais portugueses obrigando os distribuidores a investir na indústria nacional. O argumento parece-me derrotista e (pondo de parte a desvantagem de que esse investimento suplementar acabaria sempre por ser pago por nós, espectadores, mais tarde ou mais cedo) melhor seria substituí-lo pela sugestão de medidas intervencionistas do Estado no sentido de forçar inteligente e razoàvelmente distribuidores e exibidores a participar na produção nacional mediante taxas de importação em benefício de um apoio a produtores portugueses e a contingentação dos filmes exibidos em benefício da circulação dos filmes nacionais.

Complexo como é, o problema deve continuar em aberto e em discussão como todas as coisas que interessam a toda a gente.

EDGAR GONÇALVES PRETO

(Realizador de cinema português, autor de «Deambulações do Mensageiro Alado», curta-metragem ainda inédita).

EU NÃO ESPERO obter benefícios pessoais da possível obrigatoriedade da dobragem em português nos cinemas de exploração comercial (por não pretender dirigir dobragens nem estar empenhado em ser empresário de um cinema de arte e ensaio) e por isso não tenho a necessidade de fazer distinções-indistintas confusionistas entre «princípios estéticos cinematúrgicos» e «medidas de ordem prática».

Um mínimo de coerência obriga-me a discordar da dobragem e a perfilhar esta opinião em todas as circunstâncias.

As desvantagens da dobragem, em geral, há a acrescentar as desvantagens da dobragem neste País, onde apenas existem dois estúdios de som. Instaurar-se a dobragem obrigatória nestas condições é impensável. Formar e apetrechar novos estúdios de som é empresa morosa e dispendiosa. Seleccionar pessoas com o tipo e o tom de voz adequado á dobragem dos actores estrangeiros e sem nenhuma prática deste tipo de trabalho é outro empreendimento demorado, se o quisermos fazer com critério.

Não é preferível vermos os filmes na versão estrangeira e com legendas, a cuja cumplicidade até já estamos habituados?

MANUEL GUIMARÃES

(Realizador de cinema português, autor de «Saltimbancos» e «O Crime da Aldeia Velha»)

DEFENDER uma expressão artística e lutar por uma profissão, são coisas que se ligam e digladiam. Ambas importantes, necessitam de encontrar uma equação capaz de as servir construtivamente. Não compreenderão isto os intelectuais e os amadores do cinema? Estou certo de que não. Mas como profissional que vive para e de cinema o meu ângulo de visão não pode ser outro.

Há que defender uma indústria que nos permita trabalhar e realizar. Temos que transigir com mágoa, mas transigir. Caminhar para a dobragem dos filmes no nosso País, parece-me a única via prática de promover uma audiência maior, capaz de assegurar uma produção nacional de maior valia. Maior habituação e gosto pelo cinema, construção de mais salas de exibição, redução (que com o tempo implicará selecção) de filmes importados, etc., etc., etc., tudo já por demais dito.

A dobragem é uma nódoa, artisticamente. Mas, neste caso, será uma nódoa necessária...

ANTÓNIO MANUEL P. DE MORAIS

(Estudante da Faculdade de Ciências de Lisboa)

ESCLARECEMOS desde já que nunca poderemos concordar com um processo de coesão cinematográfica — a DOBRAGEM — pois o seu «uso e abuso» provocaria, certamente, uma alteração profunda no texto original e na personalidade dos actores. A interpretação do verdadeiro profissional só alcança geralmente um nível elevado depois de horas e horas de intenso trabalho. Esforço inglório, então, pois irá acabar em «meia» dúzia de horas no estúdio de gravação. Se é certo que em Portugal a legendagem está longe de satisfazer não podemos esquecer que a obrigatoriedade da dobragem impediria que *algumas* pessoas (e a culpa de serem apenas alguns os eleitos não está no próprio cinema...) tivessem acesso á verdade do filme.

Defender a dobragem — de uma grande maioria de filmes inferiores — não é levar a cultura ao povo português!... E parece-nos que aspirar á «alfabetização» de um povo pelo cinema será um processo demasiado utópico, principalmente num País em que a «alma» desse processo — a Imagem — é invariàvelmente deturpada por uma censura oficial rígida em extremo. Além de que não consideramos um meio culturalmente válido levar a Arte ao povo: o interesse não estará mais em *levar o povo á Arte* fomentando a sua formação social, cultural e política?!...

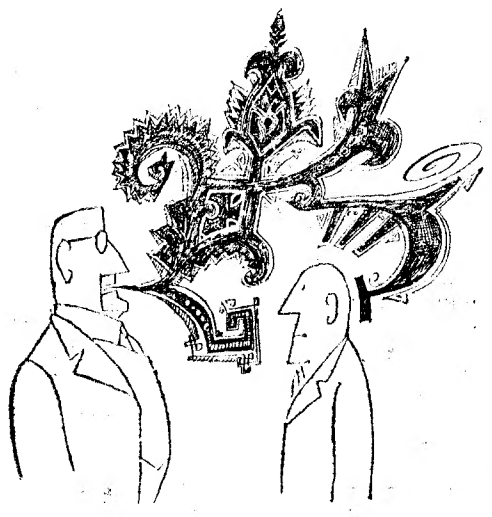
Quanto ao argumento de que pela dobragem dos filmes se teria um aumento de espectadores, mais propriamente, aqueles que lêem mal e os analfabetos, pode-se perguntar: que analfabetos? Os que vivem nos centros de maior população ou os outros? Portugal conta com cerca de 500 salas, aproximadamente 80 das quais com sessões diárias. Destas 80 a quase totalidade situa-se em Lisboa e Porto precisamente os locais de menor índice de alfabetização. Ora, o interesse reside em conquistar para o cinema os espectadores que vivem nas pequenas cidades e vilas: para estes, porém, o cinema está longe de se tornar um hábito visto que as condições de trabalho, financeiras e intelectuais não permitem, formando um conjunto de obstáculos á captação desse público. Admitimos que pela dobragem se ganhem alguns espectadores más o seu número seria tão reduzido que não compensaria o empate de capital em aparelhagem, técnicos, artistas especializados e cinemas e muito menos o atentado á integridade e autenticidade da obra cinematográfica.

MANUEL NEVES

(Dirigente cineclubista, presidente do ABC Cineclube de Lisboa)

CONSTOU que ia ser revista a desactualizadíssima Lei do Cinema que continua a reger-nos. Logo clamaram vozes a favor da dobragem. O tom deu-o uma cançonetista (com que intenções, só ela o saberá). Mas o que é, no coro de acompanhamento, figuram alguns cineastas do chamado cinema novo português (com que intenções, só eles o saberão...).

Lembro-me de que, quando era miúdo, idêntica campanha pró-dobragem



foi encetada por intermédio de uma revista cinéfila, «Filmagem». O argumento fundamental era o mesmo: a dobragem, *forma mais eficiente de salvar o cinema português*. Eu diria que é a forma mais eficiente de o matar de vez. Ao fim e ao cabo, a dobragem obrigatória parece ser tábua de salvação para todas as insuficiências industriais do nosso cinema. Será assim?

Artisticamente, a dobragem altera a unidade da obra. Amputa-a de um dos seus elementos intrínsecos: a representação oral do actor. Coisa que, aliás, não parece preocupar grandemente indivíduos que ostentam a profissão de realizador de cinema. Ou será que, na opinião dos mesmos, o cinema é só imagem? Ou será que o cinema é apenas, e tão-sòmente mero produto de consumo? Ou será que, antes do mais, lhes interessa assegurar o prato das lentilhas, seja por que preço for? Ou será?...

Fala-se de Espanha. Jamais me esquecerá um filme com Fred Astaire, «O Papá das Pernas Altas», de que vi a versão espanhola, e em que a protagonista, filha de americano, professora em França, propunha a dada altura às suas pequenas alunas que falassem um pouco espanhol. (Na versão falasse americano, em homenagem ao *papá das pernas altas;* na versão espanhola, o papá mantinha a origem americana).

E como o exemplo de Espanha vem sempre à baila e parece, no cinema como noutros ramos da actividade humana, estar na moda entre nós, vejamos o que por lá se passa.

A revista «Nuestro Cine», a mais séria e a mais ligada ao movimento dos novos cineastas do país vizinho, a propósito dum manifesto de alguns realizadores italianos de nomeada contra o uso da dobragem obrigatória em Itália, solidarizava-se com o mesmo, afirmando em conclusão: «*Problema não só italiano, mas de outros países, como o nosso.*» Por outro lado, críticos e cineastas espanhóis são unânimes em considerar a dobragem obrigatória como causa principal da crise do cinema espanhol, sobretudo o de qualidade. Como se vê, posição diametralmente oposta à dos dois defensores da dobragem obrigatória entre nós.

A dobragem, aparentemente, poderá ser solução num país, como o nosso, em que o índice de alfabetização é bastante baixo. De uma forma esquemática, poder-se-á concluir que, proporcionando a dobragem a um público analfabeto (ou semianalfabeto) o contacto com o cinema falado na sua língua, o número de espectadores cinematográficos aumentará. Por outro lado, a dobragem habituaria o público ao idioma ouvido no cinema. É evidente.

Mas, no que se refere à tão falada forma de protecção ao cinema nacional? Vejamos então o problema de outro ângulo. Pergunta-se: implantada a dobragem, como se sairão do confronto com filmes de poderosos meios técnicos e artísticos, as fitinhas portuguesas? O público estará disposto a ser benemérito do cinema nacional? Ou preferirá espectáculos com fitas estrangeiras, ainda por cima faladas em português? Não diminuirá, pelo contrário, o número de espectadores dos filmes portugueses, que a eles acorriam só porque, neles, a legenda não constituia barreira para a compreensão da acção? E, ainda, estará o nosso cinema apetrechado com um mínimo de meios que lhe possibilite o fazer frente à concorrência estrangeira? A conclusão parece ser uma: a proibição da dobragem, tal como agora o determina a lei portuguesa, é uma forma de protecção ao filme nacional. E nas circunstâncias especiais do actual nível sóciocultural, uma forma de dupla protecção (ao cinema português, de um ponto de vista económico; ao cinema estrangeiro exibido em Portugal, no domínio artístico e cultural).

Claro que com a obrigatoriedade da dobragem têm a ganhar os actores dispostos a emprestar a voz aos *divos* da tela; passam a ter trabalho permanente os técnicos de som (os 350 filmes estreados anualmente em Portugal são garantia prévia de muitas horas de gravação); poderão, enfim, profissionalizar-se, mas como directores de dobragem, os semiprofissionalizados realizadores de cinema (*«horário cumprido, reprodução certinha do diálogo, e não me responsabilizem pelo resto!»*); aumentará a ocupação espaço-tempo dos nossos laboratórios; poderão alguns produtores passar da *miséria* de produtor à *abastança* de «dobrador» (mesmo com á vaga ideia de «um dia» virem a produzir filmes); o mercado ampliar-se-á e os distribuidores verão aumentados os seus rendimentos...

Mas o espectador? E o próprio cinema nacional?

O espectador, cada vez mais sem possibilidades de opção, acabará por ficar sujeito a toda a sorte de alterações que se pretendam introduzir no próprio sentido da obra. Ainda por cima, através das operações a que, na nossa Televisão, são sujeitos os originais a representar na rubrica de teatro, provámos à saciedade a nossa maestria consumada de adaptadores! (Não falando já do célebre caso — bastante exemplificativo — ocorrido em Espanha e que tornou a condessa Serpieri protagonista do belo filme de Visconti,

«Sentimento», pupila de seu marido, para obstar ao adultério cometido com o tenente austríaco das forças de ocupação, Franz Mahler).

Parece, pois, que é bem mais desejável a situação de espectador dividido na sua atenção entre a imagem e a legenda do que a de espectador concentrado numa imagem cujo som desvirtua o seu significado. Do mal o menos... Por sua vez, o cinema nacional continuará na mesma, ou pior.

Poderá aumentar o número de espectadores, de salas e de sessões, mas os grandes beneficiados serão os filmes estrangeiros. Desenvolver-se-á a indústria cinematográfica, ou melhor, um dos sectores da indústria cinematográfica, mas com isso nada ganhará a produção de filmes nacionais.

A DOBRAGEM EM COLÓQUIO

Amanhã, dia 12, pelas 21.30, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Cine Clube Imagem organiza um colóquio sobre «Dobragem» em que tomam parte Lauro António e António de Macedo (os mesmos que, nas páginas do «Diário de Lisboa» têm mantido acalorada polémica sobre o tema).

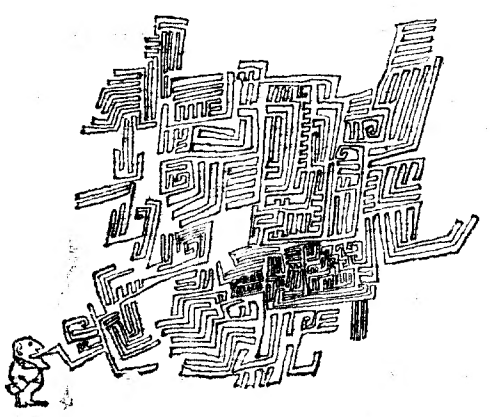
A entrada é livre, estando a aguardar-se com invulgar interesse a discussão de um assunto que se reveste de aspectos multiplos e contraditórios que assim poderão ser analisados e estudados em público.

GERALDES LINO

(Uma carta de um leitor do D. L.)

SUPONHO que não será demais que todos os que têm opinião formada sobre o problema da dobragem a possam expôr publicamente, da mesma forma que António de Macedo já o fez, e continua a fazer, tendo utilizado uma das vezes um meio extremamente influenciável da opinião pública como é a TV, num programa de extraordinária audiência como é o caso do Zip-Zip.

Creio ter sido esse facto, aliás, que motivou a tal citação especial de que António de Macedo se queixa de ter tido a honra; era natural que essa «honra» lhe fosse concedida, pois não tenho conhecimento de alguém ter aproveitado antes a TV para fazer a apologia da dobragem. No que se refere a haver muita «gente boa» a preconizá-la, é possível que isso aconteça; mas é curioso que, por uma coincidência estranhamente adversa, num inquérito realizado há algum tempo por uma revista de rádio e televisão, todas as individualidades de qualquer modo ligadas ao cinema, gente positivamente boa, eram de opinião contrária, justificando essa opinião de forma exaustiva e convincente.



Defendendo os interesses de uma maioria que não tem possibilidades ou capacidade para o fazer, e ficam assim à mercê do que «seja o que Deus e as potentades terrenas quiserem», essas elites que, embora minoritárias infelizmente, entendem o cinema como arte e comunicação, meio de formação e informação, parece que têm medo da dobragem, efectivamente. E o que é mais, rebelam-se antes que seja tarde.

Rebelam-se em nome da integridade artística, do todo de que se constitui um filme, e se os actores dele fazem parte integrante, substituir-lhe as vozes é adulterar a obra. E ao adulterar esse aspecto; não é difícil adulterar todo o resto, isto é, as frases originais, escamoteando, acrescentando ou alterando o texto de maneira a deturpar irremediàvelmente o sentido da obra. Este aspecto é tão conhecido que se torna desnecessário citar os exemplos de filmes que cá têm chegado em versões não originais (ou versões feitas especialmente para outros países), em cujos diálogos foram introduzidas «pequenas» modificações, suficientes para virar do avesso aquilo que o autor inicialmente pretendera.

É tão indiscutível ser a dobragem uma adulteração, que o próprio António de Macedo põe a ressalva de que os filmes de indubitável mérito artístico seriam também projectados em versão original, em cinemas de arte e ensaio (se se podem assim considerar os dois cinemas-estúdio existentes em Lisboa, seria talvez um pouco complicado conciliar os contratos dos distribuidores desses filmes

(Continua na 6.ª página)

Uma Cantiga de Amigo de D. Dinis

(Continuação da 1.ª pág.)

aliás, incorporou as anteriores. A Contra-Reforma foi uma reacção à denúncia de tal conceito. A razão-lógica, ao tentar pensar uma realidade objectiva nova que a estrutura medieval auto-suficiente já não podia comportar, quebrou o equilíbrio tenso de forças opostas em que ela própria se integrara — e ao qual, imprecisamente, os historiadores chamam Idade Média. A mesma Razão que, ao quebrar a estrutura medieval, levou à revolucionária ideia de progresso (a real divisória entre a antiguidade e a Idade Moderna), instituiu o discurso barroco quando tentou recompô-la. A este respeito é importante acentuar que a Contra-Reforma foi menos uma resposta à Reforma (que, à sua maneira, procurava também salvar o «statu quo» ameaçado) do que às mesmas forças dinâmicas a que ambas, com maior ou menor sucesso, se opuseram.

O nosso tempo está mais próximo do barroco do que do lirismo trovadoresco. É interessante notar como os Sonetos a Afrodite Anadiómena, de Jorge de Sena, que instituem símbolos semelhantes aos que foram o objecto de algumas Cantigas dos trovadores (compare-se, por exemplo, o soneto Urânia com a cantiga de D. Dinis adiante transcrita), o faz pela incorporação de seus significantes na morfologia dos próprios sintagmas e só assim *inventa uma* metalinguagem equivalente à que os trovadores possuíam nas palavras *reais* da sociedade em que viviam. Ou seja: o discurso poético dos trovadores, ao ser expressão de si próprio estava a ser expressão duma sociedade que, por sua vez, se considerava expressão duma realidade metafísica. Era uma metalinguagem que podia usar as palavras do mundo real porque este era então (como não é agora) concebido como o reflexo de uma ordem absoluta.

A progressão semântica linear das cantigas paralelísticas é quase inexistente. Por exemplo, a cantiga «Levantou-se a velida», de D. Dinis, tem trinta versos dos quais apenas sete têm valor semântico inteiramente novo no contexto do poema. A técnica paralelística faz com que o sentido de cada estrofe seja menos alterado ou acrescentado do que modulado (como em música) na estrofe seguinte. E o «leixa-pren» (repetição do último verso dum grupo de estrofes paralelas no primeiro do seguinte) acentua que o poema progride não segundo uma lógica discursiva linear mas, por assim dizer, em círculos secantes de significação — os quais o refrão sucessivamente refere à primeira estrofe, o núcleo gerador de todo o poema. A própria organização do discurso poético dos trovadores exemplifica a sua concepção do mundo.

A poesia concreta tem em comum com as cantigas paralelísticas a quase abolição do tempo lógico-linear do discurso, submetido como está ao espaço que o institui. Mas aí as semelhanças param. Tal como o barroco, é exercida numa sociedade que não tem valores absolutos a revelar nem símbolos instituídos a que considere relevante aludir. Procura, assim, instituir-se a si própria como, simultâneamente, o objecto e a sua expressão. (Será interessante observar como E. M. de Melo e Castro, poeta cuja «tentação» metafísica — que não significa necessàriamente e neste caso absolutamente não significa *religiosa* — transparece de uma leitura atenta de Queda Livre, vai evoluir as estruturas poéticas concretistas que, nos últimos anos, tem cultivado e que, a julgar pela sua poesia mais recente, começa a quebrar).

As cantigas paralelísticas não visam a uma ocupação simultânea do espaço e do tempo, como as artes plásticas e a poesia concreta. Visam, sim, a um sincrestismo do tempo real e do intemporal. O seu discurso acontece no tempo ambíguo por elas instituído. Os círculos secantes do seu desenvolvimento horizontal são eles próprios a projecção de círculos sobrepostos de sucessivas significações verticais. Isto é tão avesso à nossa maneira racionalista de pensar que exige análise concreta através, por exemplo, da Cantiga de Amigo já atrás referida de D. Dinis:

Levantou-s'avelida
levantou-s'alva
e vai lavar camisas
eno alto.
Vai-las lavar alva.

Levantou-s'a louçana
levantou-s'alva
e vai lavar delgadas
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar camisas
levantou-s'alva
o vento lh'as desvia
eno alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar delgadas
levantou-s'alva
o vento lhas levava
eno alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lhas desvia
levantou-s'alva
meteu-s'alva em ira
eno alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lhas levava
levantou-s'alva
meteu-s'alva em sanha
eno alto.
Vai-las lavar alva.

No plano realista imediato, o poema é uma simples descrição dum pequeno episódio do quotidiano rural: uma rapariga levanta-se de madrugada e vai lavar camisas; o vento leva-as para dentro da água; ela, zangada, entra pela água para as ir buscar. No plano simbólico (insinuado imediatamente na textura da linguagem pela obsessiva insistência em sons de *l* e *v*, sugestivos de água e ventania) descreve um encontro amoroso e uma primeira experiência sexual — descrição representativa, por sua vez, num plano simbólico mais alto, duma abstracção mítica (ou, possivelmente, religiosa) da fértil sensualidade feminina.

O poema começa por estabelecer uma certa imprecisão no significado de «alva» no verso «levantou-s'alva». É um atributo de «velida»? Um seu quase sinónimo? Ou o verso significa «amanheceu»? Esta ambiguidade, que vai ser desenvolvida numa série de variações musicais (as sílabas da palavra «alva» recorrem através do poema em sucessivas transliterações), é semânticamente importante, pois define uma identidade perfeita entre a mulher, a manhã e o lavar. Observe-se, por exemplo, como os componentes morfológicos das palavras do refrão «vai-las lavar alva» são, pràticamente, os mesmos e que só a sua ordenação varia em cada palavra.

As três chaves simbólicas do poema são o lavar das camisas, a água e o vento.

No sonho de Nausicaa, Atena lembra-lhe que tem de ir lavar roupa em preparação para as bodas. Enquanto a lava, vê Ulisses — e deseja que seja assim o amante prometido. A lavagem da roupa, tal como o banho nupcial (ainda hoje praticada, por exemplo, em Marrocos) são rituais simbólicos da expectativa núbil.

A água é um arquétipo da sensualidade feminina. Se a água é da fonte com as conotações de pureza associadas á virgindade. A água, no poema em análise, é o «alto», palavra que muitas vezes significa mar, mas que, no contexto, só pode ser rio (seria absurdo lavar roupa em água salgada) — sugerindo, como uma premunição do que se vai seguir, que ela é profunda e caudalosa. Há, no entanto, uma sugestão de virgindade na insistência na palavra «alva» como atributo da personagem.

O vento (agente fecundador, no quadro de Boticelli, das águas donde nasceu Vénus) leva as camisas que a rapariga lavava para o meio da água — onde ela, alva e em ira, vai também. As camisas (roupa feminina bem mais íntima do que a palavra moderna designa), isto é, a qualidade núbil da donzela; levadas pelo vento, o transportador do pólen, o amante; para o meio da água, símbolo da fertilidade, origem da vida.

Na sugestiva abstracção da sua linguagem, D. Dinis atinge uma violência sexual insuspeitada quando se atenta apenas na significação literal do poema. «Meteu-s'alva em ira eno alto» tem uma ferocidade de bacante, a fúria dum súbito deslumbramento despersonalizado do agente que o provocou. Este, simbolizado pelo vento, não tem feições nem identidade própria — só existe pelos efeitos que provoca.

Não era novidade, para D. Dinis, que os provençais, que ele conhecia tão bem que os criticou precisamente pela sua desumanização do amor, não tinham feito outra coisa.

É portanto de notar que este poema é presidido por uma pré-concepção de que as estruturas simbólicas são tão inatas como são, para Chomsky, as estruturas linguísticas; mas que, porque o seu significado não é acessível ao leitor que, desprevenido, o leia com a linguagem de outro contexto social e de outra época histórica, parece, paradoxalmente, servir aqueles que defendem a noção de que as estruturas linguísticas são uma construção social. O facto de ser possível obter a chave necessária para a sua compreensão não prova inevitàvelmente, nem inevitàvelmente desprova, que as estruturas se mantiveram imutáveis (como seria o caso, sendo elas inatas) e que só a sua apresentação se modificou. Só prova, se alguma coisa tem de provar, que se manteve imutável aquilo que a estrutura poética e, para a entender, a estrutura crítica instituíram — o mesmo significado de ambas independente mas, em si próprio, não significante.

HELDER MACEDO

INSTITUTO DE LÍNGUAS
Sede: R. SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 30-1.º
Tel. 5 45 30
ANEXOS:
Largo do Chiado, 15, 3.º — Telefone 36 70 02
Avenida Manuel da Maia, 46, 1.º — Telefone 72 14 98

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
ACEITAM-SE NOVAS INSCRIÇÕES
A PARTIR DE 15 DE SETEMBRO

Inquérito sobre a dobragem

(Continuação da 5.ª página)

com outros cinemas, mas essa é já outra história que não cabe aqui).

A essa mesma conclusão já se chegou há bastantes anos no estrangeiro, onde também se faz uma destrinça semelhante com os filmes exibidos em versão integral nesses quase verdadeiros cinemas de «arte e ensaio», para espectadores que em geral são conscientes e exigentes em matéria de integridade da obra fílmica.

É claro que o facto de este sistema estar implantado no estrangeiro, não significa isso a sua indiscutibilidade. No mesmo sistema económico, os interesses são os mesmos, neste caso os interesses dos lucros possíveis de obter num mercado mais vasto. Deve ser isso a que António de Macedo se refere ao lembrar-se com a lágrima ao canto do olho dos 8 milhões e 700 mil consumidores em potência de todos os «Capricho Cigano» e «A Quadrilha do Grande Cérebro» que passariam a ser profundadamente instrutivos se fossem falados em português, além de acabar com a tortura de obrigar esses mesmos milhões de pessoas que arrancaram com dificuldade a instrução primária, a soletrar um pouco mais ràpidamente.

E o que é curioso, neste caso, é que já assisti, em férias numa aldeia, a sessões de TV em estabelecimentos públicos e no salão paroquial (mea culpa), em que séries passadas em versão original, cujas legendas nunca pareceram constituir grande dificuldade para as bastantes crianças, adolescentes e adultos que a elas assistiram.

A não ser que o facto de essas sessões serem gratuitas tenha tido influência no fenómeno, visto que a qualidade daquilo que viam não era em nada superior aos tais «Capricho Cigano» e «A Quadrilha do Grande Cérebro» que tiveram pouca afluência nas vilas da redondeza, filmes estes muito coloridos, projectados em «écrans» de grandes dimensões, e as letras das legendas até eram bastante maiores.

Aceitando porém, que para o desenvolvimento em Portugal das estruturas da indústria em que se suporta a arte do cinema, seria benéfica a dobragem, teríamos que aos 8 milhões e 700 mil possíveis espectadores, na realidade cerca de 25% dos espectadores de facto, continuaria a ser dada a possibilidade de verem os mesmos maus filmes, mas desta vez dobrados em português, o que não lhes aumentaria o nível, reservando-se para os restantes 1 milhão e 300 mil indivíduos de Lisboa e Porto, que fornecem cerca de 70% da totalidade dos espectadores, a possibilidade de irem aos tais cinemas de «arte e ensaio», que só nestas cidades (ou só em Lisboa) existem, e ter assim acesso á obra integral.

Sendo embora a percentagem mais elevada de espectadores aquela fornecida pelas duas cidades, parece haver nesta argumentação o desejo de contentar a tal minoria, e não a finalidade última e essa sim, indiscutível, de lutar por uma subida de nível cultural da população, que continuaria da mesma forma a consumir subprodutos, pois não é de crer que os cinemas de província se abalançassem a levar filmes de realizadores do estilo de Antonioni, Godard, Resnais, Bergman, ou se o fizessem, seriam também as minorias desses centros populacionais que os iriam ver e, acidentalmente, acrescidos de citadinos em férias. Claro que esse também já é outro problema, qual seja, o do baixo nível cultural da população, mas não será decerto a dobragem que o vai resolver.

Quanto á tal minoria — composta de insatisfeitos e ingratos, que não mereceriam tantos desvelos — ficaria com a magnífica possibilidade de continuar a ver obras de cinema em versão original, desde que atendessem a uma certa qualidade; essa escolha seria feita por um grupo de indivíduos, de que ninguém saberia os nomes, numa hipótese; noutra hipótese, poderia ser essa escolha feita por uma «Comissão de Escolha», escolhida por sua vez entre as «prestigiosas figuras do Cinema Português», que continuariam assim a dar o melhor do seu esforço e das suas indesmentíveis qualidades, em troca de uns honorários pràticamente simbólicos em mais uma Comissão. Ou até talvez os membros da Comissão de Censura (quem serão?), embora com sacrifício dos seus afazeres, pudessem acumular essas funções. Quem melhor do que eles, que já suportam o penoso fardo de ter que decidir o que é moral ou imoral, conveniente ou inconveniente politicamente, de ter que decidir o que é de escamotear ou não aos olhos desses tais possíveis 10 milhões de espectadores, quem melhor do que eles, dizia, poderá também escolher entre os filmes já escolhidos pelos Distribuidores, aqueles filmes que mereçam a honra de serem também exibidos para uns tantos maduros, em cinemas de preços mais elevados.

Até será mais prático, pois a mesma Comissão poderá fazer os dois trabalhos simultâneamente, com a vantagem de ser mais rápido. Primeiro, selecção dos filmes. Segundo, cortes.

Para o caso de os altos interesses financeiros de uns, conjugados com os desinteressados interesses culturais de outros, vencerem a causa da dobragem, impondo-a em Portugal, aqui fica a sugestão.

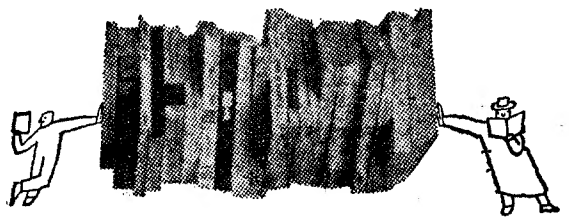
GERALDES LINO

DENIS CINTRA

(Estudante)

AH, A DOBRAGEM! Um outro que fala por mim ou em que falo por outro. E ninguém sabe de nada. Enganavam-nos a todos e eu não gosto disso. É tudo como se os filmes de Charlot fossem ditos por um locutor mil novecentos e sessenta e nove. E eu não gostaria disso. Além de que, estèticamente, é de muito mau gosto.

Se concordo com a dobragem agora, em Portugal? Pois com certeza! O que é preciso é que todos continuem a não saber ler, a não saber escrever. E que aprendam a ouvir. Ouvir e calar. Se em vez de se pagar a artistas, estúdios, técnicos, etc., para se proceder à dobragem, se ensinasse a ler, tenho quase a certeza de que as salas de espectáculo de aldeia se encheriam. De público para ir ao cinema, não de público para assistir a deturpações mais ou menos bem feitas. Se me engano, desculpem. Mas eu não gostaria de ser mais enganado. Preferia que me deixassem ficar no cinema mudo...



ESCAPARATE

Título — «A Evolução Humana» (2.ª edição)
Autor — Romeu de Melo
Género — Ensaio
Colecção — Cultura Contemporanea, n.º 2
Pref. (ou coord.) — Autor
Capa — Correia de Pinho
Preço — 60$00

Título — «Pontapés no Traseiro»
Autor — Roussado Pinto
Género — Contos
Colecção — Autores Portugueses, n.º 4
Preço — 45$00

Título — «O Encoberto»
Autora — Natália Correia
Género — Teatro
Colecção — Teatro, n.º 2
Capa — Correia de Pinho
Preço — 40$00

Título — «Crime Perfeito»
Autor — Henry Kane
Género — Policial
Colecção — Policial «Best-Sellers», n.º 1
Tradutora — Teresa Curvelo
Capa — Correia de Pinho
Preço — 45$00

Título — «Mistérios de Asimov»
Autor — Isaac Asimov
Género — Contos policiais da f. c.
Colecção — Contistas, n.º 5
Tradutor — Eduardo Saló
Pref. (ou coord.) — Isaac Asimov
Capa — Correia de Pinho
Preço — 45$00

Título — «So Long Jim»
Autor — Ross Pynn
Género — Western
Colecção — Western, n.º 21
Preço — 20$00

Título — «Armadilha Cósmica»
Autor — Philip José Farmer
Género — Ficção científica
Colecção — Antecipação, n.º 26
Tradutora — Teresa Curvelo
Capa — Silva Palmeira
Preço — 20$00.

Título — «Emprestem-me um Caixão»
Autor — Carter Brown
Género — Confidencial
Colecção — Confidencial, n.º 9
Tradutor — Brito Roma
Preço — 20$00.

motel Alagoas

SAIBA UTILIZAR AS SUAS FÉRIAS OU OS SEUS

FINS DE SEMANA

RESTAURANTE

BAR

BOITE

Todos os apartamentos possuem: Garagem, Sala, Quarto, Cozinha, Casa de Banho, Varanda e Açoteia, onde pode tomar os seus banhos de sol sem ser visto

FAÇA DA SUA SAÚDE UM CAPITAL RENTÁVEL, ATRAVÉS DE MELHOR ACTIVIDADE NO TRABALHO E NA ALEGRIA DE VIVER

Marque lugares pelo telefone 143 de LAGOA—ALGARVE

ou em LISBOA: GRÃO PARÁ—Av. Infante Santo, 56 A-D

Telef. 661036 - 661069

Pascale de Boysson e Laurent Terzieff em «O Tigre», de Schisgal

Apresentação de Murray Schisgal

(Continuação da 1.ª página)

exemplo só: na peça «Os dactilógrafos» o tema do amor e da incomunicabilidade é finamente parodiado nas cenas entre os dois protagonistas, mas o problema da solidão é bem real na cena em que Sylvia fala com os nomes que vai endereçando. (Daí nos parecer Murray Schisgal um autor difícil de interpretar).

É que, ao contrário do que muitas vezes sucede em Ionesco, Schisgal não se limita à crítica da linguagem quotidiana. Para além dela ou, melhor, através dela, tipifica personagens e desenha situações de grande densidade humana e social.

Como alguns personagens de Arthur Miller, as personagens de Schisgal vivem num mundo de ilusões, e como as personagens de Tchekhov esperam outra coisa sem fazer nada para a sua eclosão. Mas as personagens de Schisgal são vistas com uma ironia satirizante que as dimensiona criticamente mas sem as reduzir a caricatura.

As suas peças em um acto — «Os dactilógrafos» e «O Tigre» — são modelares como construção dramática, como crítica aos aspectos mais risíveis da sociedade norte-americana, como demonstração das possibilidades dum teatro que, embora relativamente conservador nas suas estruturas é duma evidente modernidade (em relação ao que cá se faz normalmente, já se vê).

A peça «Luv» (traduzida por «Amor às riscas») parte duma situação de teatro de «boulevard» (o eterno triângulo!) para acabar por levar até às últimas consequências os temas que mais interessam Schisgal e de que já falei atrás. Embora pelo riso, pois trata-se duma farsa (1), Schisgal destrói com uma crueldade minuciosa e implacável toda uma rede de ramificações sentimentais e culturais apoiadas em pura rotina e alimentadas por uma total ausência de autenticidade.

Poder-se-á criticar Murray Schisgal dizendo que tende a extrapolar as suas observações de tal maneira que as suas peças acabam por ser não a radiografia duma sociedade històricamente definível mas uma meditação sobre a vida na sua generalidade, o que o aproxima também de Ionesco. Tal tendência parece-nos de facto limitar um pouco a sua obra. Outra observação ainda se poderá fazer: Schisgal não se interessa pelas raízes da problemática que analisa (é confessadamente um dramaturgo antibrechetiano) limitando-se a uma crítica que não poderá deixar de ser superficial e irrelevante. Estas críticas, contudo, por mais justas que sejam, não impedem que Schisgal seja um autor importante na actual dramaturgia norte-americana.

O breve trecho que apresentamos a seguir pertence à peça «Os dactilógrafos», onde, através duma técnica que Thornton Wilder utilizou na célebre «Longa Ceia do Natal», Schisgal nos dá num dia de acção a vida de dois empregados de escritório que esperam, burocratizados e infelicíssimos, um outro destino, uma outra vida (já irrealizados e irrealizáveis) como as três irmãs de Tchekhov esperavam a viagem para Moscovo.

PAUL — (á máquina) — *Sabe, Syl, estou a pensar numa coisa. Desde miúdo que só pensava em ser independente, viver a minha própria vida, sem ter responsabilidades nem família. Mas, está a ver, tudo o que fiz na vida me levou muito longe dos meus sonhos de garoto. Casei o mais cedo que pude, arranjei filhos logo a seguir. Fiquei numa situação tão difícil que nem pude formar-me em Direito. Não pude viver o género de vida que pensava desejar. Ùltimamente tenho-me perguntado o que queria eu, de facto. Quer saber a resposta, Syl? Quer saber qual é a resposta inevitável? Tenho aquilo que queria ter. O que sou eu? Afinal de contas talvez tudo aquilo que eu queria se resumia em ter piedade por mim mesmo...*

SYLVIA — E há alguém que saiba o que quer, Paul?

PAUL — Você também não sabe?

SYLVIA — Não, já não sei. Antigamente sim, julgava saber, como você, exactamente. Mas se era isso que eu queria porque não o sou?

PAUL — Isso não tem sentido, não lhe parece?

SYLVIA — Jurei a mim própria que na primeira oportunidade deixaria a minha mãe e a minha irmã, que não me importaria mais com elas e seria feliz á minha maneira. Mas aqui estou eu, continuando a viver com a minha mãe, todos os dias pergunto pela minha irmã, o que faz, como está o marido, as crianças... E estou-me completamente nas tintas. Completamente.

PAUL — Há uma porção de coisas para as quais me estou perfeitamente nas tintas e... faço-as. Syl, vejamos isto de perto. É essencial.

SYLVIA — Sempre disse que não há nada mais importante do que cada um se conhecer a si próprio. Quando reparamos que a maior parte das pessoas vive toda a sua vida sem se conhecer, sem chegar a compreender-se a si próprios... é mais do que ridículo.

PAUL — (levantando-se) — *Tem toda a razão.*

SYLVIA — (levantando-se) — *Tentemos compreender o que há por detrás de tudo isto, tentemos compreender.*

PAUL — De acordo, vamos a isso. Porquê?

SYLVIA — Porquê?

PAUL — Porque diz você que deixar a família a tem mais necessidade deles do que eles de você porque não chegou a atingir um desenvolvimento emocional suficiente para esquecer o passado e começar uma vida nova só para si.

SYLVIA — Você mete-se em coisas nas quais é obrigado a falhar. Como se compreende que eu nunca o tenha ouvido dizer que ama a sua mulher? Porque casou tão jovem? Porque não esperou o fim do curso, o que seria uma boa oportunidade para ter êxito?

PAUL — Muito simplesmente porque você tem necessidade de qualquer coisa que eles podem dar-lhe. Isso não tem nada a ver com o anel do seu pai que foi apenas um pretexto que você arranjou.

SYLVIA — Agora estamos mais próximos da verdade. Era necessário que você se precipitasse no casamento, que tivesse filhos e um fardo de responsabilidades impossíveis, exactamente as coisas de que tinha medo. Você tinha de falhar porque não queria ter pena de si próprio mas sim que os outros tivessem pena de si.

PAUL — É isso! Só eles podiam dar-lhe aquilo de que você tinha necessidade. Ninguém mais, nem mesmo um marido: eis a razão porque nunca casou. Agora sim, aproximamo-nos...

SYLVIA — Para que os outros o lamentem e o acarinhem como a uma criança. Você suplicou-lhes o amor que não teve dos seus pais.

PAUL — É isso: você tem necessidade de amor!

SYLVIA — Você tem necessidade de amor, evidentemente!

PAUL — Compreende agora, Syl?

«Os Dactilógrafos»: solidão, problema real — mesmo em paródia

faria feliz? Se o problema fosse só esse, há muito que teria podido fazê-lo. Não, há alguma coisa que você esconde.

SYLVIA — Você não diz a verdade. Se tudo o que você quisesse fosse chorar-se bastaria que se pusesse a um canto para o fazer. Mas não, não se trata disso.

PAUL — Então, o que é?

SYLVIA — Que é que você esconde?

(Enquanto um fala agitando o indicador, o outro dá voltas num círculo estreito abanando a cabeça, desenvolvendo pensamentos diferentes.)

PAUL — Um facto é certo: você interessa-se e não é pouco com o que acontece á sua família, interessa-se mesmo bastante. É por isso que lhe telefona todos os dias, que está sempre a perguntar por novidades da sua irmã. Não pode passar sem eles;

SYLVIA — Como tudo é evidente.

PAUL — Quando principiamos a conhecer-nos pode-se começar a fazer alguma coisa.

(Regressam cada um á sua máquina.)

SYLVIA — Eis uma das conversas mais agradáveis que tive até hoje, Paul.

PAUL — Gostei muito também (olhando o relógio) *...E a tarde passa depressa que é uma beleza.*

SYLVIA — Louvado seja Deus.

CARLOS PORTO

---

(1) Passou há tempos num cinema de Lisboa o filme cujo argumento foi extraído de «Luv». Realizado por Clive Donner e interpretado por Jack Lemmon, o filme intitulava-se «Livra-me desta mulher». «Luv» foi produzido e interpretado em Nova Iorque, onde obteve um grande êxito, por Eli Wallach, o conhecido actor de «westerns». Em França, foi Laurent Terzieff quem revelou Murray Schisgal.

Carlos Portugal:

«EU NÃO SOU EU, SOU A MINHA MÚSICA...»

(Entrevista conduzida por José Duarte)

Carlos Portugal: a balada é um género muito pobre, não é tim para nada, é útil como exercício e só

J. D. — Talvez começar pelo passado...

C. P. — Nasci em Viseu, há 21 anos, mas não me conheço de Viseu, conheço-me do Minho, para onde fui aos 5 anos. Gente mais bruta, mas melhor que a da Beira.

J. D. — Estudou em Coimbra?

C. P. — Estive lá 3 anos. Coimbra é bom, aprende-se, não há pretensiosismos nem gente «pires», coisa que em Lisboa há muito...

J. D. — E o seu passado musical, a sua tradição?

C. P. — A minha tradição musical é serra da Estrela, onde vou passar sempre as férias com a família. A minha família é proprietária, ninguém tem culpa onde nasce... Foi, no entanto, em Coimbra que del conta da Música, foi lá que conheci Adriano Correia de Oliveira. Em Coimbra há muita gente boa e boémia, e é na brincadeira que se vai aprendendo.

Comecei por cantar sem técnica nenhuma. Aqui há coisa de um ano principiei a escolher quem cantava melhor, a ouvir, a estudar, a aprender. Cheguei à conclusão que a balada é um género muito pobre, não é fim para nada, é útil como exercício, e só. Aliás, a música pode muito bem viver sòzinha, tal como a poesia; são criações independentes.

J. D. — Como é que surgiu a oportunidade para você gravar?

C. P. — Fui eu que a procurei. No Porto andei de editora em editora a oferecer as minhas obras. A «Alvorada» aceitou. Já gravei para eles dois 45 rpm e um LP.

J. D. — E grava sempre aquilo que quer?

C. P. — Só o poema é sujeito a determinismos extra-artísticos, para o resto tenho inteira liberdade. Tenho gravado tudo aquilo que acho que é bom.

J. D. — E tem tido sucesso comercial?

C. P. — Gravei em 3 dias um LP e um 45 rpm!!!

Com mais tempo poderia ter sido melhor.

Não houve muita aceitação por parte do público; talvez só o «Arriba Zé», com os ruídos do mar...

Agora foi decidido fazer alguma coisa para se vender. Assim gravei dois temas do folclore já por mim recolhido: «Viva quem canta» e «Óti'Ana» e mais dois temas meus.

J. D. — Quanto já ganhou?

C. P. — Olhe, já ganhei à volta duns 40 contos.

J. D. — Qual é o tipo do seu contrato com a editora?

C. P. — O meu contrato é a «cachet» e confidencial. Julgo ser o maior «cachet» que por cá se paga.

J. D. — Quantos discos seus já se venderam?

C. D. — Através da Sociedade de Autores e feitas as contas, devo ter vendido cerca de 500 discos cá e no estrangeiro (América do Norte, etc.), mas como estive um ano sem gravar e faltam ainda as vendas de 1968, não sei bem...

J. D. — Falou em recolha de folclore. Tem realizado algumas pesquisas?

C. P. — Pesquisar é essencialmente ver, ouvir e falar com os ranchos e os indivíduos. Foi o que eu fiz, principalmente no Minho. Depois é ir para casa e ver o que hoje se pode fazer com aquilo que eles já têm feito há muito tempo.

J. D. — Você gravava o que ouvia?

C. P. — Não, decorava e ia para casa estudar. No meu próximo LP o aproveitamento do folclore é feito exclusivamente com metais: trompa, trompetes, corne inglês, bateria, contrabaixo e piano.

J. D. —E o ritmo da música portuguesa?

C. P. — É isso é, não há uma batida, embora o nosso folclore faça «mexer» as pessoas. Como é possível, havendo uma tradição rítmica tão rica, ainda que a acentuação seja só no tempo forte, como é possível que se façam coisas tão descabidas!

Eu só encontro a explicação na invasão da música americana do pós-guerra, a partir de Glenn Miller. E claro, depois, a música francesa.

Musicalmente somos uns estrangeirados, sem raízes, alheámo-nos do que é nosso, pelo menos até aqui há um ano ou dois atrás.

J. D. — Há possibilidade de se conseguir uma batida, um ritmo que «represente» Portugal, como por exemplo o samba é Brasil?

C. P. — Já tenho feita, uma batida! Vou fazer outra. Vamos lá ver, depois de eu ter 4 ou 5...

J. D. — E «sabem» a português?

C. P. — Sim, sim. Não é compasso alentejano nem minhoto, é uma batida minha, embora tenha um pouco de chula...!

J. D. — Nesse seu novo LP, foi fácil ao bateria executar o esquema rítmico que você criou, ou não?

C. P. — O bateria não é mau. Você compreende, em Portugal só há um bateria que lê música...

Agora é que eu descobri como é difícil fazer boa música em Portugal. Por exemplo, eu e o Pedro Osório (que fez os arranjos para o próximo LP) experimentámos quatro contrabaixistas e como nenhum conseguisse executar o que queríamos foi preciso modificar a pauta! E eram apenas dois simples contratempos...

J. D. — A juventude, em particular a universitária, está na origem deste movimento de renovação da música ligeira portuguesa. Pelo menos, parece. Qual é a sua opinião?

C. P. — Isso do folcore e do estudante universitário metido na música é uma situação que convém explicitar. No meu caso particular eu afastei-me desse meio, especialmente em Lisboa, e não me «gramam» por causa disso. O estudante universitário com uma determinada cultura convence-se que sabe de tudo, música incluída.

Não me consta que Bach tivesse frequentado a «Universitas»...

Música é música, advogado é advogado... Podem coincidir, por acaso. Agora lá por se possuir uma certa cultura, também se querer açambarcar a música...

Aqui no nosso país isto é muito interessante; cada um já sabe *como* há-de ser poeta; um indivíduo *sabe*, e querendo ser poeta *é*.

Todos os dias me aparecem a pedir: «musica-me isto, musica-me aquilo» e sempre a «dizerem» as mesmas coisas. Eu sei que é preciso dizer: «aquele é isto» e «aquele tira aquilo» mas isso não chega para se escrever poesia. Muitos até ousam saber ser músicos... Aprendem 3 tons, até lhe chamam a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª, «põem-lhe» uma letra e chamam-lhe baladas...

E até contam com uma série de organizações com força que os lançam.

Não pode ser.

J. D. — Como acha o ambiente musical de Lisboa?

C. P. — Lisboa é a máquina.

Coimbra é o «caco».

Depois de 3 anos em Coimbra, cheguei a Lisboa e já estou na engrenagem. Chego a verificar que nem tenho tempo para pensar.

J. D. — Qual a sua opinião sobre Luís Cília?

C. P.—Um indivíduo que vai procurar um poeta extraordinário para lançar as suas canções é desonesto para consigo mesmo e para o público por quem comodamente chama para ouvir o poema. Cília é um intérprete muito mau, a sua voz é um horror. Como letrista, as letras não são dele. Como músico tem o seu interesse...

J. D. — e a dupla Duarte-Ciriaco?

C. P. — O seu interesse essencial reside na recolha de folclore que estão a fazer. Valem como pesquisadores.

J. D. — E Maria Teresa Horta-Nuno Filipe?

C. P. — ...Isto é um bocado ingrato estar aqui a falar de outras pessoas... mas considero-os muito maus. A única coisa de que gosto são as orquestrações de Rui Ressurreição.

J. D. — Não vê necessidade de comercializar a sua obra?

C. P. — A comercialização, o purismo... eu tenho isso um bocadinho baralhado... A comercialização total só é possível para tipos desonestos e é negativa. No entanto, para ir ao encontro das massas há que comercializar um pouco.

Em «Viva quem canta» usei um tratamento menos puro para ganhar uns ouvintes; não por mim, por eles...

J. D. — Altruísta...

C. P. — Essa palavra não existe cá no meu vocabulário. Eu não sou eu, sou a minha música. Vivemos num sistema em que, para lançar a minha música, o meu nome tem que ir á frente.

Eu vivo para as minhas músicas, são os meus filhos, a minha mulher é a vida.

J. D. — Vê algum futuro para as suas concepções de música ligeira portuguesa?

C. P. — Para um futuro longínquo eu queria uma música universal, o que só será possível quando pudermos reunir todos os tons regionais e com eles fazer uma música internacional. Hoje ainda se vive a situação transitória dos regionalismos, dos nacionalismos musicais.

J. D. — Carlos Portugal não é um autor muito popular. Como explica?

C. P. — A partir de «Viva quem canta» a rádio descobriu-me. Aliás é o público que «comanda» a rádio. A TV abriu-me agora as portas...

J. D.—Quer citar os seus intérpretes, músicos, poetas preferidos?

C. P. — É difícil; do estrangeiro gosto de muita gente, sei lá... Gosto de ouvir cantar a Amália.

O meu poeta preferido é Pablo Neruda, a «Ode á cebola», a «Ode ao pão»...

(Declarações recolhidas em gravador)

O Visconde d'Aire

Casou-se o visconde d'Aire
E o povo dançou
Bailou e falou
Da dama do conde
Que é bela e moçoila
E a ninguém responde
Porque é que casou c'o visconde
Que é velho
E o povo lá do concelho
Casou-se também

Corre a festa do visconde
À luz do luar
Que o povo a bailar
Se esquece da terra
E de quando em vez
A Rita lá berra
Que a dama foi casar à serra
Que dia
Que o povoléu só dizia
Visconde velhão

(Inédito; a incluir no próximo «LP» de Carlos Portugal)

COLÓQUIO

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO 53

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E. N. P. — Av. da Liberdade, 266 LISBOA-2